



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHis
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA – PPGH**

RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS

EDUCADOR, LÍDER POLÍTICO E AGENTE ECLESIAÍSTICO: entre práticas,
representações e trajetórias de Padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965)

**Campina Grande – PB
2022**

RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS

EDUCADOR, LÍDER POLÍTICO E AGENTE ECLESIAÍSTICO: entre práticas,
representações e trajetórias de Padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História/UFCG, na Linha de Pesquisa História das Práticas Educativas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Professor Doutor Ramsés Nunes e Silva.

Orientador: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva

Campina Grande – PB
2022

- B277e** Barros, Rafaela da Silva Castro.
Educador, líder político e agente eclesiástico: entre práticas, representações e trajetórias de Padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965) / Rafaela da Silva Castro Barros. – Campina Grande, 2022.
88 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva".
Referências.
1. Sociologia Educacional. 2. Poder Simbólico. 3. Cultura Política. 4. Campo Social. 5. Cultura Escolar. I. Silva, Ramsés Nunes e. II. Título.

CDU 316.74:37(043)

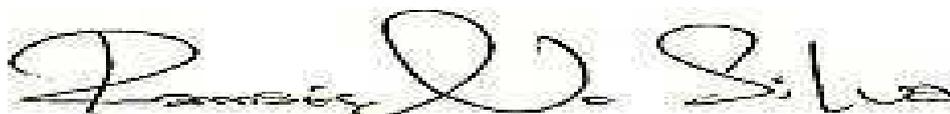
RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS

EDUCADOR, LÍDER POLÍTICO E AGENTE ECLESIAÍSTICO: entre práticas, representações e trajetórias de Padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História/UFCG, na Linha de Pesquisa História das Práticas Educativas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Professor Doutor Ramsés Nunes e Silva.

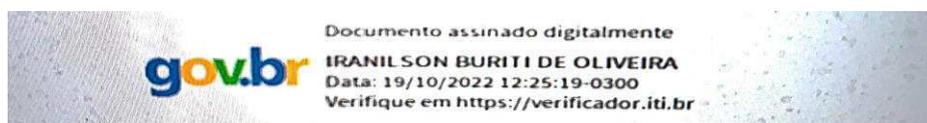
Orientador: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva

Aprovado (a) em: 14/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva UFCG

Orientador



Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira - UFCG

Examinador Interno



Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado - UFPB

Examinador Externo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

As 10:00h (dez horas) do dia 29 (vinte e nove) de setembro de 2022 (dois mil e vinte e dois), de forma on line a partir do ambiente virtual google meet, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) Rafaela da Silva Castro Barros, intitulada: "Educação, Líder Político e Agente Eclesiástico: Entre Práticas, Representações e Trajetórias do Padre Galvão em Pocinhos (1940-1965)", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "APROVADA", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Ramsés Nunes e Silva - Orientador(a), Iranilson Burti de Oliveira - Examinador(a) Interno(a) e Charliton José dos Santos Machado - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e o Coordenador do PPGH José Otávio Aguiar, para os devidos efeitos legais.

Parâcer: O texto atende as exigências da linha três da história cultural das práticas educativas, e contribui de forma efetiva para o município de Pocinhos no âmbito da História da Educação.

Lista de Presença

Orientador(a)	Ramsés Nunes e Silva	
Examinador Interno	Iranilson Burti de Oliveira	
Examinador Externo	Charlilton José dos Santos Machado	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	
Coordenador	Jose Otávio Aguiar	

RESUMO

No presente trabalho buscaremos construir a trajetória de Padre Galvão, vindo do interior de Pernambuco em 1938 e chegou ao município de Pocinhos-PB, mudando os rumos de um povoado anteriormente pertencente à cidade de Campina Grande. Nosso recorte temporal perpassa entre os anos de 1940, momento em que o recém-ordenado padre chegou a Pocinhos, e se estende até o ano de 1965, marco temporal de inauguração da primeira instituição de curso ginasial no município, e que recebeu o nome de seu fundador. Utilizamos os conceitos de Poder Simbólico, Campo Social, Cultura Política e Cultura Escolar à luz de autores como Pierre Bourdieu, René Rémond e Dominique Julia, pensado a atuação de Padre Galvão não somente no meio educacional e religioso, mas principalmente por meio de suas alianças políticas, e ao exercer suas influências na comunidade e fora dela. Utilizou-se como método, a pesquisa qualitativa e reflexiva, percebendo nosso objeto de pesquisa por meio dos discursos e subjetividades e práticas exercidas em Pocinhos ao longo do nosso recorte. Entre nossas fontes, se destacou o Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição com os escritos de Padre Galvão, fotografias de diferentes momentos de sua longa passagem por Pocinhos, periódicos com entrevistas concedidas por esta personalidade aqui estudada e memórias dos moradores de Pocinhos que conviveram com o Padre e a ata de reuniões do Instituto Nossa Senhora da Conceição. É possível reconhecer que Padre Galvão durante sua trajetória em Pocinhos sofre alterações em sua personalidade, assim como Pocinhos tem sua infraestrutura modificada por meio das obras trazidas pelo padre. Os acontecimentos que vão se desenrolando fazem com que sua personalidade percorra outros caminhos e com ela a história do município.

PALAVRAS CHAVE: Poder Simbólico, Cultura Política, Campo Social e Cultura Escolar.

ABSTRACT

In the present work, we will seek to build the trajectory of Padre Galvão, coming from the interior of Pernambuco in 1938 and arriving in the municipality of Pocinhos-PB, changing the directions of a village previously belonging to the city of Campina Grande. Our time frame runs from the 1940s, when the newly ordained priest arrived in Pocinhos, and extends until 1965, the time frame for the inauguration of the first junior high school institution in the city, which was named of its founder. We will use the concepts of Symbolic Power, Social Field, Political Culture and School Culture in the light of authors such as Pierre Bourdieu, René Rémond and Dominique Julia, thinking about Father Galvão's performance not only in the educational and religious environment, but mainly through his alliances policies, and in exerting their influence in the community and beyond. We will use Qualitative and reflective research as a method, perceiving our research object through the discourses and subjectivities and practices carried out in Pocinhos throughout our clipping. Among our sources, the highlight is the Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição with the writings of Father Galvão, photographs of different moments of his long passage through Pocinhos, periodicals with interviews granted by this personality studied here and memories of the residents of Pocinhos who lived with the priest and the minutes of meetings of the Nossa Senhora da Conceição Institute. It is possible to see that Father Galvão during his trajectory in Pocinhos undergoes changes in his personality, just as Pocinhos has its infrastructure modified through the works brought by the priest. The events that unfold make his personality take other paths and with it the history of the municipality.

Keywords: Symbolic Power, Political Culture, Social Field and School Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inauguração do Chafariz Municipal de Pocinhos, 1940.....	19
Figura 2: Inauguração do Chafariz Municipal de Pocinhos, 1940.....	38
Figura 3: Planta baixa do Sanatório e Maternidade São José enviada em anexo para o Presidente da República em 1944.....	41
Figura 4: Fotografia enviada em anexo para o Presidente da República em 1944.....	41
Figura 5: Inauguração do Mercado Público de Pocinhos em janeiro de 1969.....	43
Figura 6: Inauguração da Casa de Saúde e Maternidade São José em maio 1947.....	47
Figura 7: Fotografia aérea do Mercado Público Municipal de Pocinhos.....	48
Figura 8: Fotografia publicada no jornal o Norte em 1953.....	53
Figura 9: Bandeira do município de Pocinhos- PB.....	61
Figura 10: Fotografia de Padre Galvão.....	66
Figura 11: Parte da Lei Nº n. 160/64.....	72
Figura 12: Primeiro aniversário do Ginásio Municipal Padre Galvão. Dia 29/03/1966.....	76
Figura 13: Construção da Capela Nossa Senhora das Graças, na comunidade de Nazaré 1947.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: O LÍDER RELIGIOSO E A CIDADE: A ATUAÇÃO DE PADRE GALVÃO NO CONTEXTO SOCIAL DA CIDADE DE POCINHOS DURANTE O SEU SACERDÓCIO (1938-1954)	23
1.1 PADRE GALVÃO E SUAS PRIMEIRAS “BÊNÇÃOS” EM POCINHOS	23
1.2 A RELIGIÃO CATÓLICA E O PATRIOTISMO NO ESTADO NOVO EM POCINHOS-PB	30
1.3 PADRE GALVÃO EM SUA CHEGADA A POCINHOS: PERSONALIDADE, DISCURSOS E AÇÕES	36
1. 3.1 Padre Galvão, o sacerdote missionário: Ações de Padre Galvão enquanto pároco.....	40
CAPÍTULO II: PADRE GALVÃO E O PODER SIMBÓLICO: REPRESENTAÇÕES DE UMA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA	47
2.1 POSAR PARA A ETERNIDADE: A REPRESENTAÇÃO DE PADRE GALVÃO NAS FOTOGRAFIAS	47
2.2 A IMAGEM DE PADRE GALVÃO E SEU PODER SIMBÓLICO: O SIMBOLISMO DA BATINA PRETA	50
2.3 EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE POCINHOS: OS DISCURSOS DE PADRE GALVÃO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	55
2.4 A CONSTRUÇÃO DO PADRE GALVÃO POLÍTICO	59
2.4.1 Sisal, a fibra que amarrou a primeira eleição municipal em Pocinhos.....	61
CAPÍTULO III: O PADRE, SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: A ATUAÇÃO DE PADRE GALVÃO NA EDUCAÇÃO DE POCINHOS	69
3.1 PADRE GALVÃO E SUA RELAÇÃO COM O INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	69
3.2 FUNDAÇÃO DO GINÁSIO MUNICIPAL PADRE GALVÃO.....	74
3.3 A RELAÇÃO DE PADRE GALVÃO NAS COMUNIDADES RURAIS	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

É bom, é recomendável que nossos textos acadêmicos e científicos tornem-se criação, leituras assinadas.

(FISCHER, 2005)

É na perspectiva de produzir uma escrita assinada que iniciamos o presente trabalho com objetivo de pensar a trajetória do padre José Augusto da Silva Galvão no município de Pocinhos-PB, localizado no interior paraibano, tendo como recorte temporal os anos de 1940 e 1965. Assim como outras tramas por ele vividas em diferentes segmentos sociais tais como na política local e na vida religiosa. Como afirma Fischer (2005), a “escrita de si” se constitui não ao nos dedicarmos a construção da chamada ego-história, ou seja, a produção de uma história das experiências vividas, mas também no presente donde se apresentam momentos como a escolha de um tema, das leituras a se dedicar, entre outros. Desta forma, o presente estudo é fruto também dos caminhos percorridos por esta que vos escreve.

Nascida em uma comunidade rural no município de Pocinhos e carregando as marcas de uma educação em turmas multisseriadas, não deixava de me inquietar com as diferenças educacionais existentes entre os alunos da zona rural e os alunos residentes na zona urbana do município. Para além disso, nos eventos escolares e no próprio nome do colégio em que cursei o Ensino Fundamental II, era obrigada a conviver com nomes de personalidades consideradas ícones. Um exemplo formativo sempre me perguntava: Mas afinal, quem teria sido o Padre Galvão, especialmente para despertar tamanho saudosismo nos pocinhenses da Zona Rural e Urbana? Por que mesmo depois de muitos anos de sua morte, este nome ainda ecoava nas ruas de Pocinhos-PB tamanho sentimento, ora de “amor”, ora de “admiração”? Quem era aquele homem negro, careca e de “olhar ao horizonte”, imortalizado em uma fotografia localizada na entrada da escola que carregava o seu nome? Estas e outras indagações ganharam ainda mais força durante minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso em história pela Universidade Estadual da Paraíba, no qual me dediquei a pensar a disciplina e (in)disciplina escolar no Colégio Municipal Padre Galvão durante a Ditadura Militar (1964-1985), na qual foi possível perceber o saudosismo ainda presente nos relatos de meus entrevistados. Particularmente durante a realização da pesquisa quando citavam o referido padre, vozes embargaram, falas velozes se acalmavam e a conversa era carregada por climas de sentimentos distintos, tornando assim aquele personagem objeto de estudo a ser pensado durante as pesquisas futuras.

Entre elas, a presente pesquisa que tem como objetivo construir uma perspectiva histórico-biográfica da trajetória eclesiástica, política e educacional do padre José Augusto da Silva Galvão no município de Pocinhos entre os anos de 1940 e 1965, tendo como referência sua atuação em três diferentes esferas de poder e os discursos por este tecido e dos que com ele conviveu, seja em documentos escritos ou por meio de relatos orais. Assim como *os sentimentos* que este fez florescer naquela população, através de suas falas e ações e como foi responsável por mudar os rumos do então povoado de Pocinhos.

Escolhemos como recorte temporal o ano de 1940, por ser o momento de chegada e das primeiras atuações de Padre Galvão no povoado, assim como suas primeiras experiências como pároco. Este ano representa também o início de diversas ações do então padre, em prol de questões políticas e sociais em Pocinhos. Passando pelos anos cinquenta, marcado pela emancipação do município em 1953, após severas lutas políticas e discursivas, que podem ser acessadas por meio de periódicos como o jornal “O Norte”; terminando em 1965 ano de inauguração do primeiro curso de ginásial em Pocinhos na instituição de ensino que receberá o nome do padre, e posteriormente se tornará referência em ensino na região, recebendo alunos de localidades como Queimadas, Olivados e Boa Vista. Este será um ano de grande importância no tocante à educação no município de Pocinhos por representar um marco não somente da inauguração do primeiro curso ginásial no município, permitindo o acesso dos pocinhenses a um novo grau de instrução, mas também representando mais um dos signos instituídos por Padre Galvão que pregava o progresso.

Buscando registrar por meio de uma história biográfica a trajetória de Padre Galvão em Pocinhos (1940-1965), assim como as afetividades que permeiam os lugares de memória marcados pela presença e atuação de Padre Galvão no município, iniciamos o presente escrito que visa contribuir não somente de forma memorial para o município, mas com uma história construída por meio de métodos e técnicas típicas de historiadores, colaborando desta forma para História Cultural e História da Educação na Paraíba. Entre nossos objetivos específicos está construir a trajetória de Padre Galvão em Pocinhos pensando-o como líder religioso na cidade e o poder simbólico exercido por ele vestindo sua batina. Buscar perceber, refletir e registra a sua atuação no processo de emancipação política do município e como este foi registrado nas fotografias da época. Por fim, buscaremos analisar a sua atuação no campo educacional e os cenários estabelecidos na educação dos pocinhenses pós-inauguração da primeira instituição com curso ginásial que recebe o seu nome ainda em vida. Cumprindo nossos objetivos aqui estabelecidos, e com a pretensão de construir uma pesquisa voltada para

cultura e práticas sociais e educativas, justificamos a nossa participação na linha de pesquisa História Cultural e Práticas Educativas.

Por outro lado, ao pensar uma escrita biográfica, não poderíamos deixar de levantar algumas reflexões acerca deste gênero que vem ganhando força nos últimos anos. Os escritos biográficos começaram a se fortalecer não só no Brasil, mas também internacionalmente por volta dos anos oitenta. Assim, para tecer os fios de nossa escrita, buscaremos construir a trajetória de José Augusto da Silva Galvão, a luz das discussões teóricas de Pierre Bourdieu como em seu escrito *Ilusão Biográfica* (1981) e algumas reflexões de Benito Bisso Schmidt, a exemplo de sua obra intitulada *Construindo Biografias...Historiadores e jornalistas: Aproximações e Afastamentos* (1997) e Felipe Pena. Não pretendemos tecer com os delicados fios da história mais uma obra biográfica que se proponha a pensar um personagem destituído de seu contexto social, mas este imerso nas circunstâncias, do hoje município de Pocinhos-PB, assim como resultante dos acontecimentos que ali se desenrolaram durante a sua estadia.

Segundo Bourdieu (1986) em sua obra *Ilusão Biográfica* e como a própria titulação nos transparece, os escritos biográficos são permeados por algumas “ilusões”, especificidade tais como: busca por uma sequência de acontecimentos organizados de forma cronológica resultado de uma série de escolhas intencionais com pretensão de produzir um *relato totalizante*, seja este uma biografia ou autobiografia. O autor nos lembra ainda que por mais que busquemos biografias de “indivíduos sociais”, estes não estarão dissociados de uma identidade do indivíduo biológico, que é o seu nome. Este nome é a *unidade do sujeito*, o suporte de seu “estado civil”. Assim, mesmo que este possa estar atrelado a diversos campos sociais (identidade social), será unificado por meio de sua *identidade individualizante*, que é o seu nome. Desta forma, o autor nos chama a atenção para que

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, [...] (BOURDIEU, 1986, p.190).

Desse modo, mesmo que a tentativa de construção de biografias totalizantes resulte em uma ilusão biográfica, quando estas não buscam pensar o sujeito com identidades em constâncias, em si mesmo, com noções de identidades previsíveis, estas podem contribuir no campo científico, acontecimentos individuais estão imergidos em campos e tempos nos quais estes se desenrolaram. Ainda segundo Bourdieu (1986), a tentativa de escrever biografias estabelecendo recortes cronologicamente ordenados pelo tempo, suscita o interesse do leitor

por acessar os seus escritos, mas o autor por sua vez se perde na ilusão de reconstruir a história de vidas particulares de forma linear. Pena (2007, p.42) salienta que muitas vezes o biógrafo tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, e é esta tentativa de construir uma sequência de acontecimentos coerentes com significado e direção, que Bourdieu vem criticar.

Além de Bourdieu (1986) e sua ressalva acerca das ilusões biográficas em meio às “identidades previsíveis”, Schmidt (1997) também sustenta percepções sobre a construção de biografias por historiadores e jornalistas. Este autor nos lembra de que *se existem nuances que só os jornalistas veem, existem nuances que só os historiadores veem*. Destacando o exercício metodológico utilizado pelos historiadores na construção de biografias e a busca e análise de fontes que contribuem para suas narrativas biográficas. Não somente como fornecedoras das informações buscadas e necessárias para preencher as lacunas de sua escrita, mas também observando os contextos e as intencionalidades em que as próprias fontes foram construídas. Trazendo para o seu escrito as sensibilidades dos produtores das fontes que foram utilizadas em sua obra biográfica. Por outro lado, Schmidt (1997) destaca os afastamentos existentes nas produções de jornalistas, como sendo despreocupados com alguns métodos caros aos historiadores.

Entretanto, não poderíamos deixar de destacar, ainda à luz de Schmidt (2003), alguns caminhos por que passou a escrita biográfica ao longo dos séculos e como chegamos ao presente com uma certa volta ou procura pelos escritos biográficos. Schmidt (2003) destaca que com o advento da escola dos *Annales*, escrever biografia como forma de modelos a serem seguidos pela boa conduta, como Santo Agostinho ou mesmo com escritos que tentavam expressar a vida de personalidade em meio a seus pecados, como é o caso da biografia de Rousseau; no século das luzes, a biografia perde espaço. Mesmo sendo o século XIX, o século do individualismo, do autorretrato, do gosto pelos diários e memórias, a biografia acabou sendo exilada dos domínios da historiografia (SCHMIDT, 2003, p. 60).

O século XIX foi marcado pela discussão a respeito do papel do indivíduo na História. Essa, à medida que se constituía como uma disciplina autônoma e com pretensões científicas, acabou menosprezando o estudo de trajetórias individuais, estigmatizando a biografia como um gênero menor, mais próximo do anedótico e do antiquarismo dos amadores (SCHMIDT, 2003, p. 60).

Esse “gênero menor”, condenado por seu caráter narrativo cronológico, factuais, sem preocupações explicativas e analíticas e por se dedicar à escrita da história dos chamados grandes homens, está justificada pela ausência de fontes que permitissem construir a história de

homens comuns, passa no século XX a levar em consideração as críticas tecidas acerca deste gênero, e incorporam uma nova forma de escrever biografias. Historiadores-chave da nova história francesa, que tinha como objeto preferencial as mentalidades, passam a construir sucessivas biografias nas quais a história-problema permanece como horizonte sem abrir mão da narração (SCHMIDT, 2003, p. 65).

É o início do que vamos chamar de nova acessão da escrita biográfica, que surge em meio a uma sociedade de grande instabilidade dos acontecimentos, em que tudo passa muito rápido e se busca por meio da memória uma forma de reviver momentos de coerência e estabilidade. Segundo Felipe Pena (2007, p.42), *é partindo da ausência para fundar outra presença*, tendo a escrita o papel de levar o significa sempre para posteridade. Portanto, as memórias escritas na biografia, exercem o papel de preencher a fenda que se abre em meio a tanta informação e acontecimentos mal vividos. Vemos surgir o que Pena vai chamar de movimento reciclável, *“o ser se apaga, mas, em seguida, inscreve-se de novo”* (PENA, 2007, p.45).

Essa necessidade de lembrar e de ser lembrado, vai trazer a seara da escrita historiográfica à biografia novamente. Não mais como única forma de acessar a vida privada dos indivíduos biografados, tendo em vista as novas possibilidades midiáticas, mas incorporando as críticas que já foram feitas acerca deste gênero e mostrar, que mesmo tão antigo, a biografia ainda pode renovar-se e apontar para novas possibilidades de se compreender, escrever e construir a história (SCHMIDT, 2003, p. 69).

Assim, após elencarmos as críticas e possibilidades tecidas por Bourdieu (1986), Schmidt (1997) e Pena (2007), buscaremos pensar a trajetória de Padre Galvão utilizando o conceito de *Poder Simbólico*, do próprio Bourdieu para pensando a figura de Padre Galvão como detentor de influência em três esferas de poder determinantes: Educação, Política e Religião; possuindo desta forma não somente o capital econômico por meio das propriedades sacerdotais, assim como o capital cultural; que lhes favoreceu assinar alianças ao buscar recursos e intervenções econômicas particularmente dos governos para o povoado que viria a ser denominado de Pocinhos.

A partir do conceito de *Poder Simbólico*, de Pierre Bourdieu (1989), buscaremos entender o poder simbólico somente possível de ser exercido pela aceitação e desconhecimento de sua existência, por aqueles que estão a ele submetidos, é um poder desconhecido. *O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem* (BOURDIEU,

1989, p.8). Este, por sua vez, somente pode ser exercido porque é estruturado em sistemas simbólicos. Para Bourdieu (1989)

Os sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico* (BOURDIEU, 1989, p. 9).

Esse conformismo lógico permite a existência e manutenção do Poder Simbólico no seio do que Bourdieu vai chamar de Campo Social. O conceito de “campo social”, segundo Bourdieu, estaria dividido em campo cultural, econômico, intelectual e simbólico e que, ao estar inserido em determinados campos, os indivíduos deveriam dominar *os habitus* de cada campo. Como as regras de um jogo que devem ser seguidas para adequar-se a uma estrutura já construída e que mantém a constituição de cada campo. Segundo o autor, o *habitus* seria o agir dos indivíduos em cada campo social, independente da classe social, que esteja inserido em um campo social, tais como o religioso, por exemplo.

Existirão regras e comportamentos padrões a serem seguidos por todos que fazem parte do campo. Daí quanto mais domínio o indivíduo tiver dos seus hábitos, maior será o seu poder simbólico. Segundo Brandão (2010):

Bourdieu (1979) chama a atenção para a indissociável relação entre os campos e os *habitus*. O *habitus* é um saber agir apreendido pelo agente na sua inserção em determinado campo. Cada campo, estruturado diferencialmente de forma relativamente autônoma em relação a outros, define-se por uma lógica particular de funcionamento, que estrutura as diversas intenções que nele ocorrem, definindo objetivos específicos a serem alcançados para que os agentes possam manter ou incrementar suas posições relativas na luta concorrencial naquele espaço (BRANDÃO, 2010, p. 231).

Desta forma, para Bourdieu (1989) cada campo, independente um do outro, possui uma forma autônoma, mas mantém em seu interior a concorrência entre seus membros, que é determinada pelo domínio dos *habitus* de cada campo social. Assim, se pensarmos o campo intelectual, quanto maior o conhecimento adquirido pelos indivíduos, maior será seu *poder simbólico* em relação aos outros, mesmo que por exemplo, no campo econômico este sujeito não detenha os *habitus* (capital), necessário para exercer um poder semelhante ao que ele detém no campo intelectual.

Pensaremos ainda à luz de René Rémond (2003), o conceito de *Cultura Política*, entendendo-o como sendo um conjunto de valores e comportamentos políticos que predominam

em uma determinada população. Esta perpassa pelos representantes do Estado e também pelo povo. É o que Rémond (2003) chama de singularidade do comportamento de um povo.

O que se chama às vezes de cultura política, e que resume a singularidade do comportamento de um povo, não é um elemento entre outros da paisagem política; é um poderoso revelador do *ethos* de uma nação e do gênio de um povo (RÉMOND, 2003, p. 450).

E é buscando perceber esta Cultura Política em Pocinhos em meio às práticas de Padre Galvão, durante o nosso recorte temporal, que buscamos construir nossa pesquisa. Pensar a trajetória do Padre José Augusto da Silva Galvão, no município de Pocinhos no interior paraibano, à luz dos conceitos de Poder Simbólico, Campo Social e Cultura Política. Padre Galvão chegou ao então povoado de Pocinhos no ano de 1938 para exercer a função de sacerdote advindo da cidade pernambucana de Ipubi. O município de Ipubi faz parte da Região de Desenvolvimento do Araripe, localizada na Mesorregião do Sertão pernambucano. Aproximadamente aos 21 anos de idade e recém-ordenado, Padre Galvão chegou para sua primeira experiência como sacerdote, tecendo um discurso que parecia disposto a transparecer a sua insegurança no momento de sua posse como pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Logo se envolveu em ações sociais, mas também políticas e econômicas a exemplo da plantação das primeiras mudas de sisal em Pocinhos, plantou o que posteriormente trouxe desenvolvimento econômico considerável e que seria também determinante para a emancipação política do então distrito de Campina Grande (RIBEIRO, 2013, p.124). Participando de forma fervorosa na política do recém-criado município, o Padre deixou sua função da igreja para concorrer às eleições municipais de 1955¹, tornando-se prefeito e passando a alternar o poder municipal com seu aliado político José Alves até 1972, foi responsável pela inauguração do primeiro curso ginasial no município e também da instituição de ensino que se tornou referência na região e que foi denominada com o nome do próprio. Padre Galvão, passou em três diferentes campos sociais oriundos da perspectiva de produção de símbolos culturais, intelectuais e educacionais (cultural, intelectual e econômico, tendo em vista sua trajetória eclesiástica, instrucional e política em Pocinhos).

Assim, Padre Galvão passeando por diferentes campos sociais fez uso do domínio dos *habitus* de cada campo e dos chamados “capitais” (BOURDIEU, 1979). O Padre, exerceu o seu

¹No dia 3 de outubro de 1955 ocorreu a primeira eleição para escolha de prefeito, vice-prefeito e vereadores de Pocinhos. Para prefeito foi eleito Padre Galvão e para vice-prefeito foi eleito Joaquim Limeira de Queiroz. Trecho disponível em: História da Câmara – Câmara Municipal de Pocinhos (camarapocinhos.pb.gov.br).

Poder Simbólico fazendo uso de suas relações políticas e sociais, tendo como recompensa os seus objetivos alcançados: a afirmação de seus laços de Poder Simbólico. Portanto, se a efetivação da plantação do sisal, essa planta até 1944 desconhecida pelo pocinhenses, se efetivou com certa facilidade, se deve também aos discursos tecidos pelo seu pároco no altar da igreja matriz, onde era detentor de capital cultural e intelectual, fortalecido ainda pelo simbolismo de sua batina. Padre Galvão, exercendo certa figura paternalista, incentivou seus filhos/fiéis a acreditarem na promessa da cultura do sisal, assim como diversas outras ações que trataremos ao longo desta dissertação (RIBEIRO, 2013, p.124).

Por outro lado, fazendo uso de seu *Poder Simbólico*, o Padre atuou de forma efetiva em Pocinhos por meios de seus “ensinamentos”, sejam estes religiosos, como educador ou ainda por meio de seus discursos políticos. Sendo essa última esfera percebida no processo de emancipação política do município no ano de 1953 como destaca Ribeiro (2013), Pocinhos o Local e o Geral². Esse Poder Simbólico acaba sendo exercido sob uma parcela de grupos sociais vinculados a sua tutela. Encontra a aceitação dos que são a ele submetidos, tratava-se de uma representante de “Deus” no ambiente escolar, nos palanques políticos, nas ações de caridade, etc. Este que também “representava a ordem e a boa conduta” que devem ser seguidas nas instituições que frequenta. Padre Galvão, assim estaria aos olhos do homem, mas também divino. Ainda segundo Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p.14).

Assim, podemos afirmar que o Poder Simbólico é exercido por ser ignorado como arbitrário por aqueles que são dominados por ele. Os valores de uma classe dominante se impõem àqueles considerados dominados e que os veem como legítimos. E é graças a esta aceitação que este poder se mantém possuindo as ferramentas necessárias para o fortalecimento das estruturas anteriormente impostas que os construíram e os mantiveram. Este poder, que é

² Para completar o quadro de progresso atingido pelo distrito, o padre acrescentou a existência duma “Biblioteca Pública Paroquial”, de um clube “dançante”, de dois clubes de futebol, da filarmônica São José e do “Cine Santo Antônio”, este seria um projetor e uma empanada que se improvisava em qualquer lugar. (RIBEIRO, 2013, p.140). Podemos perceber que Padre Galvão fez uso de sua influência política para elevar Pocinhos-PB a uma realidade que não possuía, mas que seria necessária para sua emancipação Política requerida pelo mesmo a Assembleia Legislativa da Paraíba em 1953.

exercido no interior dos diferentes Campos Sociais por indivíduos que ocupam posições de dominantes, tende a buscar estratégias visando a manutenção da ordem estabelecida e do seu lugar de dominante. Aos dominados restando ou a aceitação das regras estabelecidas por campo com objetivo de exercer posições mais valorizadas na hierarquia do campo social, ou a tentativa de contestação e subversão das estruturas hierárquicas vigentes (NOGUEIRA, 2004).

Bourdieu conclui que, por trás das hierarquias culturais, estão as diferenças objetivas nas condições de existência de cada grupo. Os bens simbólicos considerados superiores seriam aqueles que traduzem, de forma transfiguradas, o universo das classes dominantes. As disputas, acima mencionadas, entre diferentes sistemas simbólicos seriam, assim, uma forma eufonizada de luta de classe. As classificações e hierarquias que resultam dessas disputas seriam, por sua vez, uma versão simbólica das diferentes hierarquias entre classes e frações de classes (NOGUEIRA, 2004, p.45).

Esta *luta simbólica*, presente no interior dos campos sociais, segundo Bourdieu (1989), é mantida por meio do que o autor denomina de *violência simbólica*. Fazendo uso do Poder Simbólico no interior dos diferentes campos sociais, este que é estabelecido de acordo com o capital (social, cultural, intelectual e econômico) que os indivíduos possuem. Esse conjunto de capitais seria compreendido a partir do sistema de cultura, o chamado *habitus* como mencionamos acima.

E é este poder mágico que fez ver e fez crer os pocinhenses nos discursos de Padre Galvão, ao ponto de seguirem suas orientações não somente religiosas, mas também políticas e educacionais. Este poder simbólico é reconhecido e ignorado como arbitrário, que também será de fundamental importância para elegê-lo nas eleições de 1955, tornando-se o primeiro prefeito de Pocinhos.

Além dos conceitos trazidos por Bourdieu (1989) e acima discutidos, também buscaremos perceber as práticas educacionais de Padre Galvão durante sua trajetória no município de Pocinhos à luz do conceito de Cultura Escolar trabalhado por Dominique Julia. Se por um lado Padre Galvão foi visto como principal responsável pela implantação do Colégio Municipal Padre Galvão³, instituição escolar de grande porte que se tornou referência no ensino não somente para o recém-criado município de Pocinhos, mas também para as cidades circunvizinhas por vários anos, este também esteve presente no seio desta instituição, acompanhando eventos escolares como exames de admissão, desfiles cívicos, a disciplina

³ O Colégio Municipal foi fundado em março de 1965 na gestão do prefeito José Alves, inicialmente oferecendo o curso ginásial (Ensino Fundamental). Em 1972, iniciou também a oferta do antigo científico, hoje conhecido como Ensino Médio.

escolar, entre outras práticas educativas que vão contar com a marca do Padre, educador e político, segundo Barros (2017).

A presente instituição de ensino que recebera o nome de seu fundador ainda em vida, ou seja, o termo “Padre Galvão” além de denominar o indivíduo que circulava nos corredores da referida escola, também dava nome à instituição por ele comandada de forma direta e indireta. Por sua vez, buscaremos os instrumentos culturais e práticas educativas presentes nos documentos educacionais e também nos relatos de alunos que vivenciaram estas práticas, as influências religiosas, culturais e intelectuais exercidas por este personagem. Afinal, percebemos que dado ao caráter discursivo e material desenvolvido pela liderança do Padre Galvão o conceito de cultura escolar também nos apresenta uma possibilidade reflexiva. Segundo Julia (2001):

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.10).

Percebendo esta cultura que se buscava “inculcar” nos pocinhenses por meio das práticas educativas, com a atuação de Padre Galvão. Não somente no seio da escola que carregava seu nome, mas também em outras instituições marcadas por sua presença, a exemplo da Escola Rural Jucineide Afonso e do Instituto de Ensino Nossa Senhora da Conceição gerido pela paróquia do município. Se por um lado Padre Galvão registrou no Livro de Tombo da paróquia que em seu primeiro contato com os fiéis pocinhenses relatando que “*foi possível aquilatar o alto grau de formação e educação religiosa de seus paroquianos*”⁴. Posteriormente este esteve envolvido de forma atuante nas instituições educacionais do município.

Atualmente, ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a pensar a trajetória de Padre Galvão no município de Pocinhos, principalmente produzidos por historiadores de ofício. Entre eles podemos citar o trabalho intitulado “Ó Meu colégio és ninho sagrado” de Priscila Lucena Araújo (2014), que ao pesquisar a história do Colégio Municipal Padre Galvão, dedicou alguns pontos de sua pesquisa ao falar sobre a atuação de seu fundador nos primeiros anos após a inauguração. Assim como a obra do professor Roberto da Silva Ribeiro (2015), que destacou em algumas passagens, a atuação de Padre Galvão, no município. Além destas, desconhecemos outros escritos que se enquadram no estado da arte acerca de Padre Galvão no município de

⁴ LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA, *Nossa Senhora da Conceição*, Manuscrito, Pocinhos, PB, 1917.

Pocinhos, informação contata após uma pesquisa realizada entre os trabalhos de conclusão de curso, dissertações e tese de doutoramento publicados nas plataformas de pós-graduação da UFPB e UFCG.

Como interesse de pesquisa para construir a nossas reflexões e narrativas históricas, fizemos uso de documentos diocesanos, mais especificamente o *Livro de Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição*, que contém os escritos de Padre Galvão. Não somente sobre sua atuação religiosa, mas também acontecimentos do cotidiano Pocinhense e suas impressões sobre uma gama diversa de assuntos, assim como sua atuação em ações sociais. O Livro de Tombo, que se encontra no *arquivo da igreja matriz* do município de Pocinhos, foi uma das fontes de nossa pesquisa por meio da análise dos discursos apresentados pelo intelectual eclesiástico incluindo suas impressões sob uma série de temáticas que eram objeto de seu interesse.

Segundo Pinsky (2008, p. 39), os arquivos de natureza religiosa no Brasil, são detentores de uma grande riqueza documental. Estas fontes são ricas em informações que muitas vezes não encontramos em outros arquivos. Apesar de muitas vezes estas serem de difícil acesso, não foi o caso na presente pesquisa, porém foi o único documento encontrado no acervo da paróquia disponível à pesquisa. O *Livro de Tombo*, escrito à mão por todos os padres e alguns visitantes da alta corte da Igreja que passaram por esta paróquia desde o ano de 1917, ano de fundação. Por meio deste documento foi possível perceber também algumas questões sociais cara a este período a exemplo da “ameaça protestante”, a fome causada pelas severas secas, as primeiras iniciativas para o plantio do sisal em terras pocinhenses, as questões sanitárias no município entre os anos de 1940 e 1950 e outras informações, sendo os acontecimentos ao longo do nosso recorte temporal registrados à mão pelo próprio Padre Galvão.

Outrossim, utilizaremos ainda fotografias da época que retratam a atuação de Padre Galvão em diferentes momentos de sua trajetória em Pocinhos. Fotografias que registram momentos como inaugurações de obras públicas, desfiles cívicos, palestras em palanques políticos, entrevistas concedidas a jornais paraibanos, e outras; sempre vestido com sua tradicional batina preta. Traço marcante de sua presença imagética, e ainda fotografias de suas visitas após ter deixado as terras pocinhenses e voltado a sua terra natal; Pernambuco.

Segundo Kossoy (2005), *toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história*. Esta história, que perpassa não somente pelas técnicas produção da fotografia, pela história e estilo estético de seu autor, utilizados para produção do “produto fotografia”, que chega no presente até nós, mas também pensando todo um contexto social e histórico e de imaginação vivenciado por seu autor no momento da produção. Que não deixa de ser impresso nesta imagem, ao

congelar um momento vivido e transformá-lo em objeto. É necessário ao historiador levar em consideração também questões como: Quem produziu a fotografia por ele utilizada, em que classe social estava inserido, quais os materiais utilizados por este em sua produção, quais as cenas mais registradas por este fotógrafo. Estas informações permitem ao historiador, ao utilizar a fotografia como fonte, poder percebê-la não somente como registro imagético de um momento vivenciado no passado, mas também como um produto muitas vezes comercial de um determinado contexto histórico.

Entretanto, vale ressaltar a necessidade defendida por Kossoy (2012, p. 57) de diferenciação entre a “História da Fotografia” e a “História através da Fotografia”. Não estamos aqui afirmando, que ao fazer uso da fotografia como fonte de pesquisa, o historiador deve trazer em seu texto a história da fonte utilizada, mas atentar para os três elementos essenciais para a realização de uma fotografia: O assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Possibilitando desta forma uma visão mais embasada acerca da fonte a utilizar.

Toda imagem tem atrás de si uma história. Se, enquanto *documento*, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto *representação*, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo (KOSSOY, 2005, p. 41).

Enquanto pesquisa histórica buscaremos pensar a fotografia como *documento*, reconhecendo as diversas possibilidades de acessar informações implícita e explicitamente impressas nestas fontes imagéticas, produzidas ao longo da temporalidade aqui estudada. Mesmo que esta ainda seja uma fonte, segundo Kossoy (2012, p. 30), alcançou plenamente o *status* de documento, devido à maior importância conferida às fontes impressas.

Segundo Meneses (2001), as fotografias não devem constituir objeto de investigação em si, mas vetores relevantes para investigação de aspectos relevantes na organização, no funcionamento e na transformação de uma sociedade. Estudar apenas por meio das fontes visuais, corre-se o risco de fazer uma história iconográfica de fôlego curto, e antes de mais nada documental (MENEZES, 2001, p.150). Este sem dúvida não é o nosso objetivo na presente pesquisa, mas buscar por meio das fontes imagéticas, chamar ao texto resquícios visuais das passagens de Padre Galvão por Pocinhos-PB.

Perceber como a figura deste personagem foi “congelada” em momentos de inaugurações de obras públicas, comícios políticos, demais solenidades e eventos cotidianos. Como Padre Galvão, colocado como visionário atualmente, foi registrado pelas câmeras dos fotógrafos pocinhenses na época. Aspectos como: Postura, vestimentas, aliados políticos;

posicionamentos em eventos sociais, expressões faciais e outros; são alvo de nossas reflexões, assim como pensar quem estava por trás da produção destas imagens e seu estilo fotográfico predominante.

Além do *Livro de Tombo* e das fotografias, utilizaremos ainda recortes de jornais com entrevistas concedidas pelo Padre Galvão destacando a sua influência e atuação não somente entre os limites do município de Pocinhos, mas também em outras localidades paraibanas. Sua presença marcante nas páginas de Jornais como “*O Norte*”, em busca da emancipação política do povoado de Pocinhos, mas também alguns embates com outras personalidades políticas paraibanas, nesta batalha de discursos e ações, que Padre Galvão saiu vitorioso ao alcançar seu principal objetivo, estarão presentes também em nossa escrita.

O uso do jornal como fonte histórica, nem sempre foi aceito com bons olhos pelos historiadores por conter fragmentos do presente e influxo de interesses, compromissos e paixões (PINSKY, 2008, p. 112). No século XIX, a busca pela verdade histórica deixou à margem o uso do jornal como fonte das pesquisas históricas. Sendo acusado de ser “enciclopedista do cotidiano” e apresentar somente imagens parciais, distorcidas e permeadas pela subjetividade do momento. Em meados do século XX, começaram a surgir trabalhos pioneiros, mesmo que ainda de forma tímida, que defendiam a possibilidade do uso dos jornais como fonte histórica a exemplo dos trabalhos de Ana Maria de Almeida Camargo, que alerta sobre as armadilhas da imprensa, a exemplo de queremos buscar nos jornais apenas a confirmação do que acreditamos, porém, abordar as possibilidades do uso dessas fontes no meio acadêmico ainda por volta de 1960 (PINSKY, 2008, p. 117). Segundo Pinsky

O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica. A tese de doutoramento de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo (1973)*, já indicava esse caminho ao valer-se da Linguística e da Semântica para estudar o vocabulário político-social presente num conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e o início da Regência (1827 e 1835) e identificar os matizes da ideologia dominante num momento de acirrada disputa pelo controle dos quadros políticos e burocráticos da nação recém-independente (PINSKY, 2008, p.118).

O jornal começava a ganhar o seu espaço na seara da escrita da história. Também ainda no século XIX, vimos surgir o que Pinsky (2008, p. 134) chama de *imprensa ilustrada*, a presença da imagem nas páginas de jornais que vão contribuir para fornecer ainda mais informações acerca das narrativas escritas que permanecem preservadas nas folhas amareladas dos jornais, e que chegando atualmente até nós, historiadores do presente, nos oferecendo uma

fonte histórica ainda mais rica, que reúne fonte imagética e impressa em um só suporte. E é fazendo uso de impressos de jornais como esse, que além de nos possibilitar acessar materiais e entrevistas concedidas por Padre Galvão acerca de diversos assuntos, e pensando nas possibilidades que podemos alcançar, que elencamos o jornal como mais uma de nossas *fontes de pesquisa*.

Por fim, buscaremos perceber nos discursos tecidos atualmente por moradores de Pocinhos que conviveram com Padre Galvão, seja como *estudantes, comerciantes do sisal, músicos da banda marcial São José* por ele fundada, *religiosos frequentadores de suas missas*, entre outros; quem foi Padre Galvão para eles e para cidade de Pocinhos. Buscamos perceber por meio destes discursos, como Padre Galvão é visto hoje no município e quais são os resquícios de sua influência política, religiosa e educacional. Em meio a tentativa de ser “lembrado na história”, como hoje este personagem é visto pelos moradores de Pocinhos que conviveram com o mesmo. Desta forma, buscamos por meio da fonte oral proporcionar confrontar as informações obtidas nos documentos escritos e imagéticos, para que possamos construir uma narrativa embasada por meio de “lentes” diversificadas.

Entretanto, não deixando de destacar a importância de perceber a fonte oral como mais uma ferramenta para a construção de nossa narrativa, sem deixar de considerar que os relatos aqui utilizados como fonte históricas são produzidos por indivíduos singulares com determinadas personalidades construídas a partir de diferentes vivências ao longo de suas vidas. São seres psicológicos e seus relatos uma seleção de suas memórias por eles escolhidas ao se depararem com um entrevistador e um gravador. Como afirma Pinsky (2008)

A entrevista de História oral deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais. Trata-se, pois, de uma fonte ajustada a um importante paradigma das sociedades ocidentais contemporâneas: a ideia do indivíduo como valor. O indivíduo único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo, e o pesquisador que opta por trabalhar com a História oral deve ter consciência de que está lidando com uma fonte que reforça esses valores (PINSKY, 2008, p. 169).

Portanto, pensamos a fonte oral utilizada no presente trabalho como mais uma possibilidade para contribuir na construção de nossa narrativa a partir de diferentes lentes, mas pensando a fonte oral em meio ao contexto de sua construção e que está é fruto de uma seleção de memórias de nossos entrevistados que estão mergulhadas em suas identidades.

Temos como método historiográfico a análise de discurso, fazendo uso de diferentes fontes contendo narrações discursivas, sejam escritas, jornalísticas ou orais. Buscaremos refletir acerca das subjetividades empregadas nestas narrações acerca de Padre Galvão, assim como ao

analisar os escritos feitos por ele, quem foi o Padre Galvão que chegou em Pocinhos em 1938 e como seus discursos atrelados às suas ações vão ganhando novos rumos, e com ele a história da cidade. Por outro lado, quem foi o Padre Galvão, lembrado por aqueles que conviveram com ele, assim como por suas falas registradas em diferentes suportes por volta de 1965.

Para melhor entendimento do leitor, dividimos o presente trabalho em três diferentes capítulos, sendo o primeiro dedicado a pensar como estava a conjuntura de Pocinhos por volta dos anos de 1940 e 1950, em meio aos acontecimentos estaduais e nacionais. Quem era Padre Galvão antes de chegar a este povoado, sua instrução e concepções religiosas e políticas, as questões sanitárias em Pocinhos durante este período e suas ações enquanto sacerdote. No segundo capítulo, buscaremos apresentar o simbolismo do Padre e a busca pela emancipação política do município de Pocinhos, a influência de sua batina e até onde a voz de Padre Galvão ecoou em busca de seu objetivo. Por fim, pensaremos suas contribuições e marcas na educação dos pocinhenses, assim como sua atuação como educador no colégio que carrega o seu nome até os dias atuais.

CAPÍTULO I: O LÍDER RELIGIOSO E A CIDADE: A ATUAÇÃO DE PADRE GALVÃO NO CONTEXTO SOCIAL DA CIDADE DE POCINHOS DURANTE O SEU SACERDÓCIO (1938-1954)

Figura 1: Inauguração do Chafariz Municipal de Pocinhos, 1940.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriana Souto (1940).

1.1 PADRE GALVÃO E SUAS PRIMEIRAS “BÊNÇÃOS” EM POCINHOS

O termo “bênçãos” tem por finalidade trazer um duplo sentido que faz referência às primeiras missas celebradas pelo padre na igreja matriz, já que estamos tratando do período de seu sacerdócio, assim como de suas ações sociais enquanto Padre. Entretanto, é importante fazer inferência acerca das possibilidades de interpretação do termo, deixando a cargo do leitor fazer o seu juízo de valor acerca de quais bênçãos estamos nos referindo. Padre Galvão, que chega a Pocinhos em 1938 para ocupar o altar da paróquia e zelar pelas almas de seus paroquianos, e para refletirmos acerca de suas ações ao longo de seu sacerdócio iniciaremos, mesmo que esta seja considerada uma metodologia de escrita fora da linha inovadora atualmente, ou em uma linguagem mais informal, esteja fora de moda na historiografia recente, levantando discussões sobre o período em que Padre Galvão chegou a Pocinhos.

Não temos a pretensão de escrever de forma cronológica e linear ou cair no que Bourdieu (1989) denominou de *Ilusão Biográfica*, ressaltamos que a nossa pesquisa abordou apenas alguns aspectos da vida social, política e religiosa de Padre Galvão em Pocinhos, em um determinado recorte temporal anteriormente já citado, e que não se trata de um apanhando completo de todas as ações, em todos os aspectos da vida de Padre Galvão no município. Trata-se, na verdade, de mais uma contribuição com viés historiográfico, utilizando métodos e normas típicas no campo da escrita da história, que tem o objetivo de ressaltar pontos que ainda não haviam sido tocados pelos memorialistas e contribuir desta forma com uma nova visão acerca desta personalidade e conseqüentemente para a construção da História Local.

A chegada de Padre Galvão em Pocinhos é permeada por três questionamentos iniciais, que nos fizeram desenvolver a presente pesquisa, este que foram levantados por nós desde os primeiros passos de nosso projeto. Quais seriam os motivos que levaram este “padre” a ser denominado como “carismático e populista” na obra “Pocinhos o Local e o Geral” publicada setenta e cinco anos depois de sua chegada a esta comunidade? Que “Pocinhos”, Padre Galvão encontrou e quais as ações sociais desenvolvidas nos anos em que ocupou a função de sacerdote do então povoado? Que acontecimentos fizeram com que seus discursos tecidos no *Livro de Tombo*, uma de nossas principais fontes de pesquisas, ganhassem novas formas ao longo dos anos? Esses são alguns de nossos pontos norteadores para nossa pesquisa.

Padre Galvão logo se destacou por buscar assistência para a população mais pobre da cidade, assim como de recursos para a construção da primeira Casa de saúde visando zelar pela saúde de seus paroquianos, assim como com sua atuação por meio de sua influência política e religiosa na inauguração de instituições escolares como o Colégio Municipal Padre Galvão, que recebe o seu nome com ele ainda em vida. Mostrando através de suas alianças que não estava disposto a deixar Pocinhos-PB como havia encontrado. Essas suas práticas, que perpassavam pela beneficiamento da coletividade, alianças políticas e construção de uma figura que foi imortalizada na história do município de Pocinhos, e foi nosso objeto de estudo que enquadrou-se em um estilo de escrita de história biográfica, sem deixar de pensarmos também que intenções teriam este pernambucano em fazer crescer aquele pequeno povoado onde chegou para exercer sua primeira administração paroquiana e que benefícios pessoais estariam por trás de seus esforços.

Para tanto, teremos como referência alguns apontamentos sobre história biográfica supracitada nos últimos anos, e as reflexões que cercam ao escritos biográficos na atualidade, em meio a chamado “volta da biografia”, a exemplo de alguns escritos de Benito Bisso Schmidt como “*Biografia e regime de historicidade*” e “*O gênero biográfico no campo do conhecimento*”

histórico” (2003); *“Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”* (1996), buscando refletir o gênero biográfico revestido do que veio a ser chamado de biografia renovada e pensar a trajetória individual como fruto de um contexto social, temporal e de subjetividade humana, está que transborda por meio dos discursos tecidos e ações efetivadas por meio de um poder simbólico.

Observando o contexto social, político e religioso, além de perceber o momento conturbado em que o Brasil estava passando e a aliança do Estado com a Igreja Católica, iniciamos nossa narrativa neste primeiro capítulo. Desta forma, destacamos qual era o papel desta Igreja Católica durante o período de atuação de Padre Galvão em Pocinhos; assim como ressaltamos alguns traços de sua personalidade registradas por meio de seus discursos tecido no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. O “ser homem”, travestido no “ser sacerdote” e na construção de um “ser político”, trouxeram a Pocinhos, por meio de seu Capital social benefícios para o melhoramento da qualidade de vida de seus paroquianos, assolados pelas secas e a falta de oportunidade de trabalho e por outro lado prestígio e poder para o até então desconhecido Padre Galvão.

Chegando em Pocinhos no ano de 1938, Padre Galvão inicia a sua atuação na presente localidade no mesmo período em que o Brasil vivenciava o chamado Estado Novo. Um novo regime de governo orientado por regras legais e políticas, que inicia com os movimentos políticos e ideológicos por volta da década de trinta e que resultaram na Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder, quebrando a conhecida política do café com leite, que consistia na alternância no poder das oligarquias de São Paulo (café) e Minas Gerais (leite).

Estava presente no mundo a crença no fracasso do liberalismo e que este seria incapaz de solucionar problemas sociais, sendo necessário um estado “forte” com líderes “fortes” para solucionar os problemas enfrentados pelas classes populares. Estas crenças surgiram a partir de acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, fazendo brotar no cenário internacional e também no Brasil o descrédito com os sistemas democráticos e a necessidade de soluções para questões do povo (CAPELATO, 2019, p.113).

Uma das soluções propostas era a do controle social através da presença de um Estado forte comandado por um líder carismático, capaz de conduzir as massas no caminho da ordem. Essa política foi adotada em alguns países europeus, assumindo características específicas em cada um deles. Regimes como o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha foram constituídos nessa época. O sucesso das experiências italiana e alemã serviu de inspiração para reformas políticas que ocorreram em alguns países latino-americanos: Brasil e Argentina, especialmente (CAPELATO, 2019, p. 113-114).

Essas inspirações atreladas às dificuldades econômicas resultantes da queda na bolsa de valores de Nova York em 1929 serviram de fertilizante para preparar o terreno para a Revolução de 1930, que foi deflagrada pós o resultado das eleições presidenciais em março do mesmo ano. Em meio as insatisfações dos paulistas com o governo de Washington Luís no enfrentamento da crise, lançava-se para concorrer às eleições em 1930 Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa como vice, apoiados pelos democratas paulistas (FAUSTO, 2009, p.178-179)

Todo esse clima de tensões políticas, sociais e econômicas ganhou ainda mais combustível com o assassinato do ex-candidato à vice-presidência da república João Pessoa em uma confeitaria no Recife em julho de 1930, por um rival político motivado por assuntos públicos e privados. O ocorrido serviu para esquentar os ânimos no país que resultaria na subida de Getúlio Vargas ao poder.

O movimento revolucionário de 1930 no Brasil insere-se em uma conjuntura de instabilidade, gerada pela crise mundial aberta em 1929, que caracterizou toda a América Latina. Ocorreram aí onze episódios revolucionários, predominantemente militares, entre 1930-1932. O golpe militar do general Uriburu na Argentina (setembro de 1930) teve um efeito de demonstração no Brasil, onde foi saudado, nos meios de oposição, como exemplo a ser seguido (FAUSTO, 2009, p.181).

Getúlio Vargas, desembarcou no Rio de Janeiro fazendo uso do simbolismo regional usando um chapéu de pampas para representar a vitória de sua região, o que mudaria posteriormente com a busca violenta pelo fortalecimento do poder central. Chegando à presidência como representante popular, o líder carismático que tornaria o Estado forte e capaz de resolver as questões sociais agravadas pelo liberalismo, representava também um momento de possibilidades em que diversas questões estavam sendo colocadas em pauta, o que trouxe aos primeiros anos do governo de Vargas uma certa instabilidade.

O novo presidente, buscou por meio de seus atos fortalecer cada vez mais o poder do Estado fazendo uso de ações repressoras, utilizando para isso justificativas como combater a ameaça comunista, sendo de maior importância para o país. Em 1937 liderou o golpe promotor do Estado Novo, que dissolveu o Congresso e outorgou uma nova Constituição à nação (CAPELATO, 2019, p.121). Estava instaurado o Estado Novo que foi marcado pela extinção dos partidos e do parlamento, sendo nomeados interventores para governar os estados, além da censura que coibiu qualquer movimento contrário ao governo fazendo uso de violência. Durante o Estado Novo podemos destacar ainda a criação de leis trabalhistas e o controle dos sindicatos, o incentivo à produção de cinema nacional e a exigência de propagandas que enaltessem o

regime, além da censura nestas produções, a aproximação de ideologias nazifascista e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ao lado dos americanos.

Portanto, podemos afirmar que o período da chegada de Padre Galvão a Pocinhos foi marcado por diversas transformações no cenário político nacional e também estadual, transformações que não deixaram de influenciar os primeiros passos de Padre Galvão nesta localidade. A Paraíba por sua vez, presenciou a participação efetiva no golpe de estado que levou Getúlio Vargas ao poder, seja por meio da figura de João Pessoa, que se tornou símbolo mártires⁵ após sua morte ser transformada em combustível de luta contra o governo, seja por se tornar palco para o Poder Central no Norte do país, por meio de figuras como José Américo e Juarez Távora, que foram titulares da Delegacia Militar do Governo Provisório e seu Representante nos Estados do Norte, a nomeação de Interventores em todo o Norte e Nordeste do Brasil, do Amazonas e Bahia (OCTÁVIO, 1994, p. 185).

Instituído o golpe em 1937, os três primeiros interventores paraibanos assumiram posturas distintas em relação às oligarquias locais, para com os coronéis. Antenor Navarro (1930-1932), procurou fortalecer o poder do estado nomeando oficiais da polícia militar para as prefeituras, criou a Guarda Civil para abafar os movimentos contra o governo e extinguiu escolas municipais, ficando a cargo do estado ofertar o ensino primário, sendo o controle técnico-pedagógico mais efetivo. Gratuliano Brito (1932-1934) por sua vez, dando continuidade ao que seu antecessor já havia instituído procurou aprimorar a organização fiscal e contábil da administração pública, resolveu os problemas básicos da energia elétrica na capital e no porto de Cabedelo, o que atraiu indústrias para o estado. Argemiro de Figueiredo, eleito por via indireta (1935-1940), foi responsável pela volta dos coronéis ao poder. Seu governo foi marcado pela inauguração do Liceu Paraibano, a avenida Getúlio Vargas, o Parque Solon de Lucena e outras obras importantes de caráter urbanístico na Paraíba. De pensamentos distintos, foram responsáveis no âmbito estadual pelos primeiros dez anos do governo de Vargas.

O primeiro, urbano e radical, imaginava Estado centralizado que subjugasse os coronéis, hostilizados pelo interventor. De raízes rurais embora plenamente

⁵ Quando presidente da Paraíba João Pessoa por meio de suas ações repressivas causava insatisfações na população, a exemplo da proibição de comércio de mercadorias para outros estados sem que passassem pelo Porto de Cabedelo, o que trouxe grande descontentamento aos produtores do interior, que eram obrigados a percorrerem uma distância muito maior até a capital trazendo muitos prejuízos para eles, além da censura e perseguição aos seus adversários políticos. Entretanto, após sua morte, o estado foi tomado por um sentimento de idolatria chegando a mudar o nome de sua capital e as cores de bandeira para homenagear o falecido. O motivo do crime que culminou com a morte de João Pessoa, se misturava com questões de cunho privado e público, mas sem dúvidas o sangue derramado por este em seu assassinato, serviu para aumentar a chama da Revolução de 1930, somando a outros fatores e garantindo a participação expressiva da Paraíba no movimento.

urbanizado, Gratuliano manteve a linha, mas ignorando os coronéis aos quais não afrontou. Com Argemiro foi diferente: de origem e militância rurais, filho e irmão de destacados chefes perrepistas, ocorreu-lhe a montagem de *Estado centralizado de base conservadora* em que os coronéis recuperaram prestígio (MELLO, 1994, p.189-190).

Com a volta dos coronéis e contrariando os pilares do movimento de 1930, a interventoria da Paraíba é assumida por Rui Carneiro de 1940 até 1945, este que se empenhou em manter a estatização, preocupação de seus antecessores. De caráter populista assumiu um viés assistencialista resultando na construção e inauguração de obras como: maternidades, manicômios, centro de puericultura; abrigo de menores, orfanatos, asilos, etc. (MELLO, 1994, p.191), entretanto, segundo nossas fontes, entrou em atrito com as ações de assistência anteriormente desenvolvidas pela igreja católica e não pareceu ter sido favorável às inspirações de Padre Galvão no município de Pocinhos.

Como pontuamos acima; no momento da chegada de Padre Galvão a Pocinhos, o Brasil estava vivendo o chamado Estado Novo (1937-1945). Movimento que começou a ser formulado ainda na década de 1930 com o descrédito do liberalismo e o fortalecimento do tenentismo. Favorecido pelas disputas entre integralistas e comunistas, os primeiros defensores de princípios conservadores, tais como: tema “Deus, Pátria e Família” e com suas ideias de radicalização nacionalistas contribuíram para o fortalecimento do chefe nacional. Por outro lado, os comunistas defendiam princípios como a luta de classes, o anticlericalismo, a emancipação feminina, a revolução socialista, entre outros, como podemos perceber nas palavras de Boris Fausto.

Os integralistas baseavam seu movimento em temas conservadores, como a família, a tradição do país e a Igreja católica. Os comunistas apelavam para concepções que eram mais revolucionárias em sua origem: a luta de classes, a crítica às religiões e aos preconceitos, a emancipação nacional obtida através da luta contra o imperialismo e da reforma agrária. (FAUSTO, 2009, p.195).

A instabilidade provocada pela disputa entre esses dois grupos não permitiu a formação de associações e partidos sólidos para disputar as eleições e abriu espaço para soluções autoritárias, resultando no golpe de estado em 1937. Portanto, em meio ao Estado Novo, Getúlio Vargas destituiu governadores e prefeitos brasileiros, sendo substituídos por interventores indicados por ele. E é em meio a este clima de instabilidade política que Padre Galvão chegou a Pocinhos. Um pequeno povoado que foi elevado à categoria de vila, em março do mesmo ano, por meio de um decreto criado por Getúlio Vargas, que decidiu nomear de “vila” todas as

povoações que são sede de distritos (RIBEIRO, 2013). Assim, Pocinhos tornou-se vila por meio dos primeiros decretos de Getúlio Vargas no novo regime de estado.

Mesmo elevada à categoria de vila, ainda era apenas um pequeno povoado pertencente ao município de Campina Grande, mas que já contava com atuação religiosa e sua paróquia desde o ano de 1917, datação que consta nos primeiros escritos do *Livro de Tombo*. Em sua chegada Padre Galvão registrou suas impressões acerca da comunidade que encontrou no povoado:

Encontrei esta Paróquia regida pelo Pároco de Esperança; Pe. João Honório de Melo. Deste o primeiro contacto com o povo, pude aquilatar o alto grau de formação e educação religiosa dos meus paroquianos. Lendo a minha primeira paróquia, seu tirocínio do pastoreio das almas, procurei seguir as diretrizes dos sagrados cânones relativo aos párocos e à norma tramada pelos meus antecessores, no seu governo Paroquial. Tenho a declarar ter encontrado tudo em perfeita ordem. O asseio da matriz, as suas alfais, testemunham o zelo pela casa de Deus de que estavam incumbidos os meus antecessores (LIVRO DE TOMBO, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Pocinhos, PB, 1938).

Suas impressões acerca da formação religiosa do povo pocinhense foi positiva, não deixando de destacar que a paróquia de Pocinhos também abarcava as comunidades circunvizinhas de Puxinanã, Montadas e Boa Vista, que logo seriam visitadas pelo padre tendo suas principais características também registradas no *Livro de Tombo*. Se por um lado Padre Galvão, encontrou a Paróquia em bom estado de organização, no contexto social e econômico, Pocinhos caminhava a passos lentos para o seu desenvolvimento. Silva (2013, p.121) destacou que em 1938 Pocinhos contava com cerca de 194 casas em sua sede, sendo 8.658 indivíduos em todo o distrito, ficando atrás de Puxinanã com 10.726 indivíduos em todo o distrito e 278 casas em sua sede, estando esta segunda localidade em crescimento.

É possível notar ainda em sua chegada, uma certa preocupação de Padre Galvão com as comunidades de Puxinanã e Boa Vista em detrimento da comunidade local a exemplo da solicitação para a construção de uma capela maior e de um ajudante para realizar trabalhos nestas comunidades. No *Livro de Tombo* Padre Galvão ressaltou que “*Notei que a capela apesar de não ser tão pequena, era igualmente insuficiente para comportar os fiéis. É o distrito de Puxinanã o mais habitado da Paroquia e constituído de um povo exencialmente católico*”. O que podia despertar o desejo de Padre Galvão de transferir a sede da paróquia para Puxinanã, o que não veio a acontecer após a inauguração da adutora entre o Açude Vaca Brava e Campina Grande, descentralizando o tratamento de água, que antes acontecia em Puxinanã e a transferência dos seus funcionários para Campina Grande, perdendo Puxinanã combustível para a continuidade de seu desenvolvimento.

Em Pocinhos, seu crescimento caminhava de forma lenta e contava entre suas atividades econômicas com a produção de algodão, agricultura e pecuária, o comércio e outras atividades, mas que não ganhando muito destaque para impulsionar o desenvolvimento e a emancipação do distrito. Esta emancipação que chegou a ser oferecida ainda em 1930 pelos vencedores da “Revolução” aos Joffily⁶, mas que devido a pretensão de continuar pertencendo a um município de maior expressão como Campina Grande não foi aceito.

A 24 de outubro, cai Washington Luiz. José Américo vai para o Ministério da Viação, enquanto Antenor Navarro oferece a emancipação a Pocinhos como prêmio pela participação dos Joffily no movimento. Estes, pelos motivos já aduzidos, declinaram da honra, preferindo continuar ligando seu nome ao município de Campina Grande (SILVA, 2013, p. 114).

Essa emancipação somente viria acontecer no ano de 1953, como veremos mais à frente. Portanto, podemos afirmar que Padre Galvão chegou a Pocinhos em um momento de pouco crescimento econômico, de um campo político dominado pelos Joffilys, em um contexto social que temia o comunismo e em que começavam a chegar a Pocinhos os primeiros protestantes. Como podemos observar nas palavras do Padre João Honório de Melo, antecessor de Padre Galvão e que em seu último escrito no Livro de Tombo enfatiza que “*o inferno procurou perturbar a boa disciplina e a paz inteira da paróquia, com a infiltração protestante, que vinha de Campina Grande*”. Nesta mesma fonte, Padre Galvão afirmou fazer o possível para combater a *falsidade luterana*, e se incumbiu da responsabilidade de pastoreio das “almas pocinhenses”, para que não fossem iludidas pelos forasteiros de outra religião.

1.2 A RELIGIÃO CATÓLICA E O PATRIOTISMO NO ESTADO NOVO EM POCINHOS-PB

Não poderíamos deixar de pontuar algumas questões caras a relação da Igreja Católica e o patriotismo no Brasil durante o Estado Novo. Como podemos perceber, o período que marca a chegada de Padre Galvão a Pocinhos, está mergulhado em um contexto histórico de

⁶ A família Joffily foi uma das mais tradicionais famílias proprietárias das terras que viria a se chamar posteriormente, de Pocinhos. Além do poder econômico, os Joffily também estiverem muito ligados a política ocupando cargos de grande importância, que em determinados períodos históricos, trouxeram benefícios para o povoado de Pocinhos-PB. Além disto, é possível perceber a atuação desta família no meio intelectual com o historiador Irineu Joffily, que ganhou destaque como um dos primeiros estudiosos a se dedicar à história da Paraíba, deixando contribuições que são revisitadas ainda hoje quando pensamos a escrita da história da Paraíba no período colonial.

transformações políticas e ideológica no país. A chegada de Getúlio Vargas ao poder, trazia para o seu governo uma certa instabilidade, sendo necessário que o novo chefe de estado desenvolvesse estratégias para sua manutenção como presidente. Em um primeiro momento estando contra as oligarquias nacionais, Getúlio Vargas recebe o apoio da Igreja Católica, que será de fundamental importância para a consolidação de seu governo e o desenvolvimento do patriotismo, ingrediente valoroso na construção de um estado forte.

O interesse da Igreja Católica por um estado forte e capaz de prezar por Deus, a família e a pátria, tem os seus primeiros resquícios ainda nos anos de 1920, com o crescimento de religiões como o protestantismo e o espiritismo, responsáveis por afastar dos templos católicos antigos fiéis. Somado a isto a ameaça comunista e a desconfiança em governos liberais, contribuíram para a aproximação da Igreja católica com o governo de Vargas. Fausto (2009) enfatiza que

Uma importante base de apoio do governo foi a Igreja Católica. A colaboração da Igreja Católica e o Estado não era nova, datando dos anos 20, especialmente a partir da presidência de Artur Bernardes. Agora ela se tornava mais estreita. Marco simbólico da colaboração foi a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, a 12 de outubro de 1931 – data do descobrimento da América (FAUSTO, 2009, p.186).

A religião assumia o papel de fomentar um sentimento patriótico, responsável por ensinar aos seus fiéis a profunda gratidão à igreja e aos seus heróis por serem responsáveis pela manutenção da família e por lutar contra a missão inglória de desfibrar a família brasileira (AZZI, 1980, p. 56). Mesmo fazendo uso do autoritarismo e repressão, a “ordem” trazida pelo governo de Getúlio Vargas agradavam aos católicos, que se colocavam como defensores deste regime autoritário. Em contrapartida, o decreto instituído em 1931 que permitiu o ensino de religião nas escolas públicas do país, serviu para agradar ainda mais os fiéis católicos.

O Estado Novo fora implantado sob o signo da ordem, e seus chefes proclamaram desde o início a necessidade da união de pensamento e de ação pela grandeza da pátria. Não era, portanto, ingenuamente que os líderes católicos daquela época enalteciam o valor histórico do catolicismo como fundamento da unidade nacional; era uma maneira de mostrar ao governo que não poderia prescindir da colaboração da Igreja Católica para a manutenção do regime autoritário (AZZI, 1980, p.58-59).

E para a manutenção deste Estado em ordem, a família era vista como a base para o poder nacional, sendo de fundamental importância a manutenção da família tradicional, para isso iniciou-se ações do governo voltadas para a manutenção da constituição da família tradicional por meio de ações como a promulgação do Estatuto da Família redigido inicialmente

por Capanema, ministro da educação e após passar por algumas críticas e reformas resultou em um Decreto de n. 3.200, de abril de 1941, encaminhado à sanção presidencial pelo ministro da justiça, Francisco Campos (SCHWARTZMAN, 1981, p.75-76).

Schwartzman (1981), abordou questões muito relevantes acerca da Igreja e do Estatuto da Família durante o Estado Novo, perpassando pelas proibições de contratação de mulheres para cargos de caráter públicos ou privados, na tentativa de aumentar a população do país e proteger a família tradicional. A inserção da mulher no mundo do trabalho era vista como prejudicial ao aumento da natalidade, assim como a educação de bons cidadãos, já que esta não exerceria com plenitude a função de mãe ou de funcionária. Além disto, campanhas de incentivo a casamento religiosos e barateamento do sacramento e incentivos a natalidade, visavam à constituição de famílias cada vez mais numerosas no Brasil.

Contrário a esta concepção, Oliveira Viana apud Schwartzman (1981), levantou a necessidade de se repensar as estratégias que visavam o crescimento do país. Afirmando que no Brasil a redução da nupcialidade e a redução da natalidade, não se apresentava como empecilho para a constituição de famílias numerosas, e sim as condições para a sua manutenção, como a falta de empregos. Devendo o governo se preocupar com o fomento de novas fontes de riquezas, novos campos de trabalho, na criação de indústrias ou a abertura de novas terras a colonização (SCHWARTZMAN, 1981, p.74). Não deixando de destacar a distinção no incentivo no meio urbano e rural, ressaltando a necessidade de assistência médica para as grávidas e as crianças.

O problema é, pois, novamente econômico, e principalmente rural. Nas cidades já existiriam instituições previdenciárias e assistenciais em grande número, que deveriam ser reforçadas e ampliadas. No campo, no entanto, a situação seria dramática: nesta população do interior, 90% dos brasileiros, segundo seus cálculos, “é que está a base de nosso povo, a sua fonte demogênica preponderante. Ora, é nela, entretanto, que encontramos os coeficientes mais altos de crianças cacogênicas ou mortas na primeira infância”. A solução proposta é a criação de séria de instituições assistenciais para o campo, incluindo o seguro-maternidade, a proteção à mulher grávida, maternidades e ambulatórios em todos os municípios, dispensários, creches, etc. (SCHWARTZMAN, 1981, p.74-75).

Caminhando próximo às concepções nacionais, Padre Galvão pareceu se preocupar com as questões de assistência às grávidas de sua paróquia. Em seu registro referente a 1945-1950 no Livro de Tombo, descreveu a situação sanitária a mortalidade de jovens mães cheias de vida por falta de assistência médica, aos quais lhe concedia o sacramento da extrema unção. Utilizando termos como Deus, Pátria, brasileiro e cristão, deixou transparecer a influência das concepções patriotas cultivadas ao longo do Estado Novo. Padre Galvão enfatizou que: “A

*situação sanitária da minha Paróquia muito deixa a desejar quanto a assistência à infância e à maternidade, não existindo em toda a Paróquia, nenhuma organização as puérperas, nos momentos antes de daí a Deus e a Pátria um brasileiro e um cristão*⁷.

Com esta concepção de “dar” a Deus e a pátria um novo cristão e um novo brasileiro, é possível contatar também uma certa intenção do padre em ressaltar a falta de assistência que segundo ele, ocasionava muitas mortes de jovens mães em sua paróquia, fato que poderia ser revertido com a devida assistência fornecida pelo estado como já defendidas por Oliveira Viana ainda durante o Estado Novo, que não parece ter chegado a Pocinhos. Mais à frente, veremos as ações de Padre Galvão para conseguir recursos para construção de uma Casa de Saúde e Maternidade, e algumas reflexões acerca das questões sanitárias em Pocinhos. Padre Galvão em seus escritos afirmou ter o seu *coração constrangido* ao ser convidado a conceder o último sacramento a essas mães e ao testemunhar brasileiros que serviriam a pátria perecerem sem assistência.

É possível constatar ainda, através do discurso tecido por Padre Galvão, que o nascimento de uma criança representava não somente um cristão para a sua paróquia, mas também *mais um brasileiro que serviria à Pátria* (GALVÃO, 1945, p.23) e que passaria pelos bancos da matriz a escutar os ensinamentos de seu pastor patriota, *para bem servir a nação*, e a morte de cada um desses “brasileiros”, representava uma perda não somente a Deus, mas nação como um todo. Essas inspirações patriotas e sua relação com a Igreja Católica, estarão presentes de forma marcante na trajetória de Padre Galvão no município de Pocinhos.

Como discutimos acima, a falta de assistência médica e as questões sanitárias em Pocinhos não deixaram de serem registradas por Padre Galvão no Livro de Tombo da Paróquia. O padre deixou explícito que a falta de assistência causava muitas mortes de jovens mães e de recém-nascidos, fato que poderia ser revertido segundo ele, se as autoridades estaduais estivessem dispostas a atender os pedidos de recursos, por ele solicitados, para a manutenção da Casa de Saúde e Maternidade São José, esta que segundo seus relatos *“iria fazer grande bem à saúde do povo nas regiões do agreste e do Cariri paraibano”*. Como veremos mais a frente, a Casa de Saúde e Maternidade São José, foi construída com doações feitas pelos paroquianos e recursos conseguidos por Padre Galvão em diferentes instancias do governo.

O sacerdócio de Padre Galvão correspondeu ao período em que Getúlio Vargas governava o país e havia delegado para o cargo de interventor federal na Paraíba Ruy Carneiro. Durante este período observamos o fortalecimento no país de um processo de formulação de

⁷ LIVRO DE TOMBO, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Pocinhos, PB, 1917.

políticas públicas para infância a partir da criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), inicialmente pensada para prestar assistência às famílias dos soldados e pracinhas que foram para os campos de batalhas na Segunda Guerra Mundial e que ganhou força como política pública até meados de 1990 (COSTA JÚNIOR, 2015, p.38). Segundo Costa Júnior (2015), com a LBA no governo de Getúlio Vargas e conseqüentemente nas instâncias estaduais e municipais, a população passou a ser vista não mais em uma base homogeneia, mas em sua heterogeneidade. A população passou a ser percebida em sua força produtiva, classificada e categorizada; passando a criança a ser objeto do estado que deveria ser normatizada, legitimada, ordenada de forma racional para melhor servir a pátria em um futuro próximo.

Na Paraíba não foi diferente. Após substituir em 1940 Argemiro Figueiredo, Ruy Carneiro provocou mudanças nas relações até então vivenciadas entre o estado e a igreja católica. Destacando por sua rede de assistência Monsenhor José Coutinho (Padre Zé), desagradou o interventor por sua influência na sociedade paraibana, o que causou forte resistência de Ruy Carneiro contra a Diocese Paraibana, afastando o clero do governo.

A relação entre o governo e igreja naquele momento tinha como um de seus elementos centrais a concorrência em torno das ações de assistência social oferecidas na Paraíba. Segundo Jean Patrício da Silva (s/d), o padre Zé Coutinho desenvolvia uma série de ações de apoio à população e tendo em vista que umas das características do governo de Ruy Carneiro teria sido um certo “ímpeto assistencialista” isso criou condições para uma rivalidade entre Estado e igreja. Isso marcou uma distinção em relação às ações de caridade até então desenvolvidas, incorporando naquele momento o discurso da filantropia como ação de promoção social pautada em princípios científicos e visando uma racionalização da ação estatal (COSTA JÚNIOR, 2015; p.39-40).

A figura do padre foi sendo substituída pela figura do médico e as intervenções de Ruy Carneiro buscavam cada vez mais deslegitimar a rede de assistência do Padre Zé Coutinho e centralizar o poder no Estado. É sabido que Ruy Carneiro recebeu o estado da Paraíba com dívidas e sua administração foi marcada pela diminuição das verbas para ações de assistência social e desaceleração de obras já iniciadas. Mesmo diante da política nacional de cuidado com a infância e o trabalho com a puericultura, que segundo relatórios da LBA apresentado na edição de agosto de 1948, realizava um “trabalho de catequese” com as gestantes. Segundo esta fonte, as atividades realizadas tinham o objetivo de estimular desde o cuidado com a criança, passando pela alimentação até a vestimenta, sendo ensinados nas maternidades a confecção de peças para o enxoval dos recém-nascidos (COSTA JÚNIOR, 2015. P. 62).

Entretanto, a atenção do estado para com a filantropia não parece ter chegado com mesma força nas cidades do interior paraibano, como podemos perceber na obra de José Júnior (2015) ao analisar o Boletim da LBA, ano II de agosto de 1948, o autor constatou em um texto escrito por Guilherme Joffily Bezerra, então presidente da comissão municipal da LBA em Campina Grande a sua insatisfação com os recursos enviados pelo governo do estado ao posto itinerante de puericultura naquele município, que estava funcionando desde fevereiro daquele ano e deveria atender às cidades dos arredores de seu distrito que eram: Boa Vista, Puxinanã, Galante, Fagundes; Massarandiba (sic), Tataguassu, Joffily e Ipauarana. Guilherme Joffily, 35enunciou que as mães e crianças daquelas localidades, devido a distâncias geográficas e a falta de assistência estavam abandonadas à própria sorte.

Fato que podemos constatar nos escritos de Padre Galvão no Livro de Tombo, quando este ressaltou que lhe foi negado recursos para a manutenção da Casa de Saúde e Maternidade São José, chegando a dizer que *“constrangia-me o coração, ao deparar-me, quando chamado para assistir e administrar os últimos sacramentos aos enfermos”*. Como é possível perceber no texto escrito por Guilherme Joffily, Pocinhos por ele denominado de Joffily em seu texto, estava entre os vários distritos que o posto itinerante de puericultura de Campina Grande precisava prestar assistência, não sendo possível atender às necessidades da população, ficando essa à mercê e resultando em morte de jovens mães e recém-nascidos. Padre Galvão destaca ainda sobre a situação sanitária de Pocinhos entre 1940 e 1950

O fato é que, com algum auxílio dos paroquianos e com as minhas repetidas viagens aos Rio de Janeiro e São Paulo, pude conseguir da Legião Brasileira de Assistência, do Departamento Nacional da criança, dos Institutos, autarquias, do Banco do Brasil, do Banco do Distrito Federal, e de alguns paraibanos de bem recursos financeiros os meios necessários para realização deste meu grande ideal. Infelizmente a mentalidade provinciana do governador do Estado e outras autoridades não ajudaram como deveriam a esta grande instituição que iria fazer grande bem a saúde do povo das regiões do agreste e cariri Paraibanos (GALVÃO, 1945, p. 24).

Portanto, podemos constatar que apesar de não ter recebido recursos da Legião Brasileira de Assistência em âmbito estadual⁸, após viagem realizadas por Padre Galvão, Pocinhos foi beneficiada com recursos desta instituição para a Casa de Saúde e Maternidade São José. Entretanto, mesmo após a construção do prédio físico esta não pôde ser mantida pela paróquia sendo entregue pelas autoridades diocesanas à administração do Instituto de Aposentadoria e Pensão (sic) dos Servidores do Estado. Desta forma, podemos baseado no que

⁸ Mesmo que em outras instancias Ruy Carneiro tenha beneficiado Pocinhos através a exemplo da construção do chafariz municipal como podemos ver na fotografia disposta na abertura deste capítulo.

foi escrito por Padre Galvão no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e das pesquisas e escritos realizados pelo professor José dos Santos Costa Júnior, utilizando como principal fonte de pesquisa os boletins da Legião Brasileira de Assistência, perceber a as questões sanitárias de Pocinhos entre os anos de 1940 e 1950, não difere dos povoados e cidades circunvizinhas, deixava muito a desejar no que tange a assistência a maternidade e a infância, e que foi ponto de destaque nos discursos de Padre Galvão ao longo de seu sacerdócio.

1.3 PADRE GALVÃO EM SUA CHEGADA A POCINHOS: PERSONALIDADE, DISCURSOS E AÇÕES

Aos vinte dias do mês de fevereiro de mil novecentos e trinta e oito, tomou posse na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, o jovem e recém-ordenado Padre Galvão, que chegava para substituir seu antecessor Padre João Honório de Melo. Em sua ata de posse, registrada no Livro de Tombo da Paróquia, que foi intitulada Primeiras Notas, Padre Galvão ressaltou está ciente das responsabilidades que pesava sobre seus ombros, e que se sentia incapacitado para assumir tamanho cargo que outrora teria sido ocupado por grandes sacerdotes, chegando a nominar cada um deles dos quais nutria certa admiração. Destacou ter feito ciente o arcebispo das deficiências por ele apresentadas e de sua falta de experiência no exercício do sacerdócio. Quem afinal, era este homem, que mesmo estando assumindo a Paróquia de um pequeno povoado no interior da Paraíba, faz questão de registrar no Livro de Tombo da paróquia a sua falta de experiência? Seria uma tentativa de se eximir da culpa por possíveis faltas ao longo de seu sacerdócio?

Padre Galvão, no momento de sua chegada a Pocinhos, não pareceu ter ciência do poder simbólico por ele exercido ao vestir sua batina e assumir um cargo tão importante para aquele pequeno povoado. Se tornava naquele momento o **Pároco**, sacerdote encarregado da direção espiritual e da administração daquela paróquia. Este poder por ele exercido, diante da distância geográfica da admiração pública representava uma importante referência em administração e condução das ações sociais e políticas em Pocinhos. Essa consciência de seu poder simbólico, foi ser por ele descoberta com o passar dos anos e tornou-se uma de suas principais ferramentas para alcançar os seus objetivos. A força de sua batina, atrelada aos seus discursos e suas ações promovidas em Pocinhos, fomentaram entre os pocinhenses um sentimento de gratidão, admiração, quando não idolatria, que perduraram ao longo dos anos. Portanto, se por um lado tinha-se um sacerdote que chegou a Pocinhos para assumir sua primeira paróquia e se colocou por meio de seus discursos em um lugar de fragilidade, as fontes também nos mostram que este

mesmo indivíduo por meio de sua atuação descobriu o seu poder simbólico e mudou o seu discurso sobre si mesmo e sobre os outros.

Padre Galvão foi fruto de uma formação clerical que foi ao longo do tempo passando por diversas mudanças influenciadas pelos movimentos sociais e religiosos que vinham acontecendo no Brasil, a exemplo a “ameaça luterana”. Entretanto, com a falta de escolas na época, os seminários representavam o caminho para formação dos filhos dos grandes proprietários rurais, além de representar um caminho fértil para exercer cargos políticos. Além disso, as famílias eram responsáveis pelo custeio dos estudos, formação e ordenação dos futuros padres, o que impossibilitava que sujeitos pertencentes a classes sociais pobres se tornassem sacerdotes. Os seminários, portanto, ofereciam o que vinha a ser visto como uma dupla formação, tanto religiosa quanto política, a exemplo do que ocorria no seminário de Olinda, formando assim muitos clérigos que saíam do seminário para ocupar cargos políticos.

O Seminário de Olinda, foi responsável por formar padres de diversas províncias do Nordeste, e que proporcionava um grande envolvimento políticos dos padres, haja vista que ocupavam cadeiras no senado e na assembleia. Fato que iria contribuir para o fortalecimento do poder local do Clero, seja por meio da aproximação com famílias mais tradicionais das localidades em que os padres eram direcionados a exercerem o sacerdócio, seja por meio da própria representação de pessoa tida como liderança poderosa. Este simbolismo de representação clerical perdurou também ao longo dos séculos.

Ao registrar os acontecimentos da paróquia entre os anos de 1945 e 1950 no inciso dois, Padre Galvão fez questão de destacar: “[...] *tenho que declarar que em todo o período de minha vida Paroquial, não só, procurei algo fazer com as graças de Deus em prol da vida espiritual dos meus paroquianos, mas também, promovendo o próprio bem material* (Galvão, 1945). A insegurança parece ter deixado de ser um dos ingredientes de Padre Galvão ao escrever sobre se. Ainda no mesmo escrito, no inciso quatro, ao tratar das questões econômicas de sua paróquia, fez referências às dificuldades enfrentadas pelos seus paroquianos a maioria agricultores, com as adversidades do clima seco no município e as possibilidades econômicas que o agave poderia trazer para Pocinhos, acreditava que uma planta se alimentava da umidade do ar.

Eis porque, empenhe-me duramente em prol do plantio do agave, na minha paróquia por estar certo que esta é uma planta que se alimenta da umidade do ar, como a caroá resistindo as maiores secas. Busquei no fomento Agrícola Federal, 100.000 mudas, transportadas para o agricultor da minha Paróquia em caminhões do próprio fomento. Assim quero declarar a posteridade que os primeiros peis de agave ou sisal, plantados no distrito de Pocinhos, foi por

minha iniciativa (LIVRO DE TOMBO, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Pocinhos, PB, 1945).

Buscando não somente apresentar uma nova possibilidade econômica, mas também declarar para a posteridade que foi graças a “sua atuação” que as primeiras mudas de sisal chegaram a Pocinhos. Padre Galvão mais uma vez se mostrou diferente do sujeito que registrou a sua primeira ata no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Essa e tantas outras ações de cunho econômico e social, foram para a “posteridade”, foi conferido ao Padre Galvão denominações como a do autor Roberto da Silva Ribeiro (2013), que em sua obra intitulada Pocinhos: o Local e o Geral, escreve “o carismático e populista Padre José Augusto Galvão, ordenado no ano anterior, assumia sua primeira paróquia na agora Vila Pocinhos” (RIBEIRO, 2013, p.121).

Estes discursos de Padre Galvão, por nós aqui descritos se encontram como já afirmamos no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Sendo termo *Livro de Tombo*, diga-se, é uma herança do direito português em que a palavra *tombar* significa registrar, inventariar, inscrever bens nos arquivos do reino. Se os bens da paróquia de Pocinhos eram as almas de seus paroquianos, não podemos afirmar, mas aos padres era delegada a função de registrar acontecimentos religiosos e, também, sociais da comunidade, funções que perpassavam os acontecimentos atuais das cidades de Montadas, Puxinanã e Boa Vista, localidades que tinham como sede religiosa a paróquia de Pocinhos-PB. Teria desta forma, Padre Galvão a pretensão de garantir a si mesmo a imortalidade por meio de seus escritos enaltecendo suas próprias ações sociais na paróquia na tentativa de fazer parte da historiografia pocinhense evitando desta forma sua morte na memória daquele povo? Certamente sua pretensão não seria ser esquecido, e que suas ações deixassem de serem lembradas como coloca explicitamente em suas passagens no Livro de Tombo.

Padre Galvão escreveu suas impressões religiosas e ações sociais, ocorridas em Pocinhos ao longo de sua trajetória *enquanto padre*, mas também deixou escorrer na tinta de sua escrita sua subjetividade nas ações *enquanto homem*. Homem que chegou a Pocinhos com os anseios de sua inexperiência, mas que logo tomou corpo de uma personalidade forte, construída por meio de suas alianças e troca de favores com políticos no âmbito estadual e nacional. Este “homem”, não pôde deixar de ser veiculado da ideia do que se entendia por ser masculino neste período e para nos guiar nossas reflexões acerca do ser homem de Padre Galvão, faremos uso do conceito de subjetivação masculina trabalhado por Maria Izilda Santos de Matos em seu escrito. Por uma história de sensibilidade em foco – A masculinidade (2001), no qual a autora pensa o conceito de subjetividade e heterogeneidade humana presentes na

escrita da história nos últimos tempos, este que nos permitiu inscrever o homem em suas particularidades. Este homem que emergiu também fora dos padrões estabelecidos pela sociedade.

No processo de subjetivação, o homem passa por experiências que ensinam o significado de ser homem. Nos anos 40 e 50, aqui priorizados como foco de análise, a masculinidade hegemônica projeta homens que deveriam se mostrar sempre fortes e capazes, devendo envolvimento com o trabalho. Um espaço de criatividade e prazer, veiculado de crescimento pessoal, com a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, valorizando-os por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa, modelando-o com as expressões daquele que tem em si atributos de poder viril. (MATOS, 2001, p. 51).

A autora, ao pensar o conceito de “subjetividade masculina”, a forma em que os homens entre as décadas de 40 e 50 deveriam se portar, pensa a construção da figura masculina durante estas décadas, e é baseada em suas reflexões sobre a figura do homem, que não deveria demonstrar seus sentimentos, que buscaremos pesar na subjetividade *do masculino* disposta na figura histórica de Padre Galvão.

Aquele religioso, aliás, era oriundo da cidade de Ipubi, em Pernambuco. Segundo relatos de um de nossos entrevistados, teria sido capelão do exército brasileiro, antes de ser ordenado padre em Pocinhos. Um estranho que chegou ao povoado de Pocinhos-PB e não se contentou em realizar somente suas atividades sacerdotais, logo envolveu-se em ações sociais, mas também, aproximou-se de algumas famílias tradicionais com grande poder aquisitivo e influência política. Não somente na sede de Pocinhos, mas nos povoados circunvizinhos, como Puxinanã.

Entretanto, colocou-se como um sujeito com limitações representando uma forte percepção emblemática, se pensarmos a construção da masculinidade analisada por Matos (2001), em que a autora trabalhou com a subjetividade masculina. Se por um lado há nos anos quarenta a busca para construir o “homem que não chora”, Padre Galvão deixou transparecer publicamente as suas deficiências e fraquezas indo contra o ideal de homem masculino dos anos quarenta. Como podemos perceber nas palavras de Matos:

Mas cobrava como contraponto limitar e ocultar suas expressões de sentimentos, nunca chorar, calar o sofrimento e sentimento, não cantar, não ficar deprimido, amputar para si, do corpo e do coração, emoções e sentimentos. Assim, tornava-se difícil para os homens falar de seus medos, inseguranças e fantasias, não deviam se queixar de insatisfações ligadas ao terreno afetivo, ocultar os sentimentos, reprimir, aguentar, suportar a dor, não exprimir fraquezas, inseguranças e vulnerabilidade. (MATOS, 2001, p. 52).

Como vimos, esse homem que “chorava”, tornou-se forte e pretendeu ser reconhecido na posteridade. Inserido inicialmente no Campo Social da Igreja Católica, passou a ocupar outros espaços que são responsáveis pelo fortalecimento de seu Poder Simbólico, um poder que é exercido graças a aceitação dos que são por ele dominados. O simbolismo de ser padre, o pastor que cuida de suas ovelhas, serviu de trampolim para que Padre Galvão ocupasse também espaço na política paraibana. Assim, também o fez em suas atuações enquanto padre, como prefeito e como diretor de disciplina no Colégio Municipal Padre Galvão, o qual fez questão de “ceder” o seu nome a primeira instituição de ensino municipal com curso ginásial, inaugurada em 1965 como espaço educativo na qual atuou de forma marcante desde a administração até questões como os próprios exames de admissão dos alunos novatos na instituição.

A sua atuação enquanto sacerdote e nas demais esferas de poder como veremos mais a frente, e a experiência que o padre antes inexperiente foi adquirindo ao longo dos anos em Pocinhos e região, por meio de suas alianças políticas e influência religiosa, lhe fez tomar consciência do poder simbólico que assumia por meio de sua batina e discursos calorosos. Suas alianças e persistências em alcançar seus objetivos, além de sua personalidade forte e de seu carisma, foram determinantes para que Padre Galvão fosse denominado como “carismático e populista” após mais de sete décadas. Essa mudança que podemos observar nos discursos por ele tecido sobre se, também é fruto e está alicerçado nas obras estruturantes por ele conseguida para Pocinhos ao longo de sua passagem por estas terras.

1. 3.1 Padre Galvão, o sacerdote missionário: Ações de Padre Galvão enquanto pároco

Permanecendo no cargo de sacerdote da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de 1938 até 1954, quando se afastou para assumir o executivo do recém-emancipado município de Pocinhos, sua trajetória enquanto padre foi marcada por sua atuação política e social. A influência política, intelectual e social exercida por Padre Galvão, concederam a Pocinhos benefícios importantes para a população local e algumas obras estruturantes para a história de Pocinhos. Porém, não podemos deixar de destacar que ao mesmo tempo em que a comunidade estava sendo beneficiada, por outro lado, crescia cada vez mais a visibilidade de Padre Galvão no cenário político local e estadual. Fato que serviria mais adiante como trampolim para que este ocupasse cadeiras na administração pública como no executivo municipal e na Assembleia Estadual.

Entre as obras inauguradas por Padre Galvão ao longo deste período, podemos citar a inauguração do Chafariz Municipal no ano de 1940, que representava não somente a presença

do estado de forma mais efetiva para aquela localidade, mas um grande alento para uma população que sofria com a falta de água nos períodos de seca. O chafariz construído no centro da cidade estava disponível para população do núcleo urbano que sofria com a falta de água. Além de ponto de abastecimento, este local torna-se também lugar de sociabilidade entre a população que frequentava este lugar para banhos, jogos de tabuleiros, serviço de bar e conversa com amigos. O Chafariz Municipal, ficou conhecido anos depois como a Prainha de Pocinhos onde a população podia encontrar além de água limpa, amigos e lazer.

Assim como outras obras inauguradas em Pocinhos a pedido de Padre Galvão, o Chafariz Municipal representava um afago para a sede dos pocinhenses principalmente dois anos após sua inauguração, quando Pocinhos atravessou a seca de 1942, período marcado pela fome em que a maioria da população contava apenas com ajudas assistencialistas. A inauguração do chafariz em Pocinhos, com um evento solene e a presença de lideranças políticas importantes no estado. Na foto abaixo, é possível perceber a presença de Ruy Carneiro, José Joffily e Padre Galvão no centro da fotografia. Vestido em sua batina preta, que o acompanhava por muitos anos em sua trajetória, compunham o registro de um momento considerado simbólico entre as obras por ele inauguradas. Além das personalidades políticas em destaque no centro da fotografia, é possível perceber a presença de uma grande quantidade de homens pocinhenses bem vestidos, o que nos permite constatar a presença dos chefes das famílias mais abastadas da comunidade na época.

Figura 2: Inauguração do Chafariz Municipal de Pocinhos, 1940.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriana Souto (1940).

Fonte: Arquivo pessoal de

Queremos ressaltar que essas alianças foram favorecidas pelas pretensões da família Joffily em recuperar a sua influência política em Pocinhos. Particularmente, em 1944, na pessoa de José Joffily, que foi nomeado em 1942 secretário da agricultura da Paraíba. Aquela aliança iria favorecer às pretensões de Padre Galvão em continuar inaugurando novas obras em Pocinhos cheias de pompas e registradas em fotografias. Se a pretensão era ser lembrado pelas futuras gerações, estes momentos foram presenciados pela população local e imortalizados por meio destes registros imagéticos. As sociabilidades como as inaugurações acima expostas, faziam parte de uma estratégia discursiva e tinha como função reforçar a imagem de liderança do Padre Galvão.

Ainda em 1940 com a retomada do preço do algodão fez surgir o povoado de Nazaré e atrelado às contribuições dos moradores do Sítio Carrapateira conseguiram construir uma capela nesta comunidade (RIBEIRO, 2013, p.122), sendo registrado por Padre Galvão que a permissão de celebrar missas naquela comunidade, não só atendia às necessidades de um povo distante três léguas da sede paroquial, como possibilitava incentivar os fiéis daquela localidade na construção da capela. A construção desta capela representava um marco para o desenvolvimento da comunidade de Nazaré que nos dias atuais ocupa lugar de destaque como o principal distrito do município de Pocinhos. Padre Galvão ainda durante este período, buscou suplementos para o povo de Pocinhos junto ao governo estadual, para os pobres que sofriam com a seca de 1942. Conseguindo além da oportunidade de empregos para os flagelados na limpeza do açude de Pocinhos e de algumas estradas, assim como o fornecimento de charque e farinha para os mais pobres.

O interesse de Padre Galvão em iniciar o plantio do sisal em Pocinhos, atrelado a sua aproximação com a família Joffily, por meio do cargo ocupado na esfera estadual por José Joffily iniciou-se o plantio das primeiras mudas de sisal (agave) em Pocinhos. Ação que se apresentou como solução dos problemas econômicos causados pela seca. Sem dúvida, Pocinhos vivenciava um período de grande desenvolvimento econômico com o sisal, chegando a exportar sua fibra para países, como os Estados Unidos, ação que Padre Galvão fez questão de registrar para a posteridade, marcando ainda mais a sua auto percepção, enquanto liderança desde sua chegada. O Padre Galvão produziu uma narrativa que nos parece comprometida com uma projeção de importância pessoal a posteriori. Projetou um interesse em ser citado na posteridade daquela comunidade. Fez questão de registrar a sua atuação nas páginas do Livro de Tombo da paróquia.

Ainda enquanto padre, viajou ao Rio de Janeiro em busca de recursos junto ao Ministério de Educação e saúde, na época unificados, para finalizar as obras da Casa de Saúde e Maternidade São José em 1944, uma obra de grande porte que iniciou por meio da ação de Padre Galvão e as doações de seus paroquianos. Como foi colocado acima, a preocupação de Padre Galvão com os recém-nascidos e as mortes de puérperas por falta de assistência médica e as questões sanitárias de forma geral em Pocinhos, inquietou o sacerdote desde os primeiros anos na paróquia devido ao grande número de chamados para conceder o sacramento de extrema unção às jovens almas daquela localidade.

Em novembro de 1944, devido à queda no número de doações de seus paroquianos atingidos pela seca e sentindo os impactos da econômica da Segunda Guerra Mundial e não vendo outra alternativa para finalizar as obras da Casa de Saúde e Maternidade São José, buscou na capital do Brasil recursos junto ao governo federal⁹. Dono de uma boa oratória e não medindo esforços quando necessitava utilizar o seu poder de persuasão para conseguir seus objetivos, expõem detalhadamente em quatro pontos os seus objetivos na solicitação entregue ao Ministério de Educação e Saúde na pessoa do ministro Capanema. No primeiro ponto, descreve Pocinhos e os motivos da importância da referida obra para comunidade e região. No segundo ponto justifica porque a população não conseguiu finalizar a obra, assolada pela seca e afetada pela guerra, além de especificar ter gastado até aquele momento o valor de Cr: 450.000,00. No terceiro ponto humildemente apela em nome da população que seu pedido seja atendido e por fim no quarto e último ponto, certo que seria ouvido agradece ao presidente dizendo:

⁹ Temos como referência além do texto com o pedido enviado por Padre Galvão, a planta da obra, fotografias da construção e a resposta emitida pelo gabinete do ministro. Essa documentação pode ser

IV – É confiante no elevado patriotismo de V. Excia. E no seu coração humanitário que o Signatário se sente muito agradecido pelo que possa a obra Paroquial da construção do Sanatório e maternidade de Pocinhos merecer de V. Exa.

Com os protestos da mais elevada consideração se firma, o signatário com estas linhas¹⁰.

É interessante perceber que Padre Galvão ressalta que o sentimento de patriotismo e o coração humanitário que ele esperava do presidente da república, não lhe permitiria negar o financiamento solicitado pelo vigário. Sendo Getúlio Vargas, portador ou não de um coração humanitário, foi emitido do gabinete do ministro Capanema em vinte e quatro de abril de 1945 resposta à solicitação de Padre Galvão. Sendo seu pedido anotado pela Divisão de Cooperação Federal, do Departamento Nacional da Criança, para ser apreciado na elaboração do plano de auxílio aos estados e aos municípios, destinados ao desenvolvimento da proteção à maternidade e à infância (Secretária da Presidência da República - 43683/1945. Arquivo Nacional).

Além do texto com pedido de recursos, escrito por Padre Galvão em 1944, o signatário também enviou em anexo fotografias de como se encontrava a obra no momento e a planta original para que o presidente tomasse conhecimento do porte da obra que necessitava de recursos apenas para sua conclusão, além de fazer referência que o prédio construído contaria também com uma seção de ambulatório e pequeno hospital, atendendo não somente os pacientes do sanatório e as puérperas e recém-nascidos, mas oferecendo também assistências a população em geral por meio destas seções.

Abaixo podemos observar as imagens anexadas à solicitação de Padre Galvão em novembro de 1944. Na figura 2 podemos observar a planta baixa da construção ou planta geral, a qual é possível visualizar a organização dos cômodos da obra. Na figura 3 podemos observar uma fotografia externa da Casa de Saúde e Maternidade São José, também anexada pelo signatário sendo possível o presidente observar o bom andamento da obra e que com os recursos requeridos o funcionamento do estabelecimento estaria garantido.

¹⁰ SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - 43683/1945. Arquivo Nacional.

Figura 3: Planta baixa do Sanatório e Maternidade São José enviada em anexo para o Presidente da República em 1944.



Fonte: Secretária da Presidência da República - 43683/1945. Arquivo Nacional.

Figura 4: Fotografia enviada em anexo para o Presidente da República em 1944.



Fonte: Secretaria da Presidência da República -. Arquivo Nacional (43683/1945).

O pedido de recursos feito por Padre Galvão para conclusão da obra foi atendida como podemos perceber em seus relatos acerca das instituições que contribuíram com “seu ideal”, podemos constar o nome do Departamento Nacional da Criança como havia sido prometido em resposta expedida pelo ministro Capanema em 24 de abril de 1945 que afirmou que sua solicitação seria apreciada na elaboração do plano de auxílio aos estados e aos municípios neste departamento.

Essas foram algumas das ações de Padre Galvão durante os anos que esteve à frente da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, além de sua efetiva atuação na assistência social principalmente aos mais necessitados durante os anos em que a seca castigava de forma mais severa os pocinhenses. Assim, podemos afirmar que se dê início às pretensões de Padre Galvão eram concorrer à prefeitura de Campina Grande em 1947, candidatura não efetivada para evitar rachas no partido devido a divergências entre as forças aliadas em indicar Padre Galvão ou o nome de Lafayette Cavalcanti para concorrer às eleições pela prefeitura de Campina Grande, Padre Galvão não conseguiu apoio para sua candidatura, e posteriormente teve que ceder a vaga de candidato a deputado estadual em favor de Antônio Coutinho, que dependia dos votos do distrito de Pocinhos, que atingiu a marca de 10 mil habitantes em 1949, o padre parece a partir destes acontecimentos traçar novos planos para sua história como político na região e também para a história do povoado de Pocinhos (RIBEIRO, 2013, p.130).

CAPÍTULO II: PADRE GALVÃO E O PODER SIMBÓLICO: REPRESENTAÇÕES DE UMA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Figura 5: Inauguração do Mercado Público de Pocinhos em janeiro de 1969.



Fonte: Retalhos Históricos de Pocinhos (1969).

2.1 POSAR PARA A ETERNIDADE: A REPRESENTAÇÃO DE PADRE GALVÃO NAS FOTOGRAFIAS

Iniciamos o nosso segundo capítulo com uma fotografia da inauguração do Mercado Público Municipal registrada no ano de 1969, onde Padre Galvão se deixou fotografar caminhando pelas ruas do mercado vestido não mais com sua batina preta, mas com terno, símbolo de modernidade e que fazia referência ao momento “importante” em que estava vivenciando, um momento de celebração, que exigia trajes com sofisticação. Caminhando para a frente, com olhar fixado ao horizonte, liderava um grande número de Pocinhenses ao lado de crianças como se o conduzissem para o futuro, este representado por aquelas crianças, o município de Pocinhos. Foi seguido pela figura de outro padre que parecia realizar a benção do local com água benta que foi sendo jogada ao longo da caminhada. Está é uma das tantas fotografias em que Padre Galvão apareceu fotografado de forma muito peculiar possibilitando a quem o observava, fazer inferências acerca do momento registrado.

Esta fotografia foi escolhida para marcar o novo direcionamento em nossas reflexões que iremos iniciar neste segundo capítulo. Se em um primeiro momento, nos dedicamos a pensar Padre Galvão enquanto padre e suas ações em Pocinhos como representante da Igreja em exercício, neste segundo momento temos como objetivo analisar suas ações mais próximas do setor político, perpassando pelos atos de inauguração pública em que se deixa fotografar como aquele que corta a fita para uma nova história em Pocinhos. Não deixando de ser ainda uma representante da Igreja, mesmo que de forma não oficial, discutiremos sua atuação na empreitada de emancipar o até então distrito de Campina Grande e seus discursos nos meios de comunicação como o Jornal o Norte em busca de apoio e do reconhecimento de Pocinhos como independente. Buscaremos pensar ainda, a construção simbólica de Padre Galvão enquanto político e a ocupação de cargos públicos como o poder executivo do recém-emancipado município de Pocinhos e de uma cadeira na Assembleia Legislativa da Paraíba, mesmo que de forma temporária. Discutiremos também concessão do título de cidadão pocinhense em 1957 e a representação de sua imagem em fotografias ao longo deste período.

Iniciamos por pensar dois apontamentos caros ao entendimento da representação de Padre Galvão de forma imagética, primeiro que estamos tratando de um período em que a produção de fotografias no Brasil estava sendo iniciada e que a criação de estúdios particulares ou independentes dos setores públicos ou da imprensa, somente se tornaria uma realidade por volta da década de setenta. Mauad (2013) destaca que somente no final dos anos de 1970, se percebe circuitos sociais mais autônomos em relação ao Estado e à grande imprensa, dentre estes, o movimento das agências independentes (MAUAD, 2013, p.17). Portanto, as fotografias que iremos aqui discutir, são frutos de um período em que a produção destas imagem perpassava pela que foi chamado de fotografias públicas, ou seja, imagens que foram produzidas por fotógrafos contratados pelo Estado e prefeituras para produzirem um verdadeiros relatório das ações do governo por meio de imagens: Inaugurações, ações de órgãos do governo, expedições a lugares desconhecidos, etc.¹¹ ou ainda que trabalhavam a serviço da imprensa com a intenção de produzir material que serviriam de complemento as matérias publicadas nas páginas dos jornais da época, faziam parte das narrativas visuais.

¹¹ Não podemos afirmar com certeza se as fotografias aqui utilizadas foram produzidas por fotógrafos contratados pela Prefeitura Municipal de Pocinhos, mas que elas foram encontradas no lixo da prefeitura por um funcionário que as levou para sua casa e posteriormente emprestou a uma exposição do Colégio Municipal Padre Galvão, aparecendo posteriormente nas redes sociais dos indivíduos que aqui fazemos referências. Podemos desta forma afirmar, que faziam parte dos arquivos da prefeitura, mas que foram descartadas por gestões públicas sem nenhum respeito pelo patrimônio histórico público e documental.

Um segundo apontamento está ligado à representação de Padre Galvão enquanto homem religioso. Aquele que “representava” o poder divino na Terra, que está autorizado a conceder os sacramentos que são vistos como caminho para a vida eterna. Padre Galvão, mesmo ao deixar o altar da igreja para concorrer às eleições de 1955, não deixou por sua vez a batina, não podemos falar de ex-padre. Portanto, o homem que aparece nas fotografias mesmo após 1954, ano que se afastou da paróquia de forma oficial mantendo sua ligação por meio de suas práticas, é também um representante divino que carregava consigo os símbolos de uma religião. Esses dois apontamentos foram os pontos norteadores que conduziram nosso discurso neste segundo capítulo.

No governo de Getúlio Vargas podemos perceber uma larga produção fotográfica, muitas destas imagens atualmente encontradas no arquivo da coleção Getuliana do CPDOC. Fotografias produzidas por profissionais contratados pelo Estado que tinham entre os seus objetivos uma estratégia de produção do capital simbólico de sustentação do Estado Novo (MAUAD, 2013, p.17). No contexto municipal podemos observar o exemplo como o do Rio de Janeiro em que o fotógrafo contratado foi Augusto Malta e que foi responsável por retratar as ações do prefeito Pereira Passos e a metamorfose por aquela a cidade de Rio de Janeiro passou ao longo de sua gestão. São “figuras públicas em fotografias públicas”, que se deixaram fotografar em um cenário idealizado e que tinham a consciência que a imagem ali produzida estaria posteriormente disposta como objeto de estudo de uma história visual do poder e das culturas políticas.

Por outro lado, o ato de se deixar fotografar envolve também uma escolha do cenário ideal, de um evento emblemático, ou de uma situação em que fique evidenciada a competência do poder na direção do futuro da nação, é aí que a representação ultrapassa o âmbito dos iguais e ganha a coletividade alimentando a cultura política de uma época, com signos e recursos de segurança, garantia e estabilidade. Neste caso, tanto as fotografias de eventos cívicos, como as do acompanhamento de obras públicas, são exemplos típicos de tal “mise-en-scène” (MAUAD, 2013, p.14).

E é essa teatralização da qual se refere o conceito francês de “mise-en-scène” utilizado pela autora, na produção das fotografias públicas, que iremos analisar em algumas imagens escolhidas para compor este capítulo em que Padre Galvão aparece trajado em sua batina preta que representa por outro lado um dos símbolos da igreja católica. Os símbolos nas religiões aparecem como representação material do poder divino. A fé e os elementos que compõem determinadas religiões são signos do que é invisível ao olho nu, fé é acreditar no que não se vê. Portanto as religiões fazem usos de objetos que representam a materialização do que não pode ser visto, os símbolos ganham significados quando passam pelos rituais, estes que os

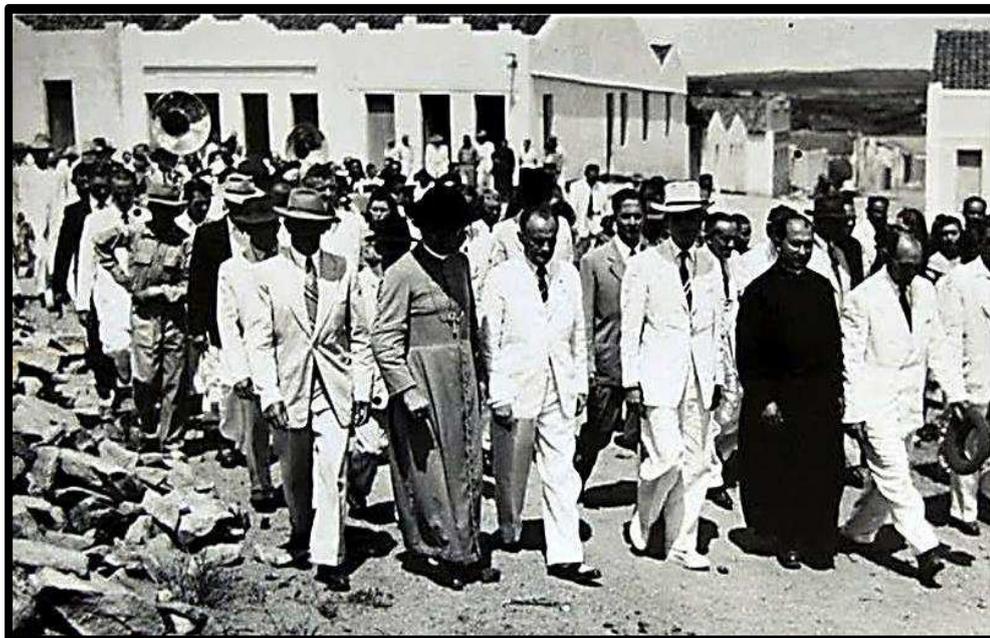
sacralizam e contribuem para torná-los sagrados (PEREIRA, 2008, p.92). Portanto, os símbolos aparecem como representação de um poder divino e a batina preta de Padre Galvão como a vestimenta que simbolizava não somente um representante da igreja católica, mas um representante de Deus.

2.2 A IMAGEM DE PADRE GALVÃO E SEU PODER SIMBÓLICO: O SIMBOLISMO DA BATINA PRETA

Pereira (2008), ao discutir religião e poder nos chama a atenção para o fato de que a crença de que bispos e padres são homens dotados de poderes especiais que controlam a Igreja e a entrada no reino dos céus, faz deles líderes sagrados cujas ordens devem ser obedecidas (PEREIRA, 2008, p.84-85). Esta entrada ao reino dos céus somente seria possível através dos sacramentos que são concedidos por estes homens revestidos de autoridades celestial. Homens que obedecem também a regras próprias dos postos que ocupam, a exemplo da própria vestimenta para celebração de seus rituais. Entretanto, Padre Galvão não se limitava a utilizar a sua vestimenta sacerdotal somente para celebração de missão ou concessão de sacramentos, mas também em atos públicos como podemos observar na fotografia abaixo.

A fotografia a seguir trata-se do registro da caminhada de Padre Galvão, líderes políticos, banda marcial e população em geral até a Casa de Saúde e Maternidade São José o seu ato de inauguração em quinze de maio de 1947. Esta representa uma das principais obras inauguradas por Padre Galvão no município de Pocinhos e que posteriormente ao ser entregue pela diocese à administração do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Servidores do Estado (IPASE) se tornará referência no tratamento de tuberculose. Na imagem é possível observar a presença de Padre Galvão, mais uma vez no centro, a caminhar liderando o grupo de apoiadores seguido por uma multidão. Além de Padre Galvão, outro religioso também vestido batina aparece ao lado esquerdo das imagens. É possível observar que na comissão de frente da procissão homens bem vestidos com ternos brancos e chapéus, possivelmente que fazem parte da extensa lista de doadores para a construção da obra. Logo em seguida alguns instrumentos musicais foram registrados pelas lentes do fotografo, possivelmente fazem parte dos músicos recém formados pelo Mestre Oscar, um potiguar trazido por Padre Galvão para escola de música em maio de 1944. Os alunos do Mestre Oscar, formam posteriormente algumas orquestras que animavam os bailes na região e também a filarmônica São José. Podemos encontrar atualmente o nome do maestro em obras como o próprio hino do município.

Figura 6: Inauguração da Casa de Saúde e Maternidade São José em maio 1947.



Fonte: Retalhos Históricos de Pocinhos (1947).

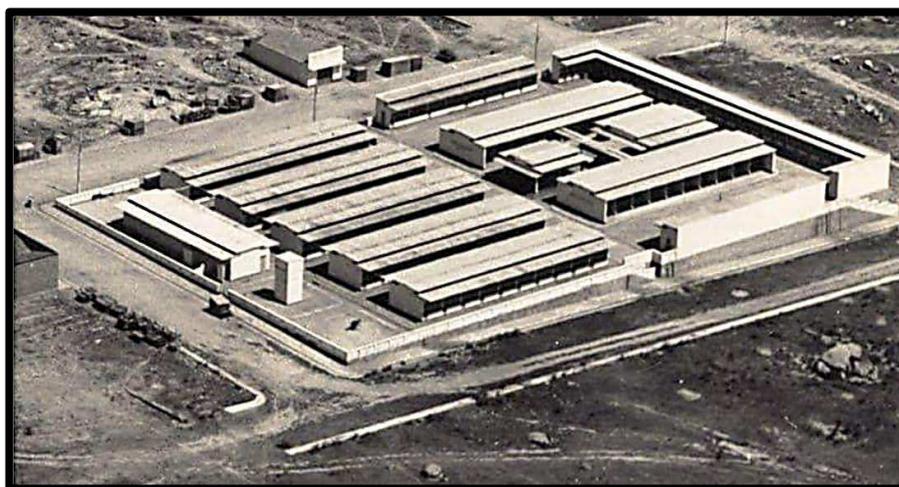
Podemos observar também a presença de algumas mulheres que possivelmente acompanhavam seus pais e maridos nesta solenidade e bem ao fundo alguns curiosos que assistem da caçada a passagem daquela procissão em direção ao novo prédio que seria inaugurado após longos anos de construção. Como podemos constatar por meio desta fotografia, o ato de inauguração de um prédio público ou filantrópico como é o caso da Casa de Saúde e Maternidade São José em Pocinhos contava não somente com a presença de políticos de Pocinhos e região, como também com música e o trabalho de um fotógrafo responsável por registrar para posteridade as ações de Padre Galvão.

A figura 5, assim como a de figura de número 4, que retrata a inauguração do Mercado Público Municipal, possui alguns aspectos em comum, como o ângulo fotografado que não permite visualizar qual o tamanho exato da procissão de pessoas que seguia Padre Galvão, dando a impressão que o número de seguidores era de “perder de vista”. Outra referência que podemos observar é o aspecto da caminhada, os membros presentes nas fotografias estão sempre a caminhar para frente, os passos capturados na imagem dão a impressão que este é um município que caminha para o futuro liderado por Padre Galvão e como o apoio de personalidades políticas locais. Por outro lado, se voltarmos nossos olhos para a fotografia que registra o ato de inauguração do Mercado Público Municipal e a presença das crianças a frente

da comitiva de Padre Galvão, não podemos deixar de fazer referência às polêmicas em que está obra foi envolvida.

O Mercado Público foi uma obra muito criticada por ser construída muito longe do centro comercial já existente e da praça municipal. Além disto, assim como a Casa de Saúde e Maternidade São José apresentava um porte muito maior do que necessitava a demanda de população local. O padre foi por muitos chamado de louco, “*quem vai fazer compras dentro do mato?*” Era o que muitos diziam, tendo em vista que não existiam casa ou estabelecimentos comerciais próximos ao terreno em que o mercado foi construído a com exceção de um antigo armazém que servia para armazenamento da fibra do sisal como podemos ver nesta fotografia aérea da construção as vésperas de ser finalizada.

Figura 7: Fotografia aérea do Mercado Público Municipal de Pocinhos.



Fonte: Arquivo pessoal de Bismarck Martins (1969).

Como podemos perceber na figura 6, o mercado possui grande porte e foi construído onde antes era um campo de agave, ou seja, uma plantação de sisal a constatar pelo própria casa de armazenamento da fibra. Porém, para responder às críticas Padre Galvão afirmava está pensando em Pocinhos 50 anos à frente, de estar pensado em Pocinhos para o futuro. Desta forma, podemos incorrer na presença de crianças no ato de inauguração da presente obra como uma forma de materializar o futuro almejado para Pocinhos.

Além da existência e imponência da própria obra, foi aprovado pela Câmara Municipal de Vereadores em vinte e oito de março de 1969 a lei de n. 191 que regulamentava todas as ações de comerciantes, clientes e frequentadores do Mercado Público Municipal. Esta lei contendo cinquenta e nove artigos, normatizava desde o horário de entrada e saída de

comerciantes, passando pelas regras de limpeza, regulamentação de venda dos diferentes produtos, até as multas e punições para as possíveis infrações cometidas por concessionários ou outros. Sendo permitida a entrada de público das 6 até às 18:00 horas, fechando ao meio dia em domingos e feriados, os boxes do mercado eram cedidos em locação mediante contrato com tarifas mensais baseadas no salário mínimo.

Cada artigo que regulamentava o mercado municipal foi escrito de forma detalhada e com determinação explícitas como no Art. 4º em que as bebidas alcoólicas não podem em hipótese alguma serem ingeridas no recinto do mercado, ou como no Art. 51 em que nenhum mercador poderia chamar a atenção para suas bancas por meio de campainhas, ou outro meio que perturbe o relativo silêncio que deve ser mantido. Portanto, mesmo se tratando de um mercado em que se espera a livre circulação de pessoas e que diversas relações comerciais estejam sendo negociadas, princípios estranhos a um lugar como este foram aprovadas sendo possível de multa caso não sejam cumpridas.

É importante notarmos ainda, que no item que versa acerca da limpeza do mercado, a lei estabelece que a coleta de lixo deve ser feita nas bancas duas vezes por dia sendo a primeira às 13 horas e a segunda após o fechamento, com lavagem completa de todas as ruas, pátios, passagens e locais; transparecendo uma grande preocupação com a higiene do local. Tratava-se de uma lei com seis laudas de extensão e com detalhes como a do Art. 18 em que os mercadores, sem exceção, eram obrigados ao uso de aventais e gorros, de acordo com o modelo dado pela administração, a fim de evitar quaisquer contatos das mercadorias com roupas comuns, assim como as placas e letreiros somente poderiam ser expostos de acordo com o tipo padronizado pela prefeitura.

Trata-se de uma lei aprovada pelo prefeito José Pereira do Nascimento, mas que devido às exigências estabelecidas podemos perceber certa influência do idealizador do estabelecimento como um todo. Segundo relatos esta lei não foi efetivada na prática devido a mudança de gestão ocorrida já em 1972, ano em que Padre Galvão viu declinar o seu prestígio que parecia inabalável e junto com ele o seu aliado político, o prefeito acima citado mais conhecido como José Alves, momento que trataremos com maior atenção mais à frente.

Assim, podemos afirmar que Padre Galvão como representante de uma empresa hierocrática, instituição governada por eclesiástico representante de Deus, exerceu o seu poder simbólico nas ruas de Pocinhos mesmo após se afastar do comando da paróquia em 1954. Esse seu “poder divino” concedido pelo cargo religioso que inicialmente ocupado em Pocinhos, como aquele que abre e fecha as portas dos céus para os seus fiéis, não deixou de ser reconhecido pelo pocinhenses, Pereira (2008) ressalta que

Por isso, o conceito de poder, entre suas numerosas quanto díspares definições, é subentendido como a capacidade de controlar indivíduos, eventos ou recursos, sejam eles reais ou simbólicos. Neste caso, sob o binômio salvação e condenação, o poder na religião é exercido por meio de recursos e instrumentos simbólicos que supõe definir condições nesta e na outra vida e que, à vista disso, é classificado de poder simbólico (PEREIRA, 2008. p. 82).

Entre os recursos e instrumentos simbólicos citados pelo autor se apresentou em Padre Galvão com grande força a sua batina preta. Símbolo de um lugar de instrução, de ordenação que foi a ele concedido. Este instrumento simbólico, se apresentava também como forma de materializar a representatividade de uma instituição religiosa que era a igreja católica. A batina, que além de ser registrada por meio das fotografias em eventos públicos, também foi utilizada pelo próprio padre em seus discursos ao concorrer às eleições municipais ou apoiar seus aliados como podemos perceber em um relato de nosso entrevistado que iremos chamar pelo pseudônimo de J. A., antigo morador de Pocinhos que conviveu com Padre Galvão como coroinha, músico, motorista e espectador durante os últimos anos de sua estadia em Pocinhos.

Eu lembro de alguns discursos dele, que eu acompanhava a política, já moleque eu gostava de acompanhar os eventos e ele, pronto o milhão de Clóvis Chaves eu me lembro de um discurso dele, que ele disse o seguinte “olha vocês vão votar em analfabeto, que não sabe inglês, se precisar de ir para os Estados Unidos como ele vai se comunicar com o presidente dos Estados Unidos”, em um discurso dele em uma cidade velha dessa que o povo não sabe nem...mas era para se impor como...entendeu, e para ganhar a eleição “eu confio nesta batina que eu serei eleito” (J.A. 11 de janeiro de 2022).

No relato de nosso entrevistado é possível perceber que Padre Galvão não somente fazia uso do traje sacerdotal, mas fazia referência a este como forma de convencimento daqueles que o assistia do palanque. Fazendo uso também de sua intelectualidade justificar que estava mais preparado do que seus adversários políticos, que não possuíam a mesma formação, para exercer a função de prefeito mais uma vez e “se comunicar” com quem fosse necessário pelo bem de Pocinhos. Essa relação de troca entre os bens simbólicos como a batina e o seu capital intitula são usados por Padre Galvão como instrumento coercitivo sobre os fiéis obedientes aos preceitos religiosos. Não votar em Padre Galvão, seria como dizer não ao representante de Deus na terra.

Atualmente o mercado público inaugurado por Padre Galvão faz parte do núcleo urbano da cidade como previa seu idealizador, porém é interessante notar que seus boxes, apesar de possuírem boa estrutura e estarem conservados, não são utilizados pelos feirantes locais que preferem montar seus bancos de madeiras com lonas plásticas na lateral do mercado, enquanto seus boxes permanecem vazios. Desperdiçando desta forma toda uma estrutura de alvenaria e

o investimento feito na época. Este fato pode ser explicado, pois a grande maioria dos comerciantes são origem mais humilde e as determinações e regras estabelecidas no ato de inauguração do mercado público, podem ter sido responsáveis pelo distanciamento do espaço com as práticas de comércio mais rudimentares.

2.3 EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE POCINHOS: OS DISCURSOS DE PADRE GALVÃO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A uma lei inexorável, que impede o indivíduo, como a sociedade, para a plenitude da existência – a emancipação (GALVÃO, 1953). Esta foi uma das frases utilizadas por Padre Galvão nos discursos em busca da emancipação política de Pocinhos, escrita em um documento intitulado Representação enviado em agosto de 1953 à Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba e que será fonte de análise no presente trabalho. Neste documento Padre Galvão descreve de forma detalhada diversos aspectos vida social, cultural e econômica de Pocinhos; seu percurso histórico, dados biográficos de algumas personalidades nascidas naquele distrito, dados quantitativos acerca das atividades econômicas existente naquele local e principalmente argumentos que justificavam sua emancipação política de Campina Grande. Iniciou o seu discurso, em nome dos habitantes do Distrito de Pocinhos dizendo

Os signatários do presente memorial, habitantes do Distrito de Pocinhos, do Município de Campina Grande, com fundamento nos Arts. 4 e 12 da Lei nº 321 de 8 de janeiro de 1949, vêm, respeitosamente, requerer a Vs. Excelentíssima a elevação do mesmo distrito a categoria de Município, e apresentam como justificativa de suas altas aspirações as razões seguintes: (GALVÃO, 1953, p.1).

Pontuando os aspectos de Pocinhos, que segundo ele chegava à lei inexorável para plenitude de sua existência que seria a emancipação. Este, porém, foi um processo que necessitou esforços mais fecundos de seus requerentes, em especial da figura de Padre Galvão até conseguir o seu objetivo final, que foi a emancipação daquela localidade. Como estamos discutindo ao longo de todo este trabalho, inicialmente Padre Galvão chegou a Pocinhos para ocupar a cadeira de sacerdote, porém logo se envolveu nas questões políticas e sociais. Fazendo alianças e desavenças com as famílias tradicionais locais, se mostrou disposto a ingressar na política desde a primeira eleição realizada em Campina Grande em 1947. Seu nome aparece como pré-candidato para concorrer à prefeitura pelo PSD por indicação de Guilherme Joffily, nascido em Pocinhos, mas perdeu espaço depois de disputar com Lafayette Cavalcanti, que possuía o apoio da família Coutinho, por indicação. Evitando racha no partido, o Capitão

Rodenbusch foi indicado pelo PSD, tirando da disputa os dois pré-candidatos anteriormente cogitados (RIBEIRO, 2013, p. 127).

Entretanto, esta não foi a última frustração de Padre Galvão para conseguir apoio político em eleições que desejava concorrer com apoio e votos de Campina Grande. Em 1949, mesmo com a proximidade com o bispo Dom Anselmo Pietrula da recém-inaugurada Diocese de Campina Grande, tem que abrir mão da candidatura a deputado estadual em favor de Antônio Coutinho que dependia dos votos de Pocinhos para ser eleito. Estas sucessivas frustrações em concorrer às eleições e as disputas políticas existentes entre os Joffilys e os Coutinhos, apareceram como um dos combustíveis para a empreitada para a emancipação política daquele distrito.

Em seu escrito para a Assembleia Legislativa da Paraíba, justificou dizendo que o presidente João Pessoa, o interventor Antenor Navarro e o ex-Governador Osvaldo Trigueiro entraram em entendimentos com os políticos de Pocinhos para elevá-lo a categoria de município em anos anteriores, porém a vaidade dos seus habitantes em pertencer a um município maior e mais rico fizeram os representantes locais rejeitar a elevação “desta pujante vila”. Entretanto, segundo o padre naquele momento tanto os políticos sem conveniência de partidos como todo o povo pocinhense, desejam e pleiteiam, com ardor, a sua autonomia política por uma necessidade não somente administrativa, como uma imposição biossocial.

É possível perceber que Padre Galvão não economizou adjetivos para descrever o Distrito de Pocinhos. No trecho relatado acima, destacou que todos os pocinhenses estavam unidos em prol de um só objetivo que era sua emancipação política. Fez questão de trazer dados quantitativos sobre a arrecadação feita pelo Estado nos anos de 1951 e 1952 em Pocinhos, solicitados ao próprio órgão do governo. Especificou a quantidade de estabelecimentos comerciais e indústrias e destacou a importância do sisal como produto que mais contribuiu com os cofres do Estado no Distrito por ser produzido em larga escala. Forneceu ainda informações sobre a vida social, as vias de comunicação, a situação geográfica, dados topográficos e limites, vida educativa e a existência de prédios destinados às instituições municipais, este último sendo a maioria alugados.

Terminou o seu texto dizendo “*Que Deus ilumine o espírito de Vs. Excias. para examinarem e decidirem debaixo do clima de verdade e justiça, esta causa patriótica para honra e glória de Pocinhos*”, fazendo uso do lugar de fala do representante da Igreja e deixando aos deputados a responsabilidade de prezar pela “verdade e justiça”, não esperando outra decisão se não o atendimento de sua solicitação. Este, porém não foi o único meio em que podemos observar os discursos de Padre Galvão em busca de apoio político da população paraibana com

a emancipação do distrito. Na viagem a João Pessoa para entregar o seu memorando aqui descrito, visitou a sede da redação do jornal O Norte e concedeu uma entrevista acerca de suas aspirações que foi publicada em 11 de junho de 1953.

Figura 8: Fotografia publicada no jornal o Norte em 1953.



Fonte: Jornal O Norte publicado em (11/06/1956).

Em seu discurso destacou mais uma vez a importância de Pocinhos para a Paraíba, fez referência ao papel da Igreja na admiração daquela comunidade e foi enaltecido pelo redator que o caracterizou como *o referido sacerdote que chegou aquela vila há quinze anos, quando a mesma se achava em completo abandono dos poderes públicos*. Mais uma vez, apareceu vestido em sua batina preta e travestido em seus discursos como aquele que fala não somente em nome de um povo, mas também de uma religião. Na legenda da imagem, podemos observar que Padre Galvão é colocado como vanguardeiro do movimento pela autonomia de Pocinhos, o que entrou em contradição com as afirmações do próprio padre ao longo da entrevista em que justificou serem justas as pretensões dos habitantes de Pocinhos conforme declarações feitas pelo ex-interventor Antenor Navarro e pelo ex-governador Osvaldo Trigueiro, deixando evidente que esta não seria um movimento de vanguarda para a emancipação do então distrito sendo este perecido desde o movimento de 1930 aos vitoriosos da revolução à família Joffily, mesmo que negado por diversas vezes como podemos perceber ao longo deste trabalho.

Esta não foi a única entrevista concedida por Padre Galvão ao jornal O Norte, como veremos mais a frente, mas que nos permite afirmar que este buscava tornar público ao máximo

as pretensões do povo pocinhense por meio de um discurso de intelectualidade, fundamentados em dados quantitativos de arrecadação, sendo que foi arrecadado em Pocinhos no ano de 1951 a quantia de CR\$ 516.000,00, além de projeções com os valores dos municípios de Boa Vista, Puxinanã e Montadas os quais Pocinhos desejava anexar em seu território no ato de emancipação.

Ao conceder entrevistas aos meios de comunicação como os jornais, Padre Galvão também fazia uso do poder simbólico não somente da linguagem, mas do poder simbólico do discurso jornalístico que detêm o poder de produzir pontos de vista sobre o mundo (GIORDANI, 2011). Unido a representação de sua imagem como representante da igreja, sua linguagem ecoou também a posição que o falante ocupa. Acerca do poder de influência dos discursos que são vinculados na mídia e a legitimação de seus conteúdos como por voz de uma sociedade, Giordani afirma

É pertinente notar, entretanto, que o poder da mídia faz funcionar mecanismos de projeção e identificação, agindo sobre o imaginário coletivo, nesse sentido as estratégias são usadas para a criação de um real no qual alguns fatos são excluídos enquanto outros viram acontecimento e ganham status de notícia. Esse poder de publicizar fatos cotidianos é um dos mecanismos pelo qual a mídia se coloca como legítima ‘porta-voz’ da sociedade (GIORDANI, 2011, p.7).

Na construção deste real registrado pelo redator do jornal O Norte, ganhou *status* de notícia as instituições por Padre Galvão já inauguradas no distrito de Pocinhos e as justificativas de quais motivos os deputados da Assembleia da Paraíba deveriam elevar Pocinhos a sua autonomia. Após conseguir a aprovação dos deputados, Padre Galvão voltou ao jornal O Norte em matéria intitulada “Nova entrevista do padre Galvão sobre a criação do município de Pocinhos – Vitória do projeto na assembleia do Estado – Sanção governamental”, para conceder mais uma entrevista na qual afirmou ser nada mais justo do que os legisladores terem aprovado o projeto e ele e o povo pocinhense estarem certos da sanção governamental, pois esta teria sido prometida pelo governador João Fernandes em uma visita a Pocinhos.

Mais uma vez o relator do jornal o colocou como principal responsável pela empreitada de emancipar Pocinhos. Iniciou o seu texto dizendo

A respeito da criação do município de Pocinhos, cujo projeto passou em terceira discussão, com sensível vitória, tivemos mais uma oportunidade de ouvir o padre José Galvão, vigário da referida localidade e principal trabalhador pela ideia de emancipação daquele grande distrito de Campina Grande (JORNAL O NORTE, 1953, p. 01).

Além dos adjetivos favoráveis ao Padre Galvão, o relator da matéria também informou que esta teria sido a terceira discussão da matéria, o que nos permite perceber que da aprovação pelos legisladores até a sanção governamental não foi um caminho fácil. Ou seja, que a emancipação política de Pocinhos, que deveria ter sido votada na câmara de Campina Grande, foi solicitada direto na esfera estadual. E que mesmo sendo uma possível estratégia de Padre Galvão, tendo em vista que os Campinenses não estavam dispostos a perderem a arrecadação deste distrito que estava em acessão graças ao trabalho com o sisal, a matéria foi longamente discutida pelos deputados e terminou sendo sancionada pelo governador em 10 de dezembro de 1953. Neste mesmo dia Padre Galvão enviou um telegrama a Pocinhos avisando da vitória dos pocinhenses. Notícia que foi divulgada na difusora “A Voz de Pocinhos” e anunciada com longas horas de badaladas do sino da igreja matriz pelo senhor João Sacristão.

Emancipada Pocinhos, foi excluída de sua solicitação os territórios os quais atualmente corresponde aos municípios de Montadas e Boa Vista e o atual distrito de São José da Mata, permanecendo somente o território de Puxinanã. A prefeitura foi assumida de forma temporária em 30 de dezembro de 1953 por José Pereira do Nascimento que permaneceria no cargo de prefeito até as eleições de 1955. Após a emancipação deu-se início a um movimento que vamos chamar aqui de construção de Padre Galvão como político, esta que já foi sendo desenhada desde os seus primeiros momentos nesta localidade, mas que se intensificou após a criação de um novo município e de afunilamento das disputas entre os políticos locais.

Teria Padre Galvão buscado a emancipação de Pocinhos como forma de diminuir a quantidade de adversários políticos no ato de suas candidaturas? Pretenderia Padre Galvão emancipar Pocinhos visando às possibilidades de uma administração mais efetiva por ser um município menor? Ou este teria sido um movimento inevitável em meio ao crescimento econômico vivenciado pelos moradores de Pocinhos com a produção de sisal e outros gêneros que ganharam destaque no Nordeste brasileiro nos últimos anos? Estes são alguns dos apontamentos que pretendemos deixar para que o leitor possa fazer suas inferências após realizar a leitura até este ponto.

2.4 A CONSTRUÇÃO DO PADRE GALVÃO POLÍTICO

Alcançada a tão almejada emancipação Política do município de Pocinhos, um novo cenário de poder começou a ser construído agora em menor espaço geográfico se comparado ao de Campina Grande. Sendo Puxinanã ainda parte de Pocinhos restava entre os principais líderes políticos as famílias Joffily e os Coutinhos de Puxinanã. Entretanto, o prestígio

alcançado por Padre Galvão por meio de suas obras e da atuação social lhe concedia em 1953 influência suficiente para participar da escolha do primeiro prefeito nomeado para a cidade. Como podemos perceber nas palavras de Ribeiro (2013), foi nomeado para o cargo José Pereira do Nascimento, mas conhecido como José Alves fiscal da fazenda, que posteriormente também se tornaria seu principal aliado político.

A indicação de José Alves, um ex-seminarista campinense, fora uma forma de Padre Galvão afirmar seu posto na recém-criada comuna. O prefeito recém-nomeado, virtualmente desconhecido pela cúpula do PSD, vivia havia pouco tempo em Pocinhos, carecendo de base eleitoral ou posses que lhe permitissem ameaçar a liderança do pároco, ao menos em médio prezo. Padre Galvão reserva assim sua vaga de candidato a deputado em 1956 (RIBEIRO, 2013, p.142).

Foi escolhido desta forma um nome que não estava entre os esperados para aquele momento, mas ao mesmo tempo permitiu uma aproximação de Padre Galvão até mesmo pela origem que advém José Alves. Um ex-seminarista com poucas posses e poder simbólico no meio político em Pocinhos, que não ameaçaria os seus planos futuros que parecia já está projetado a muito tempo.

Em 1954 Padre Galvão deixou a paróquia para iniciar a caminhada rumo às eleições que aconteceram em 1955. Tomou posse em oito de agosto do mesmo ano um novo pároco; José Ayres da Costa¹², um dos primeiros ordenados da diocese de Campina Grande. Mesmo após deixar suas funções enquanto padre, Galvão continuava a residir em Pocinhos, na mesma calçada da igreja e bem no centro da cidade e de influenciar em alguns financiamentos para a paróquia como podemos acompanhar nos arquivos da câmara municipal de vereadores durante os anos que se tornou prefeito ou por meio de seu principal aliado político; José Alves.

Entretanto, o ser político de Padre Galvão não começou a ser formado no momento em que deixou a paróquia para iniciar a sua nova empreitada rumo às eleições municipais, mas esta figura como liderança político começou a ser fomentada desde os seus primeiros passos em Pocinhos como podemos observar em diversas passagens ao longo deste trabalho. Em seu primeiro discurso Padre Galvão, se colocou como aquele carregado de limitações de pouca experiência diante dos párocos que por Pocinhos já havia passado, mas ao mesmo tempo podemos perceber sua figura carregada de um poder simbólico que vai sendo construída e se fortificando ao longo dos anos.

¹² Utilizaremos como referência para a escrita do Padre Ayres o Livro de Tombo da paróquia onde seu nome foi registrado com a letra “Y”. Diferente de outras referências bibliográficas que circulam no município.

Intelectual que era e amante das palavras, fez dos seus pronunciamentos fermento para o seu poder simbólico. A cada obra inaugurada, a cada ação realizada ou investida em prol de melhorar a qualidade de vida daquele povo, faz uso da linguagem para que sejam perpetuadas suas ações no futuro. Ao conseguir as primeiras mudas de sisal para Pocinhos, e fazer uso de práticas educativas através de suas homilias em que incentivava o povo a acreditar no sisal, a investir nesta nova fonte de renda, registrado no Livro de Tombo “*quero declarar a posteridade que os primeiros peis de agave ou sisal, plantados no distrito de Pocinhos, foi por minha iniciativa*”. Portanto, os seus discursos se apresentam de forma marcante quando pensamos na construção do ser político. Giordani (2011), ao discutir acerca do poder da palavra a luz de Bourdieu destaca que

Bourdieu (1996) propõe que o poder das palavras não está nas palavras, ele vai dizer que nessa perspectiva vai se buscar o poder onde ele não está. Ele vai dizer que o poder não está nas palavras em si, mas na legitimidade que lhes é conferida pelos que falam e pelos que escutam. Nessa perspectiva o teórico vai destacar então que o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico, e salienta ainda que a linguagem pode ser entendida também como discurso e, portanto, mecanismo de poder simbólico de construção da realidade, que tende a estabelecer uma ordem de conhecimento e apreensão, e nessa perspectiva uma visão de mundo (GIORDANI, 2011, p.2-3).

Esse poder de mobilização que o “poder da palavra” possui aliado a autoridade conferida pelo falante, vai sendo fortalecida cada vez mais como podemos perceber no próprio processo de emancipação política do município. Padre Galvão fez uso de sua persuasão para junto a Assembleia Legislativa conseguir através de um memorando e de sua presença física a aprovação dos deputados paraibanos da autonomia de Pocinhos, mesmo contra a vontade dos campinenses. Por outro lado, em entrevista ao jornal O Norte discursou dizendo que está certo da sanção governamental de seu projeto após a aprovação pelos deputados, lembrando de uma promessa feita pelo governado em visita a Pocinhos, fazendo com que o governador não esquecesse que “deu a sua palavra” diante dos pocinhenses e que caso não aprovasse a sociedade paraibana, após a publicação daquela matéria saberia que o governador não cumpriu a sua “palavra”. E assim, por meio de seu discurso e de sua atuação na sociedade, até então, o padre vai ganhando visibilidade no cenário pocinhense e na sociedade paraibana.

2.4.1 Sisal, a fibra que amarrou a primeira eleição municipal em Pocinhos

Além da influência religiosa, outro fator que embalou as primeiras eleições de Pocinhos foi a economia. Como vimos no primeiro capítulo, em 1942 José Joffily Bezerra servidor

judiciário em Pernambuco, natural de Pocinhos foi nomeado secretário da agricultura da Paraíba, o que possibilitou a este distrito conseguir insumos para o seu desenvolvimento. Entre eles o envio de caminhões de bulbilhos de agave, técnicos e recursos para este distrito dando início, com o apoio de Padre Galvão e suas práticas discursivas, o cultivo desta planta no local (RIBEIRO, 2013, p.2013). O sisal representou para Pocinhos longos anos de efervescência em sua economia chagando a exportar várias toneladas deste produto para o exterior.

Como o apoio do secretário de agricultura, as primeiras mudas de sisal chegavam a Pocinhos e iniciava-se por meio do subsídio do governo as primeiras plantações. Este fato foi de fundamental importância por se tratar de uma cultura desconhecida pelos pocinhenses e que precisava de um investimento e tempo de espera até a primeira colheita. Desta forma, com o auxílio do governo, acreditar nesta nova fonte econômica que estava sendo incentivada por Padre Galvão se tornava viável economicamente. E assim a caatinga foi dando lugar aos campos de agave que após cerca de dois a três anos começavam a ser colhidos na cidade. Inicialmente os motores de desfibramento do sisal não estavam disponíveis nos campos para os produtores, sendo as folhas das plantas colhidas e transportadas até as usinas de desfibramentos e beneficiamento de onde seguiam para o comércio a exemplo da empresa Ottoni&Cia que construiu no sítio Olho d'água uma vila para os seus operários com capela e até mesmo uma escola para os filhos dos operários.

Em sua pesquisa de mestrado pela Universidade Federal da Paraíba Manoel Clemente da Penha, que produziu um filme documentário a partir de depoimentos de sujeitos trabalhadores do sisal em Pocinhos, desde exportadores até os trabalhadores beneficiadores, publicada no ano de 1998, período em que o sisal já estava em declínio, é possível notar nas falas dos entrevistados como em um determinado período o sisal pocinhense obteve grande mercado e foi responsável por um produto de boa qualidade.

Eu comecei em 1963, a produção, quando eu comecei aqui em Pocinhos era cerca de duzentos e cinquenta a trezentas toneladas por semana, hoje está em torno de cem toneladas pra baixo e mesmo assim de fibra de baixa qualidade, agora a fibra aqui já é em si, cinquenta por cento de péssima qualidade e ainda é a região que existe fibra boa, ainda é Pocinhos (PENHA, 1998, p.101).

Portanto em 1963 cerca de vinte anos após os primeiros movimentos de plantação desta cultura, Pocinhos produzia e exportava toneladas de um produto antes não conhecido pela população e que representou principal fonte de renda para esta cidade no auge de sua produção. Este produto, como podemos perceber, atraiu a instalação, além da firma de beneficiadora Ottoni&Cia, firmas compradoras de agave por atacado como podemos perceber ainda no

memorando enviado para a Assembleia Legislativa da Paraíba por Padre Galvão, quando da emancipação política deste município, atestando a existência de um total de seis firmas. Em torno firmas há a existência de um significativo número de trabalhadores que prestam serviços desde o campo, passando pelo beneficiamento, transporte, comércio entre outros setores que significaram a sobrevivência em um cariri assolado pelas severas secas e a falta de empregos.

Desta forma, o sisal representava o ouro verde para o município de Pocinhos estando estampado em sua bandeira e dividindo lugar com o algodão, também de grande importância na economia local, mas que não toma a mesma proporção que o sisal. A bandeira do município é literalmente em igual proporção verde e branca fazendo referência a estes dois produtos, assim como marcado pela fé com a cruz fincada em um rochedo no centro da imagem como podemos ver logo abaixo. A partir disto, afirmarmos, portanto, que o sisal, produto vindo para Pocinhos graças as intenções e crenças de Padre Galvão que esta era uma planta que se alimentava do ar, não precisando de chuvas para ser cultivada, adaptando-se desta forma a falta de água em Pocinhos, assim como do lugar ocupado por José Joffilly na política paraibana que possibilitou o envio das primeiras mudas para o município, este representou uma nova época para a economia da cidade.

Figura 9: Bandeira do município de Pocinhos- PB.



Fonte: (blogspot, 2022)

Esta fibra foi responsável por amarrar a configuração das primeiras eleições no município de Pocinhos e pela construção e fortalecimento da figura de Padre Galvão enquanto político. Este, que representa a abertura para os calorosos pleitos políticos na cidade que perduram até os dias atuais. Esta efervescia em disputas políticas e as acirradas eleições municipais fazendo uso de diferentes armas para conseguir ocupar a cadeira do executivo, acompanhou os pocinhenses desde o seu primeiro pleito eleitoral. Realizadas em três de outubro de 1955, a primeira eleição de Pocinhos foi disputada de um lado por Padre Galvão, dando como candidato certo pelo PSD desde o momento que foi assinada a emancipação desta cidade,

e por outro por Ottoni Barreto pelo UDN, grande empresário no ramo do sisal que chegou ao longo da campanha a ameaçar fechar sua firma do Olho d'água e romper com a igreja católica.

Sem dúvidas esta representou uma eleição carregada de poder e simbolismo. Por um lado, se destacou a figura de Padre Galvão, representante religioso que esteve atuando em Pocinhos em diferentes esferas sociais desde os primeiros anos de sua chegada, assim como se destacou pela sua atuação no momento da luta pela emancipação do antigo distrito. Por outro lado, o empresário detentor do capital econômico e dono da maior usina de beneficiamento de sisal, responsável por exportar para o exterior toneladas deste produto semanalmente e que garantia emprego local a um grande número de pocinhenses. Nesta disputa venceu o discurso religioso garantindo a Padre Galvão o título de primeiro prefeito eleito do município de Pocinhos tendo como vice, Joaquim Limeira, natural de Puxinanã. Ottoni Barreto não deixou de cumprir sua promessa de campanha e fechou sua firma, rompeu com a Igreja Católica, tornando-se protestante, distraíndo objetos sacros da capela do Olho d'Água e fechando a cadeado (RIBEIRO, 2013, p.143).

O prefeito eleito, porém, permaneceu no cargo somente até o ano de 1957, quando surgiu uma cadeira na Assembleia Legislativa onde o Padre Galvão havia ficado como suplente nas eleições de 1956. Em setembro o Padre Galvão renunciou à prefeitura de Pocinhos sendo substituído por seu vice, que em dezembro do mesmo ano sancionou a Lei de nº 40 de 11 de dezembro de 1957 autorizando a titulação de cidadão pocinhense a José Augusto da Silva Galvão. A partir da presente data o “deputado Padre Galvão” era também pocinhense. Um pocinhense que alcançou a Assembleia Legislativa e que poderia garantir a Pocinhos ainda mais benefícios, não deixando de atuar de forma efetiva na vida política do município até o ano de 1972, em uma política de alternância de poder conhecida de política de “Zé pra Zé”, de José Alves para José Galvão.

Em setembro de 1956, Padre Galvão pediu afastamento da prefeitura municipal de Pocinhos para alçar voos mais altos. Sua pretensão foi concorrer às eleições de deputado estadual pelo UDN, deixando a prefeitura como citado, nas mãos do seu vice. Entretanto, apesar de ter conseguido apenas ficar entre os suplentes, um ano após o pleito eleitoral ocupando posição na Assembleia Legislativa da Paraíba e participando de ações como a emancipação política da cidade de Boqueirão. Apesar do curto período como deputado, é possível contatar que Padre Galvão não se limitava apenas a esfera municipal, mas chegou a atuar também no contexto estadual.

Entretanto, é interessante notarmos que ao mesmo tempo que o sisal foi um dos pontos fundamentais para garantir ao Padre Galvão ainda mais Poder Simbólico sobre os pocinhenses,

como aquele responsável por trazer a Pocinhos a principal fonte de renda de uma grande parcela da população, ou seja, como as fibras do sisal foram responsáveis por amarrar todo um emaranhado de ações do Padre Galvão em Pocinhos, que culminaram em sua vitória nas eleições municipais, este foi também um dos principais ingredientes para a sua derrocada do poder ao lado de José Alves nas eleições de 1972.

Entre os anos de 1955 e 1972 muitas novas obras foram inauguradas por Padre Galvão e José Alves com solenidades com pompas que contavam com missas, corte de fita e registros fotográficos, como podemos perceber no ato de inauguração do Hospital Maternidade Luiz Coutinho. Entretanto, os problemas sociais estavam sempre presentes assolando a população como as severas secas. A prefeitura por sua vez, com apoio de Padre Galvão buscava ajudar a população a exemplo do convênio com a organização religiosa ligada aos Estado Unidos chamada *Diaconia Sociedade Civil de Ação Social*¹³ que enviava subsídios para os flagelados da seca, em especial roupas, medicamentos e sobretudo aveia (RIBEIRO, 2013, p.169). Como os pocinhenses não estavam adaptados a comer este tipo de alimento e como estratégia política os opositores de José Alves o acusavam de desviar a verba de assistência a população fornecendo apenas papa. Era o início de um movimento que culminaria na perda de poder por José Alves e José Galvão.

Por outro lado, grande parte da população que sofria com as consequências da seca eram trabalhadores do sisal, lembrando que diferente do que Padre Galvão acreditava, esta não é uma planta que se alimenta do ar, apesar de muito resistente a severas estiagens as suas folhas murcharam fazendo com que o produto perdesse a sua qualidade, quando não impossibilitava a sua desfibragem, devendo o produtor aguardar a vinda das chuvas para que assim como a caatinga o agave volte a ser verde novamente e ele possa exercer o seu produto.

Em meio à seca de 1972 e os boatos de desvios de verbas pela prefeitura foi dada a largada para as eleições de 1972. O clima não parecia dos melhores para a permanência dos Zés no poder. De um lado candidatou-se José Alves aliado de Padre Galvão e por outro Clóvis Chaves empresário do ramo do sisal, advindo de Oivedos e que possuía influência entre os trabalhadores rurais devido seu envolvimento com a produção da fibra do agave. Em meio a corrida eleitoral foram se construindo os discursos de persuasão e convencimento de uma população abalada pelas dificuldades trazidas pela seca daquele ano. Padre Galvão por sua vez,

¹³ A Diaconia Sociedade Civil de Ação Social, popularmente conhecida como Papa em Pocinhos, era uma organização religiosa sediada na cidade do Rio de Janeiro, com escritório em Recife e ligada aos Estados Unidos que enviava ajuda aos flagelados da seca na Paraíba, chegando como ajuda para as famílias de Pocinhos durante o governo de José Alves e que posteriormente se tornaria ingrediente fundamental na decorada do poder de Padre Galvão nas eleições de 1972.

não parecia satisfeito com o nível de seu concorrente político como podemos perceber nas palavras de nosso entrevistado.

Político tem que saber o que diz. O Clóvis Chaves era um matutão destes de Olivedos inclusive, ele veio morar em Pocinhos, mas era um líder também conhecido, muito líder assim, ajeitador, muita gente na casa dele, e aí padre caiu na besteira de dizer: vocês vão deixar de votar em um intelectual, ele né, para votar em um candango de motor. Aí oxe Crovã aproveitou, minha gente comer que o Padre chama, ele não quer voto de vocês não, ele quer voto só dos ricos, o candango de motor que tinha vergonha não vota nele não, aí oxe foi quando ele caiu (J.A. 11 de janeiro de 2022).

O padre intelectual que fez uso de seus discursos sempre muito bem pensados ao longo de toda a sua trajetória em Pocinhos, começou a ser criticado a partir de uma fala por ele proferida. A oposição fez uso do discurso de Padre Galvão para convencer os trabalhadores do sisal que José Alves e Padre Galvão havia desconsiderado a importância destes trabalhadores, lhes colocando em um lugar inferior às demais camadas da sociedade pocinhense, estes não queriam serem votados pelos pobres, apenas pelos ricos. Em outro trecho da entrevista concedida por nosso colaborador, ficou claro que o Padre considerava a necessidade de uma formação acadêmica e intelectual para se ocupar um cargo público de tamanha importância como a prefeitura, sendo o conhecimento de fundamental importância para conseguir financiamentos para a cidade, entretanto, na corrida eleitoral, após a sua fala infeliz para o momento, o seu prestígio foi declinando cada vez mais. Este fato somando aos rumores dos desvios de verbas nos recursos advindo para assistência dos mais necessitados, foram os principais ingredientes que fizeram com que chegasse ao fim a conhecida política de Zé pra Zé.

Padre Galvão havia perdido assim o poder sobre a prefeitura de Pocinhos, porém, ainda permaneceu na cidade alguns anos e assistiu aos primeiros movimentos da nova gestão e ao declínio total do sisal na cidade. Buscando acabar cada vez mais com a influência do padre, o novo gestor municipal tomou algumas decisões infelizes que culminaram no final da exportação do sisal pocinhense e o extermínio de boa parte das plantações de sisal na cidade. Uma de suas primeiras ações foi trazer uma fábrica de papel advinda de São Paulo tendo como proprietário o senhor Antônio Hermínio e conhecida como Conpel. Esta fábrica se instalou onde hoje existe um bairro com mesmo nome e comprava a fibra para a fabricação de papel, porém exigia dos produtores que o produto fosse de baixa qualidade, ideal para a produção do papel e tornaria a matéria-prima mais barata para ser adquirida pela fábrica.

Este fato fez com que a qualidade do sisal de Pocinhos caísse muito e não mais fosse possível exportar. Os produtores, visando ter um comprador local garantido, passaram a se

preocupar cada vez menos com a qualidade do produto, mas por outro lado, a fábrica de papel não conseguia mais comprar todo o sisal disponível. Enquanto faltava sisal de boa qualidade para exportação, a Conpel comprava a preços cada vez mais baixos o produto. Além disto, a empresa trabalhava com a estratégia de comprar do campo de agave, que consistia em comprar toda a plantação e arrancar os pés da planta para a produção de papel. Começava assim uma verdadeira destruição da cultura do sisal, visto que após a retirada do sisal a terra necessita de um investimento em seu manejo para voltar a produzir novamente, devido a características das raízes do sisal. Este investimento com o trato na terra e o alto custo para replantar o sisal, assim como o clima e o solo que impossibilitavam a produção de outras culturas, faziam com que começassem a se desenhar o fim do auge do sisal em Pocinhos e com ele dos empregos de boa parte da população.

Não é possível a Paraíba que tanto produziu sisal, hoje para exportar sisal a Expan de Guarabira exporta mil e quinhentas toneladas por mês tem que comprar na Bahia, onde Pocinhos já foi o município que produziu duzentas e cinquenta, trezentas toneladas por semana, hoje está em torno de cem toneladas, cinquenta por cento é ruim, só serve pra papel (PENHA, 1998, p.102).

Esse declínio do sisal, relatado pelo exportado de sisal de Pocinhos Vicente Victor e registrado por Penha, não mostra como a produção não somente de Pocinhos, mas de outros municípios também passou por grandes dificuldades. É importante ressaltar também que com a ocorrência do náilon o sisal perdeu mercado ao longo deste período o que contribui ainda mais para as dificuldades com esta cultura. Padre Galvão, ao ver as plantações de sisal sendo arrancadas para produção de papel relatou ao nosso entrevistado J. A. que isso era uma destruição, e que o povo se tornaria mais pobre, pois com o fim do sisal muitos trabalhadores ficariam desempregados e a pobreza e a fome, atrelados a seca seriam ainda mais agravadas. Ainda na obra de Penha (1998), ao ser perguntado acerca da reponsabilidade pelo declínio do sisal, o entrevistado respondeu que

Eu responsabilizo as fábricas de papel, que eles diziam que não iriam mexer com agave de boa qualidade, que ia comprar só as fibras fracas e a agave boa ia ficar para exportação, mas eles já têm comprado campo de sisal aqui de boa qualidade e arrancado ainda tem mais essa, compra pra arrancar (PENHA, 1998, p.102).

Os proprietários por sua vez não investiram novamente nesta cultura caindo cada vez mais o preço, restando a população que antes trabalhava no sisal, insistir na produção mesmo com baixo custo da mão de obra ou tentar a vida em outras cidades. Neste período, Pocinhos

testemunhou um grande êxodo rural, como foi o caso da região correspondente às comunidades rurais do Juá, Boqueirão, Calbeira, Malhada e outra; em que muitos deixaram suas vidas em Pocinhos para tentar a sobrevivência nas capitais.

Padre Galvão, sem nada mais para fazer e assistindo alguns de seus projetos sendo desmontados voltou a cidade de Ipubi onde exerceu ainda, segundo o nosso entrevistado, a função de padre celebrando missas em sua cidade de origem. Voltou algumas vezes a Pocinhos para reencontrar amigos e participar de alguns eventos sociais, faleceu em 07 de setembro de 1997, aos 87 anos de idade. Entretanto, nem mesmo o desfile cívico da cidade foi cancelado, sendo entre as ações em prol do luto por Padre Galvão, apenas a disponibilidade de um ônibus pela prefeitura para quem tivesse o interesse de participar de seu enterro.

Sem dúvida a data da morte de Padre Galvão, está carregada também de um certo simbolismo. Este deixa a Terra no dia em que é comemorada a independência do Brasil e em um dos dias mais solenes para a cidade de Pocinhos. Ao longo de muitos anos, Padre Galvão participou ativamente da apresentação do desfile cívico do ginásio municipal que carregava o seu nome, organizando os alunos, conferindo os detalhes ou mesmo prestigiando a banda fanfarra que teve sua primeira composição graças a sua pretensão de trazer o maestro para instruir os primeiros músicos. Além disto, é um dia que comemora a independência como uma todo e faz ecoar na memória também do ato de emancipação de um município, porém, apesar deste simbolismo enquanto o cortejo fúnebre de Padre Galvão era conduzido para o seu sepultamento na cidade de Ipubi, em Pernambuco, aqui em Pocinhos desfilavam pelas ruas da emancipada Pocinhos, os alunos do Colégio Municipal Padre Galvão, embalados pelo som da fanfarra e assistidos agora por outras personalidades políticas do alto de seu palanque montado em frente à igreja matriz.

CAPÍTULO III: O PADRE, SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: A ATUAÇÃO DE PADRE GALVÃO NA EDUCAÇÃO DE POCINHOS

Figura 10: Fotografia de Padre Galvão



Fonte: Arquivo Pessoal de Adriana Souto (1965)

3.1 PADRE GALVÃO E SUA RELAÇÃO COM O INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Partiremos, no presente capítulo, a pensar a figura de Padre Galvão exercida a partir de seu protagonismo agora no campo social da educação. Como estamos enfatizando desde as primeiras linhas do presente trabalho, Padre Galvão perpassa, na cidade de Pocinhos, por diferentes esferas de poder, e foi deixando de forma material e/ou imaterial o seu nome por meio de suas “construções e memórias” particularmente na população pocinhenses, durante a sua passagem por este município. Apesar de que seus primeiros registros do Livro de Tombo da *Paróquia Nossa Senhora da Conceição* posto que o religioso enfatizou ter ficado admirado

com o grau de formação da população de sua paróquia, a educação escolar em Pocinhos permanecia ainda muito reduzida, contando somente com uma instituição de ensino formal. O que impossibilitava o desenvolvimento intelectual de uma população que, segundo ele, caminhava para “efetivação da lei inexorável”, a sua emancipação.

Em termos de educação formal, que entendemos como educação escolar, Pocinhos contava em 1938, ano da chegada de Padre Galvão em Pocinhos, somente com o Grupo Escolar Afonso Campo, fundado em 08 de fevereiro de 1933 no governo de Gratuliano Brito. Um prédio construído pelo governo do estado que ofertava o ensino primário, contando em seu corpo docente com quatro professoras (ARAÚJO, 2014, p.17). Entretanto, a pouca oferta de vagas, deixava a mercê muitos jovens e crianças em idade escolar. Padre Galvão por sua vez, usando sua experiência como ex-diretor do Colégio Diocesano Pio XI, iniciou suas ações para a fundação do Instituto Nossa Senhora da Conceição em 1947, como podemos perceber nas palavras de Araújo (2014).

Segundo Ribeiro (2013), Padre Galvão almejava entrar para a carreira política e utiliza da sua experiência, uma vez que fora diretor do Colégio Diocesano Pio XI, preside a fundação do Instituto Nossa Senhora da Conceição em 02 de fevereiro 1947, um tipo de filial do Colégio Diocesano Pio XI com o curso primário e o ensino de artes domésticas, utiliza para sede o prédio da Casa de Caridade e a com recursos da paróquia realiza uma reforma no local elevando as paredes, fazendo um novo piso, pintando o local, colocando mais vasos sanitários e água canalizada. O Instituto Nossa Senhora da Conceição era uma escola particular e só estudavam nela os filhos dos mais abastados de Pocinhos, distrito de Campina Grande (ARAÚJO, 2014, p.17).

Nascia por sua vez, a primeira instituição escolar privada no município de Pocinhos, que se inspirava na educação ofertada pelo Colégio Diocesano Pio XI, sob presidência de Padre Galvão. Como podemos perceber na citação acima, no Instituto Nossa Senhora da Conceição estudavam os filhos das famílias com maior poder aquisitivo. Restando para os demais, as vagas do Grupo Escolar Afonso Campos. Apesar de se tratar de uma instituição privada, não podemos deixar de chamar a atenção que a oferta de novas vagas para educação escolar em uma localidade, onde antes existia somente uma instituição de ensino, permitia também que mais crianças tivessem acesso à escolarização. Uma vez que existindo a possibilidade de crianças de famílias com poder aquisitivo maior estarem matriculadas na nova escola instituída e presidida pelo padre, sobravam assim vagas para outras crianças no Grupo Escolar Afonso Campos.

O Instituto Nossa Senhora da Conceição, representou assim uma das primeiras atuações de Padre Galvão na formação escolar dos pocinhenses. O presente instituto, além de se inspirar nos moldes do Colégio Diocesano Pio XI, estava sediado na antiga Casa de Caridade do Padre

Ibiapina¹⁴. Construída por este por volta dos anos de 1966, e que ficou como propriedade da paróquia. Como foi possível perceber nas palavras de Araújo (2014) para o funcionamento da antiga Casa de Caridade como instituição escolar foi necessária uma reforma para melhor atender os estudantes. Segunda a autora, estes recursos, no ato de sua fundação, foram provenientes dos cofres da própria paróquia, o que não ocorreu anos depois quando Padre Galvão assumiu a cadeira do executivo municipal e o Instituto Nossa Senhora da Conceição passou a receber subsídios da prefeitura. Especificadamente para construção de um prédio definitivo, este, que posteriormente foi alugado pela própria prefeitura e, mais a frente, comprado para o funcionamento da primeira instituição de ensino municipal de grande porte e que recebe o nome de seu idealizador ainda em vida.

Percebemos assim uma certa contradição na origem do financiamento para o Instituto Nossa Senhora da Conceição, uma vez que, ao assumir a prefeitura municipal de Pocinhos e obter com isso prestígio social e poder, Padre Galvão passou a ser peça fundamental na articulação de financiamentos advindos dos cofres públicos municipais para obras da antiga casa de caridade de propriedade da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Essas tramas que trataremos mais a frente, representam o destino final do Instituto Nossa Senhora da Conceição, que permaneceu em funcionamento de 1947 até 1965. Ano de fundação do Ginásio Municipal Padre Galvão, quando serão transferidas as professoras que atuavam no instituto para compor o quadro docente da nova instituição, assim como os estudantes que ali estavam matriculados. O Ginásio municipal contava não somente com o curso primário, mas também com o curso ginásial permitindo que os estudantes pocinhenses pudessem dar continuidade aos seus estudos, sem ter que se deslocar para a cidade de Campina Grande e disputar as concorridas vagas no Colégio Estadual da Prata. Outrossim, aqueles que tinham mais condições financeiras estudavam nas escolas particulares ali existentes. Entretanto, esta era uma opção para poucos, tendo em vista os gastos com as mensalidades e deslocamentos de Pocinhos para Campina Grande. Diante das dificuldades, muitos abandonavam seus estudos

¹⁴ A Casa de Caridade do Padre Ibiapina em Pocinhos, é mais umas das muitas construídas por este em suas andanças pelo Brasil. Este Padre, que pregava pelo Nordeste havia dois anos, chega a Pocinhos em 1966 vindo da cidade de Santa Luzia. Como em outras comunidades, não se contentava em chegar em uma local e não deixar alguma benfeitoria para o povo que ali residia. Contava com o apoio da população a qual convocava que levasse algum material para a construção da obra pretendida e com o apoio de todos conseguia erguer um cemitério, construir um açude ou uma casa de caridade, em quinze dias dando a impressão de um milagre. Assim ocorreu em Pocinhos, vendo a situação do povo, resolveu construir uma casa de caridade para abrigar os órfãos da região. Construiu a Casa de Caridade de Pocinhos em 1966 e mesmo com uma estrutura bem simples foi o ponto inicial que posteriormente sediará o Instituto Nossa Senhora da Conceição. Atualmente, na Casa de Caridade onde funcionava a Secretária de Cultura e Esporte na qual promoveu diversos eventos culturais.

após terminarem o primário. Portanto, o Ginásio Municipal Padre Galvão representava uma mudança na educação do município.

Entretanto, antes de nos dedicarmos a discutir as mudanças ocorridas no município de Pocinhos com a abertura do Ginásio Municipal, é importante destacarmos que já no ano de 1947, Padre Galvão iniciou a sua atuação na formação acadêmica de seus paroquianos, por meio do Instituto Nossa Senhora da Conceição o qual presidiu por longos anos. Em uma ata de reuniões retirada das folhas 4-v e 5 livro de Atas do Instituto N. S. de Pocinhos, lavrada no dia vinte e cinco de janeiro de mil de novecentos e sessenta e três, pelo Padre Emídio Viana Correia, secretário do instituto, o colegiado se reúne com a finalidade de eleição dos membros que regeriam os destinos do Instituto Nossa Senhora da Conceição no ano de 1963. Nesta reunião se apresenta uma espécie de consenso dos presentes que concordarem com a permanência de Padre Galvão, na presidência do instituto.

Todos os assistentes acharam desnecessária uma eleição por escrutínio secreto já que era opinião máxima dos presentes a continuação da atual diretoria. Assim é que por aclamação permaneceram como diretor o Pe. José Galvão, secretário Pe. Emídio Viana e como tesoureiro o sr. José Manuel dos Santos. Em nome dos aclamados falou o sr. Diretor agradecendo a prova de confiança depositada e que procurariam corresponder à honra com que forma agraciados (ARAÚJO, 2014, p. 4-v e 5).

Demonstrando assim, a confiança depositada em Padre Galvão para dirigir o instituto mesmo após se passarem tantos anos de sua fundação. Na mesma ata o presidente Padre Galvão expôs as dificuldades financeiras que o Instituto vinha passando apesar de contar com cento e vinte e quatro alunos matriculados no curso primário. Afirmou não ter mais recebido nos últimos anos dos poderes constituintes, a ajuda através de verbas especiais e que seu prédio definitivo estava em vias de conclusão daí, portanto, pretenderia viajar à cidade do Rio de Janeiro para conseguir recursos para finalizar a obra.

Sua viagem, no entanto, não foi efetivada visto que conseguiu na própria prefeitura municipal os recursos para finalizar a obra, por meio de uma lei sancionada na Câmara Municipal que autorizou a doação do valor pela prefeitura para finalizar a obra do prédio definitivo do Instituto Nossa Senhora da Conceição. Já no ano de 1964, por meio da Lei de n. 159/64 que autorizava o governo municipal a conceder o auxílio ao Instituto Nossa Senhora da Conceição no valor de Cr\$ 2.000.000 (dois milhões de cruzeiros) era possível finalizar a obra do edifício que serviria posteriormente de sede para o Ginásio Municipal, permitindo ainda em seu Art. 2º o governo municipal abrisse crédito especial para o cumprimento desta lei. Lei

assinada em 30 de dezembro de 1964. Este foi um projeto aprovado pela Câmara Municipal de vereadores, mas dos sendo inevitável perceber como as relações de poder se misturavam no âmbito público e privado. Por um lado, temos o presidente Instituto Nossa Senhora da Conceição que necessitava de recursos para finalizar um projeto privado de sua instituição. Por outro lado, temos um prefeito que disposto a sancionar uma lei privilegia este “instituto” com verbas, outrora denominadas por ele de “verbas especiais”. Ao final, são a mesma pessoa, o mesmo indivíduo demonstrando Poder Simbólico.

Como a própria Lei n. 159/64 já anunciava, surgia as pretensões e os primeiro passos para a abertura do Curso Ginásial na cidade de Pocinhos. Como afirmamos acima, apesar da existência de duas instituições de ensino com o curso primário no município, ao terminar a 4ª série os estudantes pocinhenses contavam somente com duas opções que seriam: 1) tentar uma vaga no Colégio Estadual da Prata muito concorrido na época, tendo o estudante que arcar com todas as despesas com deslocamentos, 2) cursar o ginásio em uma das instituições particulares existentes em Campina Grande como o Colégio Alfredo Dantas. O que era um sonho distante para a grande maioria da população.

Podemos perceber que a escola secundária até a década de 60, se constituía como um privilégio e não um direito. Era para quem tinha condições e podia pagar. Havia ainda a possibilidade da consecução de bolsa de estudo em algumas escolas particulares através da ajuda de políticos ou com a paróquia, para meninos muito pobres, para que pudessem estudar nos seminários. Os colégios secundaristas, ginásios, dependiam, para ser implantados numa pequena cidade, do tamanho e da importância dessa cidade, da influência de um político ligado a essa cidade. Outra possibilidade era a vontade do prefeito de instalar e manter esse ginásio e científico, o que foi o caso de Pocinhos, situação que persistiu até bem pouco tempo (ARAÚJO, 2014, p.19).

E esta necessidade de implantação do curso ginásial na cidade de Pocinhos, atrelado aos problemas financeiros por quais passava o Instituto Nossa Senhora da Conceição, possibilitou o prefeito em exercício idealizar uma solução para os dois problemas. Inicialmente conseguiu-se junto à prefeitura, recursos para a finalização do edifício definitivo do Instituto, tendo em vista que até então, este era sediado na Casa de Caridade do Padre Ibiapina, necessitando de um imóvel próprio. Recursos que foram concedidos também com a justificativa que no prédio que estava sendo construído funcionaria o primeiro curso ginásial do município. E assim aconteceu.

Também em 30 de dezembro de 1964 foi aprovada, na Câmara Municipal de vereadores de Pocinhos, a Lei de n. 160/64, que cria o Ginásio Municipal e dá providências. Nesta lei, ficava determinado que o Ginásio Municipal funcionaria em contrato de aluguel com a Mitra Diocesana por tempo determinado no edifício do Instituto Nossa senhora da Conceição. Até

que houvesse a possibilidade de construção pelo prefeito de um edifício próprio. Esta lei, que detalharemos no próximo ponto, resolveu duas querelas para Padre Galvão. A primeira foi a solução da dificuldade da população em continuar seus estudos após terminar o curso primário. Permitindo desta forma, elevar também o grau de instrução de sua população. Por outro lado, sedimentava-se com contrato de aluguel junto à prefeitura municipal em relação ao Instituto Nossa Senhora da Conceição resolvendo seus problemas financeiros e garantindo também o emprego das professoras que ali prestavam serviços. Assim como a instrução dos alunos anteriormente matriculados no Instituto Nossa Senhora da Conceição, visto que estes foram transferidos para o novo prédio onde passou a funcionar o Curso Primário e também o Curso Ginásial. Os alunos deixaram de pagar por seus estudos e as professoras passaram a fazer parte do corpo docente municipal, tal realidade reforçava a imagem do Padre Galvão como gestor.

3.2 FUNDAÇÃO DO GINÁSIO MUNICIPAL PADRE GALVÃO

Em uma mesma sessão na Câmara de vereadores, a última do ano de 1964, foi sancionada a fundação do Ginásio Municipal Padre Galvão e, por outro lado, o fim do Instituto Nossa Senhora da Conceição. O edifício de propriedade do instituto, finalizado por meio da doação da importância de Cr\$ 2.000.000 (dois milhões de cruzeiros), pela prefeitura municipal, passou a sediar no ano seguinte o curso ginásial e também suas antigas turmas do curso primário. Porém, sem o recebimento de ônus dos alunos. Por outro lado, os Artigos 3º, 4º, e 5º da Lei n. 160/64 aprovadas nesta sessão, determinaram que toda e qualquer despesa com o educandário ficaria a cargo da municipalidade sem direito de indenização pela Mitra Diocesana. O edifício desta forma, passou para a tutela integral do município por meio de um contrato de aluguel. Sendo a cargo do município prover todo e qualquer benefício útil e necessário realizado no edifício, como podemos constatar no Art. 4º desta lei.

Figura 11: Parte da Lei n. 160/64.

Art. 3º - A Prefeitura Municipal de Pocinhos, assume t^oda responsabilidade no tocante a fornecer numerários para funcionamento do aludido educandário;

Art. 4º - Todo e qualquer benefício útil e necessário realizado no edifício, será por conta da Municipalidade sem direito a indenização da Mitra Diocesana;

Art. 5º - O Ensino será sem ônus para os estudantes legitimamente matriculados no período letivo;

Fonte: acervo digital da Câmara Municipal de Pocinhos (1964).

Estava criado assim, o primeiro Curso Ginásial no município de Pocinhos que curiosamente recebia o nome de Ginásio Municipal Padre Galvão, nome de seu idealizador, porém, ainda em vida. Este é um fato que não poderíamos deixar de destacar como curioso, tendo em vista como afirma Araújo (2014), que esta não é uma prática comum, já que homenagens com nomes em nomes de prédios públicos são feitas a pessoas ilustres *post mortem*. Entretanto, assim como registrou no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição que declarava a posteridade que os primeiros pés de agave plantados em Pocinhos foram por sua iniciativa, assim também o fez com o primeiro curso ginásial implantado em março de 1965.

A escolha do nome para a Instituição Escolar é um fato questionável e nos permite compreender como uma estratégia política em que se procurava afirmar as obras realizadas como uma espécie de bem feitor e, uma maneira de permanecer na memória das pessoas como um herói, aquele que trouxe para a pequena cidade do interior a inovação, o curso ginásial. É bastante intrigante a sua atitude de colocar o seu próprio nome no ginásio uma vez que é mais comum fazer uma homenagem póstuma, a pessoas “ilustres” que se destacaram na sociedade em uma determinada época, com um nome de rua, avenida, escolas e etc. Não seria esta uma atitude de assegurar o seu nome na história da educação na cidade e de criar uma imagem que o Ginásio era algo que estava em seu domínio? (ARAÚJO, 2014, p.20).

Este “herói” ciente de seu protagonismo, que trazia instantaneamente “a inovação” para Pocinhos. Imortalizado ao nomear o Ginásio e, que posteriormente, se tornaria Colégio Municipal Padre Galvão até os dias atuais. O mesmo nome que era homenageado, também assinou as leis sancionadas em seu favor, como podemos encontrar nos arquivos da Câmara Municipal de vereadores, que atualmente encontram-se digitalizados e acessíveis à população.

Nomeados e formado o corpo docente e as matrículas efetivas, o Ginásio Municipal Padre Galvão passou dois anos em funcionamento no prédio alugado ao Instituto Nossa Senhora da Conceição. Em dezembro de 1966, por meio da Lei de n.171/66 o poder executivo autorizou a realizar a compra do imóvel para torná-lo propriedade definitiva da prefeitura municipal. Em seu Artigo 2º a lei determina que o valor não deve ultrapassar a importância de Cr\$ 5.000.000 (cinco milhões de cruzeiros), sendo pagos em duas parcelas, uma no início do ano de 1967 e outra no mês de junho do mesmo ano. Ou seja, se em 1964 a prefeitura efetuou a doação de Cr\$ 2.000.000 (dois milhões de cruzeiros) para conclusão da obra, passando dois anos em contrato de aluguel, salvo as reformas necessárias durante o período em que esteve a cargo do poder municipal, agora a prefeitura efetuará a compra deste mesmo imóvel, desconsiderando todo o investimento anteriormente feito.

Este, sem dúvidas, foi um ótimo negócio para o Instituto Nossa Senhora da Conceição, que fecha suas portas com um valor considerável em sua conta. Permitindo assim que Padre Galvão “servisse a dois senhores”, por um lado estava efetivada a compra do edifício para o funcionamento da principal instituição de ensino do município, um prédio de grande porte e muita área a ser construído e por outro lado, o Instituto Nossa Senhora da Conceição subvencionado com a quantia conseguida com a venda do edifício.

Realizado os contratos políticos e econômicos para o funcionamento do ginásio municipal é anunciado por Padre Galvão na difusora da cidade conhecida como “A Voz de Pocinhos”, que se localiza até os dias atuais em frente à igreja matriz e à Praça Central, em dias de feira, que todos que desejassem cursar o ginásio, fossem de Pocinhos ou região, deveriam realizar suas matrículas no ginásio municipal. Enfatizando por meio de sua retórica e fazendo uso de seu Poder Simbólico que o “céu era o limite”. Devemos lembrar ainda que se tratava de uma época em que o ensino não era obrigatório, e que muitas famílias, diante das dificuldades financeiras, necessitavam da mão de obra dos jovens para o seu sustento. Entretanto, Padre Galvão, através do alto falante da difusora, buscava inculcar nos indivíduos a qual sua voz alcançava, que não bastava apenas ser alfabetizado, mas que com a oferta do Curso Ginásial, por ele trazido, o céu era o limite para estes jovens.

Não podemos negar que o seu perfil intelectual sempre esteve presente em suas ações em Pocinhos. Por ser um indivíduo culto, em suas pretensões não se contentava com o simples, mas buscava o que estava diante do possível. Ao pensar e implantar o Mercado Público Municipal buscou construí-lo em um local por muitos considerado distante e o seu porte exagerado. Porém se justificava que “estava pensando em Pocinhos no futuro” (GALVÃO, 1969). Na construção do edifício, inicialmente de propriedade do Instituto Nossa Senhora da

Conceição assim também o fez, inicialmente assim construiu o edifício no local onde ainda não havia habitações, mas que com o passar dos anos tornou-se parte também do centro da cidade. Já no tocante à educação não era diferente, utilizava em seus discursos uma retórica que levava aos pais daqueles jovens se perceberem “à frente do seu tempo”. O discurso de que o investimento nos estudos de seus filhos seria um fomento para o futuro daqueles indivíduos, era constante em sua trajetória.

Entretanto, não bastava apenas se matricular para cursar o ginásio. Seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961, que em seu Art. 36 determinava o ingresso na primeira série do Curso Ginásial dependeria da aprovação em exame de admissão; daí ficasse comprovada uma educação primária satisfatória, pois todos os alunos deviam passar pelos temidos exames de admissão, antes de efetivar matrícula. Estes exames eram considerados um verdadeiro “vestibular” e em Pocinhos, chegaram a existir turmas preparatórias. Tratava-se de um exame de caráter eliminatório e classificatório, sendo as disciplinas de português e matemática de caráter eliminatórias, e história e geografia, classificatórias (ARAÚJO, 2014).

Padre Galvão, por sua vez, fazia questão de participar de todas as etapas do exame de admissão. A sua figura misturava-se com toda a tensão vivenciada pelos estudantes e suas famílias. Tratava-se não somente de um fiscalizador, mas era também o prefeito, era aquele que fazia o convite para as matrículas na difusora e também o que divulgava a classificação dos aprovados no exame em praça pública. As diferentes esferas de poder, exercidas por Padre Galvão, causavam ainda mais pressão nos espaços em que estava. Nos corredores da escola isto não era diferente.

Padre Galvão estava presente na fiscalização das provas e segundo o relato da senhora Maria de Lourdes tinha uma postura rígida e autoritária que intimidava os alunos. No silêncio da realização das provas os passos do padre ao andar pela sala certamente ecoavam e apavorava os alunos. Não era apenas o Padre, era o prefeito, o fundador do Ginásio e o inspetor de ensino, ou seja, aquele que detinha o poder nas mãos e que podia fazer o que achasse conveniente. Só a sua presença no ambiente era um instrumento de pressão e opressão sobre os alunos que, por sua vez, possuíam uma família com pais e possíveis irmãos que eram eleitores da situação ou da oposição e, em uma cidade pequena é possível saber os que compactuam com um sistema político e os que não são favoráveis a ele (ARAÚJO, 2014, p. 20).

O poder que fundava, também era o poder que regulava as ações dos indivíduos em seus espaços sociais. Se em um primeiro momento, em Pocinhos, este fazia uso do altar e por meio de suas homilias incentivava os seus párocos a plantarem os primeiros pés de agave; nova

promessa econômica para a região. Por meio de sua presença nos corredores da instituição escolar, fazia uso de seu poder para “moldar e construir” os cidadãos que desejava, para o futuro de Pocinhos.

Padre Galvão, por sua vez, não deixava o simbolismo do “ser padre”. Sua batina preta, assim como seu capital social, o acompanhou até os últimos momentos na cidade de Pocinhos. No primeiro aniversário do Ginásio Municipal apareceu vestido em sua tradicional batina preta na entrada da escola acompanhado pelos alunos para receber uma “comitiva militar” em visita à instituição. Não podemos deixar de lembrar que estávamos vivendo o regime militar e que a necessidade de verificar como estava ocorrendo a educação deste novo educandário recém-inaugurado se fazia necessária.

Segundo Araújo (2014), as festividades do primeiro aniversário deste educandário foram preparadas às pressas, pois Padre Galvão havia recebido o comunicado da visita dos militares às vésperas da solenidade. Entretanto, mesmo diante do pouco tempo, a recepção carregada com símbolos de patriotismos foi preparada para agradar aos seus visitantes. Até mesmo o hino no Ginásio Municipal foi elaborado, a pedido de Padre Galvão, para ser apresentado aos partícipes nesta solenidade, no dia anterior. A professora Zilma Ferreira produziu a letra do hino e sua melodia foi inspirada no Hino da Marinha. Cantado pela professora e seus alunos em 29 de março de 1966, ainda permanece como Hino da Instituição retratando o momento histórico em que foi produzido.

Figura 12: Primeiro aniversário do Ginásio Municipal Padre Galvão. Dia 29/03/1966.



Fonte: Acervo da senhora Ana Luíza Ferreira Wanderley (1966).

Na fotografia acima, podemos perceber, além da presença de dois homens de terno que faziam parte da comitiva dos militares, os alunos vestidos com a farda de gala, com mãos para trás em respeito à Bandeira Nacional, que estava sendo hasteada enquanto era proferido o Hino Nacional. Em destaque na fotografia, a figura de Padre Galvão com sua batina, mesmo depois de tantos anos de afastamento das atividades sacerdotais. Porém, fazia questão de carregar este simbolismo por meio do seu traje. O Padre que não deixava de ser padre.

Nesta fotografia também podemos observar traços de uma cultura escolar que foi sendo criada com a implantação desta instituição de ensino no município. Trata-se de uma instituição de grande porte que tornou-se por muitos anos referência no ensino na região, e o que recebe alunos advindos das atuais cidades de: Olivedos, Montadas, Boa Vista, Queimadas e outras. A partir desta geração de indivíduos que a frequentavam e foram formados por uma cultura escolar própria da instituição de ensino, regida por um líder religioso católico e fruto de um regime militar. Como podemos constatar por meio da exaltação de símbolos nacionais na solenidade acima descrita.

Aqui entendemos o conceito de Cultura Escolar a partir de Dominique Julia (2001), que a define como um conjunto de normas e práticas que permitem que determinados conhecimentos e comportamentos sejam inculcados nos cidadãos em uma determinada época com finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização; sem deixar de considerar também as práticas que acontecem nos pátios e corredores das instituições escolares que podem resistir à tentativa de aculturação da escola e que o autor denomina também de “folclore obscuro” das crianças.

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.10).

Aquela cultura escolar vivenciada no Ginásio Municipal Padre Galvão, estava carregado por um catolicismo predominante desde do momento de sua fundação, assim como de fortes normas de controle que iniciavam com a aplicação dos exames de admissão, nos quais o próprio Padre Galvão fazia questão de estar presente. Uma cultura escolar também marcada por um patriotismo ufanista fruto de um momento histórico nacional de controle e vigilância entre os anos de 1964 e 1985, tempo em que símbolos identitários da instituição de ensino que dirigia, foram produzidos para atender as expectativas militares a exemplo do Hino do Ginásio Municipal, inspirado no Hino da Marinha.

Essas normas de controle, perpassavam também pelas próprias vestimentas utilizadas pelos estudantes. No fardamento exposto na fotografia acima, podemos observar o traje dos estudantes para momentos de solenidade. No dia a dia também era obrigatório o cumprimento daquela vestimenta pela instituição, desde a camisa até a cor da meia. Estas normas pregadas na cultura escolar do Ginásio Municipal de Pocinhos, eram fiscalizadas pela chamada “diretora de disciplina” ou “supervisor”, cargo criado pela Câmara Municipal de vereadores por meio da Lei de n. 336-A. Lei que institui o serviço municipal de educação e deu providências, na qual em seu Art. 3º cria os cargos de I- Chefe, II- Secretário e II- Supervisor, O que refletiu também na necessidade da figura de “supervisor” para conduzir as normas estabelecidas.

Como podemos perceber, na citação de Araújo (2014), aqui disposta, Padre Galvão, no Ginásio Municipal aparecia como um importante representante das normas e “boas condutas”. Não só enquanto educador, mas também como representante da Igreja, e como o prefeito da cidade. Nos bancos do Ginásio Municipal não estavam somente estudantes a serem formados, mas também filhos de eleitores que poderiam ser seus aliados e opositores e nos quais por meio da instituição de ensino Padre Galvão poderia fiscalizar e muitas vezes “moldá-los”. Sem deixar, no entanto, de considerar as práticas que fugiam aos olhos deste e dos supervisores. Práticas ocultas que transgrediam normas estabelecidas e com elas combinadas, para além dos muros da escola (JULIA, 2001, p.37).

O mesmo fiscalizador que dava nome à instituição de ensino, também entoava seus passos fortes em seus corredores, além de permanecer imortalizado atualmente por meio de uma fotografia de grande porte que permanece na entrada do agora Colégio Municipal “Padre Galvão”. Uma fotografia na qual Padre Galvão aparece com o olhar em direção ao horizonte, transmitindo por meio da imagem o que a maioria da população faz questão enaltecer: O Padre Galvão Visionário. A colocação desta fotografia transparece um Padre Galvão que foi construído por ele mesmo, por meio de suas ações e discursos e que ficaram imortalizados na memória de uma grande parcela da população. É importante perceber assim, que este era também um “ser político” que se legitimou por meio de alianças e acordos, assim como um ser humano que possuía seus medos, desejos e ambições.

3.3 A RELAÇÃO DE PADRE GALVÃO NAS COMUNIDADES RURAIS

Sendo Pocinhos um município de grande extensão em área rural até os dias atuais, não poderíamos deixar de pontuar a relação de Padre Galvão com as comunidades rurais, tendo em vista que a área urbana matinha relações efetivas com as áreas rurais. Apesar das distâncias e

dificuldades de locomoção e comunicação da época, as comunidades rurais representavam boa parte da arrecadação no município, assim como concentravam um grande número de eleitores. Portanto, se faz necessário no presente trabalho refletirmos algumas relações estabelecidas por Padre Galvão e, especialmente por comunidades rurais.

Desde sua chegada, um homem jovem, pouco conhecido e pretendendo efetivar seus ideais, Padre Galvão foi visto pelos principais líderes políticos com certa desconfiança. Entretanto, logo buscou alianças que pudessem lhe favorecer nos momentos oportunos. Estabeleceu alianças com os principais proprietários rurais do município, como por exemplo os Joffily, assim como outros proprietários rurais nas comunidades mais distantes tais como: Boa Vista, Montadas e Puxinanã. Ribeiro (2013) destaca em sua obra que buscando agradar a Emiliano Virgínio proprietário rural e liderança política em Boa Vista, convida sua filha Marlinda para ser rainha na festa de padroeira em Pocinhos, após a moça perder o concurso para rainha da festa de Bom Jesus dos Martírios de Boa Vista em 1940 (RIBEIRO, 2013, p.122), agradando assim não somente a mocinha, mas buscando também a confiança daqueles detentores das propriedades rurais em sua paróquia.

Este, porém não foi um dos únicos fatos em que podemos atestar a atuação de Padre Galvão nas comunidades rurais de Pocinhos. Neste mesmo ano em uma passagem no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição afirma ter começado a construção da capela Nossa Senhora das Graças na comunidade rural de Nazaré. Distante três léguas da sede paróquia e que havia conseguido a permissão para celebrar missas nesta comunidade. Essas e outras pretensões seriam importantes para estimular a continuidade da construção da capela. Segundo Ribeiro (2013), no ano de 1940, com a retomada de preços do algodão, fez surgir o povoado de Nazaré. Quando os moradores do Sítio Carrapateira conseguiram juntar verbas para financiar a construção da capela no mesmo ano (RIBEIRO, 2013, p.122).

Representava os primeiros passos para o surgimento do principal distrito de Pocinhos atualmente, em seus aspectos econômicos e populacionais. Assim como é de costume com a construção da capela, que demorou alguns anos para ser concluída, as habitações começaram a ser edificadas. Atualmente este distrito conta com um pequeno núcleo urbano, com estabelecimentos como: Posto de saúde, escola que oferta até o Ensino Fundamental II, cemitério, duas quadras poliesportivas, agência dos correios, alguns estabelecimentos comerciais e outros; além de sua população ainda ser composta por produtores rurais com bom poder aquisitivo.

A seguir, podemos observar na figura 12 uma imagem que retrata a construção da capela Nossa Senhora das Graças na comunidade rural de Nazaré, em 1940. Com o aumento do preço

do algodão e com a contribuição coletiva da comunidade, deu-se essa construção que Padre Galvão afirmou que foi incentivada através da celebração das missas nesta comunidade. Era uma forma de estar mais próximo de seus párocos e por meio das celebrações incentivar a conclusão da obra. Efetivando assim, a presença da Igreja naquela comunidade. Na imagem podemos observar a presença de uma grande quantidade de pessoas. Um grupo composto por homens, mulheres e muitas crianças. No centro da imagem, em destaque, com sua batina preta, o religioso parece está sentado ao lado dos pequenos, do “futuro da comunidade”. Neste período estar ainda como pároco, tudo indica que se tratava de um momento após a celebração da Missa. A cena é aproveitada para registrar a que pé andava a obra da construção da capela. A imagem se tornou também simbólica se atentarmos para o fato de ser uma construção de iniciativa da comunidade. A presença destas pessoas na fotografia faz referência a este trabalho realizado de forma coletiva e liderado pelo pároco da cidade.

Figura 13: Construção da Capela Nossa Senhora das Graças, na comunidade de Nazaré 1947.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriana Souto (1947).

Na imagem podemos perceber ainda que não se tratava de uma construção qualquer, mas de uma capela de grande porte, que lembra o estilo barroco com portas e janelas arredondadas. Atualmente, permanece com a mesma estrutura, salvo com uma ampliação na

parte dos fundos o que demonstra que mesmo com o crescimento da população com o passar dos anos a construção idealizada ainda em 1940 ainda comporta seus fiéis.

Esta, no entanto, não foi a única construção nas comunidades rurais em que podemos constatar a presença de Padre Galvão e um espírito de coletividade entre os membros da comunidade em um período em que o poder público era ainda mais distante. Em 14 de agosto de 1988, na passagem do aniversário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, um grupo de professoras em nome da comunidade rural de Pedra Redonda, escreveu uma saudação à paróquia e relataram em seu escrito a história desta comunidade rural. Neste escrito as professoras, em nome da comunidade de Pedra Redonda, saudaram os oitenta anos da paróquia de Pocinhos e escreveram um resumo dos principais acontecimentos de sua comunidade. Iniciaram relatando que a capela foi construída no ano de 1954 pelo senhor Joaquim Alves da Costa e que “para alegria de todos os seus habitantes” sua primeira missa foi celebrada por José Galvão no mesmo ano, contando com aproximadamente 200 habitantes presentes nesta celebração.

As professoras Jucilene, Ailsonete e Jucineide ainda destacaram a construção do Grupo Escolar em vinte de outubro de 1966 pelos trabalhadores braçais Inácio Oliveira Lima, Severino Salustiano Bezerra e o encarregado Francisco Lourenço. Fazendo questão de destacar a seguinte frase: “*Não poderia também deixar de lembrar do Sr. Padre José Galvão, que foi administrador, desenvolvendo excelente papel, também como vigário*¹⁵.” Nesta passagem podemos constatar que Padre Galvão esteve presente nesta comunidade não somente como vigário, mas também como administrador, como prefeito. Celebrou a primeira missa na capela, assim como ocupava a cadeira do poder executivo nos anos de construção do grupo escolar da comunidade. Se no núcleo urbano, a comunidade escolar recebia a visita dos militares para a solenidade de aniversário de um ano do Ginásio Municipal, por outro lado nas comunidades rurais, a educação começava a chegar, mesmo que de forma ainda tímida.

Uma outra comunidade rural que podemos atestar que houve a presença de Padre Galvão é o Sítio Arruda, onde o religioso possuía uma propriedade e estabeleceu casa permanecendo por alguns anos, enquanto alternava no poder com seu aliado político José Alves. Segundo alguns relatos, nesta mesma comunidade ele teria estabelecido uma relação amorosa com uma senhora da qual resultou dois filhos. Hoje ainda residentes nesta comunidade e que teriam recebido como herança a sua propriedade rural. Entretanto, devido uma resistência ainda moral

¹⁵ ATA DA 5ª SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA CIDADE DE POICINHOS. Manuscrito. 25 jan. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

por carregar consigo o julgamento da população por se envolver com um padre, não foi possível constatar estas afirmações. Atualmente, além de sua antiga casa permanecer em pé, e com moradores residindo, esta mesma comunidade rende homenagem ao seu antigo morador. A exemplo da nomeação da Unidade Básica de Saúde que carrega o seu nome.

Este são alguns dos resquícios da atuação de Padre Galvão também nas comunidades rurais de Pocinhos. Nos quais é possível perceber que, a sua figura é vista pela população como um representante de diferentes esferas de poder. Não estava ali somente o padre, somente o prefeito ou o educador; a sua presença representava uma verdadeira “simbiose de poderes”. Com os seus capitais simbólicos se misturando criava-se a figura que foi Padre Galvão. Apesar de sua despedida no ano de sua morte, não ser lembrada como um momento solene para a cidade, é inegável que em diferentes esferas da memória histórica, especialmente nos festejos no município de Pocinhos serem a marca de Padre Galvão¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto tivemos a pretensão de pensar a trajetória de Padre Galvão, um líder político, agente eclesiástico e educador em Pocinhos, entre os anos de 1940 e 1965. Inicialmente determinamos o presente recorte temporal por se tratar do momento de sua chegada ao então distrito de Campina Grande. O ano de 1965, portanto, marco da inauguração do primeiro curso ginásial no município. Ao longo do texto buscamos apresentar práticas e representações de Padre Galvão ao longo de sua trajetória em Pocinhos. Suas alianças e desavenças, fracassos e conquistas, suas estratégias afirmativas que o levaram a ser lembrado na posteridade e as representações que a população fez de sua figura ao longo do tempo.

Padre Galvão, que chegou em Pocinhos ainda com pouca idade e experiência sacerdotal, assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Conceição em fevereiro de 1938 e logo envolveu-se também em diversas questões de cunho social. Entre suas empreitadas, está a emancipação política de Pocinhos em dezembro de 1953, conseguida na Assembleia Legislativa da Paraíba. Contrariando os políticos locais que não estavam dispostos a emancipar o Distrito de Campina Grande, trampolim político nas corridas eleitorais. Para reforçar e conseguir apoio para esta emancipação, a qual denominou de “lei inexorável, que impele o indivíduo, como as sociedades

¹⁶ Podemos assim perceber uma certa contradição que permeia a História de Pocinhos: se atualmente Padre Galvão representa na memória dos munícipes uma figura singular responsável não somente pela emancipação política do município, mas também por obras importantes até os dias atuais, no momento de sua partida, os pocinhenses não se prostraram com tanta gratidão para se despedir do seu antigo pároco.

para a plenitude de sua existência”, fazer uso de seus discursos persuasivos nos jornais e meios de comunicação, buscando apoio político e reconhecimento da emancipação política daquele povoado.

Durante sua estadia em Pocinhos, o Brasil vivenciou duas ditaduras. A primeira a ditadura do Estado Novo na qual Getúlio Vargas, tomou o poder e governou o país a pulso firme, seguido posteriormente por um breve período democrático, até assistir novamente a tomada do poder pelos militares. Estes acontecimentos nacionais, respingaram em Pocinhos de diversas formas, seja pelas ações dos interventores estaduais, o exacerbando o patriotismo, e as reformas educacionais, entre outros resquícios destes regimes. Sendo um povoado localizado no interior da Paraíba, que enfrentou junto a seus paroquianos as severas secas, e as querelas trazidas em suas brisas escaldantes. Padre Galvão buscou, através de suas alianças e por meio de viagem até mesmo ao Rio de Janeiro, recursos para assistência dos mais necessitados. Entre os primeiros objetivos alcançados está a inauguração da Casa de Saúde e Maternidade São José, conseguida por meio de doações e que serviu por muitos anos, como ponto de apoio para as grávidas, puérperas e tuberculosos da região.

Padre Galvão carrega em sua chegada uma personalidade que expõe certas fragilidades humanas, mas que vai sendo transformada à medida que é reconhecido por meio de suas alianças e ações na localidade. Aproximou-se de famílias de grande prestígio social e político como os Joffilys o que lhe concede feitos como apoio para trazer as primeiras mudas de agave para o município, planta responsável por mudar de forma determinante a economia local elevando Pocinhos à categoria de um dos maiores exportadores de sisal do país. Além de suas ações junto à administração estadual por meio da figura de José Joffily, Secretário de Agricultura do Estado, incentivou a população a confiar nesta nova promessa até então desconhecida pelos pocinhenses, e que deu certo.

Faz questão de deixar registrado para a posteridade a sua participação nos feitos em que estava envolvido. Com o tempo, resolveu deixar a paróquia para concorrer às eleições do então município de Pocinhos e após uma concorrida disputa com um dos principais exportadores de sisal, tornou-se o primeiro prefeito eleito de Pocinhos. Enquanto prefeito e durante suas campanhas fez uso do simbolismo religioso da batina preta, vestimenta tradicional que o acompanhou até os últimos momentos em Pocinhos. Sua batina que fazia lembrar aos Pocinhenses o poder que ele representava, não apenas um poder terreno por meio do seu capital intelectual e social, mas também um poder divino como representante de Deus na terra.

Toda sua trajetória foi registrada por meio de diferentes fontes, entre elas as fotografias que o mostra a caminhar para frente ou com olhar ao horizonte, traduzindo a figura do visionário

que talvez buscasse imprimir à sua persona. Alguns destes registros foram trazidos no presente trabalho não somente com o caráter ilustrativos ou buscando uma comprovação do que estava sendo disto, mas também como mais uma possibilidade de interpretação do leitor. São imagens produzidas em um período em que mesmo sendo uma tecnologia pouco popular, no contexto político nacional pregava-se a necessidade de se registrar os passos e ações do presidente, podendo ser estas inspirações de um contexto nacional.

Entre sua atuação política, alternou o poder como seu aliado José Alves em uma política que ficou conhecida como política de Zé pra Zé. Deixava a prefeitura somente nas mãos de seu aliado do qual podia fazer parte das decisões mais importantes. Chegou a ocupar a cadeira de Deputado Estadual e participou por sua vez da emancipação política da cidade de Boqueirão, mas não deixou de retornar ao município. Conseguiu junto a José Alves manter a política de Zé pra Zé até o ano de 1972, quando perdeu as eleições para um produtor de sisal analfabeto advindo da atual cidade de Olivedos chamado Clovis Chaves, cumprindo assim a hilária, se não trágica sina de ver as fibras que lhes trouxeram o poder e prestígio serem responsáveis por lhe derrubar. Após uma eleição embalada por discursos calorosos e consequências da severa seca de 1970, seu adversário político fez uso do próprio discurso de Padre Galvão para lhe derrotar. Ao fazer referência à necessidade de se ter no poder municipal alguém com certo grau de instrução, acabou sendo colocado como “o vilão que não gostava de analfabeto”, de candangos de motor, trabalhadores do sisal que naquele momento representavam boa parte da população pocinhense.

Entretanto, não se contentou em atuar apenas no campo político e religioso, ocupou lugar também na educação de Pocinhos. Inicialmente, como idealizador e diretor do Instituto Nossa Senhora da Conceição, educandário de caráter privado inspirado nos moldes do Colégio diocesano Pio XI, do qual possuía certa experiência e, posteriormente, quando prefeito na fundação do primeiro curso ginásial que, curiosamente, recebe o seu nome ainda em vida. Faz questão de participar não somente dos exames de admissão, mas também dos diversos eventos solenes como os desfiles cívicos e o primeiro aniversário deste educandário. Mantendo sua batina preta mesmo depois de ter deixado suas atividades sacerdotais.

Sua atuação, porém, não se restringia apenas ao núcleo urbano de Pocinhos, foi possível contatar ainda suas ações em comunidades rurais como Nazaré, Pedra Redonda e Arruda; com a construção de capelas, celebração de missas e, nesta última, como proprietário rural, onde supostamente estabeleceu família e teve dois filhos. Além da construção das capelas, também teve papel importante na construção do Grupo Escolar de Pedra Redonda como podemos

constar no escrito produzido por três professoras desta instituição no aniversário de oitenta anos da Paróquia de Pocinhos.

Tratamos aqui de uma personalidade que permeou diferentes esferas de poder e deixou o seu nome gravado, literalmente, em diferentes espaços da cidade de Pocinhos. Construiu ainda uma memória coletiva que busca enaltecê-lo como fundador da cidade, como aquele visionário que impulsionou o desenvolvimento local. O homem “isento de defeitos” e até características humanas, que veio a falecer em 07 de setembro de 1997, em sua cidade natal de Ipubi em Pernambuco. Inicialmente, mesmo diante de todas as ações políticas, nem mesmo o tradicional desfile cívico em Pocinhos foi cancelado ou lhes rendeu alguma homenagem. Com exceção de um ônibus disponibilizado pelo prefeito para o seu velório, poucas, ou nenhuma, foram as homenagens da população de Pocinhos em sua despedida.

É inegável o seu papel para a história e historiografia da cidade de Pocinhos. O sacerdote, político e educador que esteve presente nos momentos de maior efervescência de seu passado, fazendo uso de seus discursos, sempre intelectualizados, fruto de sua formação acadêmica. Padre Galvão configura como uma personalidade singular, mas também humana, carregado de interesses públicos e privados, com seus acertos e falhas que lhe conferiram recordações apaixonadas. Aqui, enquanto pesquisadora, espero ter contribuído para a historiografia local, e de certa forma, sei que também alcancei um dos desejos de Padre Galvão, mesmo que não como objetivado, mas que este fique para posteridade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Priscila Lucena. **Ó Meu colégio és ninho sagrado: Um Estudo Sobre A Implantação do Ginásio Municipal Padre Galvão na Cidade de Pocinhos- PB (1965-1972)**. 2014. 63p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História) Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (137-1945)**. Síntese, Belo Horizonte, v. 7 n. 19, jan. 1980.

BARROS, Rafaela da Silva Castro. **Adventícias, suspensões e expulsões nos anos de chumbo [manuscrito]: um estudo sobre as práticas de (in) disciplina escolar no Colégio Municipal Padre Galvão (1970-1975)** / Rafaela da Silva Castro Barros – 2017. 46p.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: Legislação Básica - Nível Técnico_ok.pmd (mec.gov.br) Acesso em 29/06/2022.

BRANDÃO, Zélia. **Operando com conceitos: com e pra além de Bourdieu**: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n1, p.227-241, jan/abr.2010

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____, Pierre. **L'illusion biographique**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales (62/63):69-72, juin 1986.

CAPELATO, R. **Mapa do ensino superior no Brasil**. São Paulo: SEMESP, 2019.

COSTA JÚNIOR, José dos Santos. **O que faz a política na ordem de uma biopolítica? Infância e governo da vida no Brasil**. In: Revista Nordeste de História do Brasil, Cachoeira, v. 2, n.3, p.48-82, jul /dez. 2019.

_____, José dos Santos. **Uma arte do cuidado e uma política do corpo: a LBA e o governo da infância na Paraíba (1948)**. Caicó, v. 16, n. 37, p. 37-71, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

_____, José dos Santos. **Uma arte do cuidado e uma política do corpo: a LBA e o governo da infância na Paraíba (1948)**. Meme revista de humanidades, Caicó, v. 16, n.37, p.37-71, jul /dez. 2015.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GALVÃO, Padre. **Carta Manuscrita**, Pochinhos, PB CARTA, 1953.

GIORDANI, Rosselane Liz. **As relações de poder exercidas através do discurso**. CSOnline Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Brasília, Ano 2, v. 3, p. 80-106, maio. 2008.

FISCHER, Rosa Maria. **Estado, Mercado e Terceiro Setor: uma análise conceitual das parcerias intersetoriais**. R.Adm., São Paulo, v.40, n.1, p.5-18, jan./fev./mar. 2005

JULIA, Dominique, **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**, In: Revista brasileira de história da educação n°1, jan./jun, Unicamp:SP: 2001

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Editora: Ateliê Editorial, 2012.

_____, Boris. **O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, n. 49, pp.35-42- 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a03v2549.pdf. Acesso em maio de 2021.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades em foco – A masculinidade**. Curitiba: Editora da UFPB, v. História: Questões & Debates, n. 34, p. 45-63, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 2, n. 2, p. 11-20. 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, n. 45, pp.11-36- 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf. Acesso em maio de 2021.

_____, Ulpiano T. Bezerra de. **A fotografia como documento- Roberto capa e o miliciano abatido na Espanha: Sugestões para um estudo histórico.** Revista Tempo, Rio de Janeiro, n. 14, pp.131-151- janeiro de 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237025443> . Acesso em maio de 2021.

NOGUEIRA, Maria Alice. Favorecimento econômico e excelência escolar: m mito em questão. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 26, p. 133-144, ago. 2004.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba: Lutas e Resistência.** João Pessoa: A União, 1994. n. de pág. 268.

PENA, Felipe. **Subjetividade Midiática: Tempo e Memória no Discurso das Biografias Contemporâneas.** PSIC. CLIN, Rio de Janeiro, Vol.19, n.1, p.41 – 55, 2007 ISSN 0103-5665. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100004>. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

PENHA, Manoel Clemente da. **A epopeia do sisal** – Filme Documentário -/ Manoel Clemente da Penha. – João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998. 144p.

PEREIRA, José Carlos. **Religião e Poder: Os símbolos do poder sagrado.** Biblioteca on-line de ciências da comunicação. p. 1-19, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., I a reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.

RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos o local e o geral.** Campina Grande: RG editora, 2013.
SAUDAÇÃO A PARÓQUIA AS PROFESSORA. **Manuscrito.** 14 agosto 1988. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Trajatória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.** Porto Alegre: Anos 90, n.6, dezembro de 1996.

_____, Benito Bisso. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.** Porto Alegre: Anos 90, n.6, dezembro de 1996.

_____, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-22, jul. 1997. ISSN21781494.Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acesso em: 16 out. 2019

_____, Benito Bisso. **Biografia e regimes de historicidade.** MÉTIS: história & cultura, Caxias do Sul – v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003. Disponível em: Biografia e regimes de historicidade | Schmidt | Métis: história & cultura (ucs.br). Acesso em: 03 jun. 2021.

SCHWARTZMAN, Simon. **A Igreja e o Estado Novo: O Estatuto da Família.** Cad. Pesq., São Paulo, v. 37, n., p.71-77, mai.1981.

SILVA, Severino Vicente da. *Entre o Tibre e o Capibaribe: Os limites do progressismo católico da Arquidiocese de Olinda e Recife*. Tese (Doutorado em história) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

FONTES

ATA DA 5º SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA CIDADE DE POICINHOS. Manuscrito. 25 jan. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

COSTA, João Batista Vasconcellos [julho de 2020] Entrevistadora: BARROS, Rafaela da Silva Castro. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso. **Um Personagem em Três Esferas de Poder: um estudo sobre a trajetória de Padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965)**, Pocinhos-PB.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE POCINHOS. **Livro Tombo**. (Manuscrito) 29 jun. 1917. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos.

POCINHOS. **Lei nº 160/64, de 30 de dezembro de 1964**. Cria o Ginásio Municipal e dá Providências. Livro de registro de leis 3, Pocinhos, PB, n. 3, 30 dez. 1964. fls. 111-v a 112.

POCINHOS. **Lei nº 171/66, de 23 de dezembro de 1966**. Autoriza o poder executivo a realizar compra de imóvel e dá outras providências. Livro de registro de leis 3, Pocinhos, PB, n. 3, 23 dez. 1966. fls. 133 v.

POCINHOS. **Lei nº 159/64, de 30 de dezembro de 1964**. Autoriza o governo municipal a conceder auxílio ao Instituto Nossa Senhora da Conceição e dá outras providências. Livro de registro de leis 3, Pocinhos, PB, n. 3, 30 dez. 1964. fls. 114.

POCINHOS. **Lei nº 191, de 28 de março de 1969**. Regulamenta o Mercado Municipal. Livro de registro de leis 4, Pocinhos, PB, n. 4, 28 mar. 1969. fls. 15 -19.

SOUTO, Adriana. **Fotografia avulsa**, 1940 e 1944. Acervo pessoal.